

Maracatu

Az de Ouro

70 anos de Memórias, Loas e Batuques

PINGO DE FORTALEZA

Maracatu

Az de Ouro

70 anos de Memórias, Loas e Batuques

Pesquisa aprovada no II Edital das Artes - Secult, 2005

Publicação aprovada no I Edital das Artes - Funcet, 2006



Copyright © 2007 João Wanderley Roberto Militão

Idealização, pesquisa e produção
Pingo de Fortaleza

Revisão
Washington Menezes

Projeto Gráfico e diagramação
Marildo Maciel

Foto - contra-capá
Calé Alencar

Omni Editora Associados Ltda.
R. Joaquim Sa, 746
Dionísio Torres
CEP: 60130-050 Fortaleza/CE
Tel: (85) 3247.6101

Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar
Av. da Universidade nº 2333 Benfica
CEP 60020-180 Fortaleza/CE
Telefone: +55 85 3226 1189
www.associacaosolar.com.br
assciacaosolar@gmail.com

ISBN 85-88661-97-7

M637m Militão, João Wanderley Roberto (Pingo de Fortaleza)

Maracatu Az de Ouro: 70 anos de memórias, loas e
batusques / João Wanderley Roberto Militão. – Fortaleza
: OMMI : Solar, 2007.

186p. : il.

1. Maracatu I. TÍTULO

CDD: 394.25

Direitos exclusivos desta edição reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação por qualquer meio,
seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei 5.988

Fortaleza, 2007

Dedicatória e Agradecimentos

Dedico este “Maracatu Az de Ouro – 70 anos de Memórias, Loas e Batuques” aos mestres Raimundo Alves Feitosa e Juca do Balaio (inspirações e essências maiores deste maracatu) e também a Raimundo Athayde (amigo verdadeiro deste maracatu nas horas em que convivi com ele como vice-presidente), todos em memória. Dedico também aos parceiros Calé Alencar, Guaracy Rodrigues, Descartes Gadelha e Marcos Gomes, responsáveis diretos por minha presença no Maracatu Az de Ouro e no carnaval de rua de Fortaleza.

Agradeço aos inúmeros amigos e instituições que me ajudaram a concretizar este projeto inovador e enriquecedor ao meu universo de trabalho, entre eles:

A Glória Freitas, por sua orientação e incentivo em todas as etapas deste processo.

A Cláudia Gomes de França, minha companheira, pela cuidadosa transcrição das entrevistas e pelo carinho em todos os momentos.

Aos amigos e parceiros de Az de Ouro: Mário Thé e Ravel Holanda, pelo acompanhamento e apoio nas entrevistas e pesquisas, e especialmente ao Mário, pela liberação de suas fotos para publicação neste trabalho.

Aos amigos do Planeta Stúdio, Ailton Monttezuma e Luciano Bertinni, pelo profissionalismo e carinho na finalização do CD das loas deste maracatu.

A todos os funcionários da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Ao amigo Erivaldo Casimiro pela contribuição na elaboração inicial do projeto de pesquisa.

Ao Washington Menezes pelo primoroso trabalho de revisão e pelas sugestões na construção literária.

Aos amigos Rosemberg Cariry e Gilmar de Carvalho pelos comentários carinhosos.

A Camila Garcia pela amizade e contribuição técnica.

Aos amigos do BNB que contribuíram com a impressão deste trabalho: Roberto Smith, Mauricio Lima, Paulo Mota, Adriano, Carlos Eduardo e todos funcionários da gráfica desta instituição.

Ao parceiro Marildo Maciel, pelo profissionalismo na editoração gráfica.

Ao professor Frederico Castro Neves, pela leitura atenciosa e sugestões.

Ao Wilton Matos da Mirandácaru, pela dedicação e benevolência na diagramação primeira deste trabalho e pela liberação de suas fotos para ilustrá-lo.

A todos da SECULT que participaram do II Edital das Artes (2005) e à própria SECULT, por propiciar esta pesquisa e este trabalho impresso.

Aos meus amigos da SOLAR, presentes cotidianamente em todos os meus trabalhos: Arnóbio Santiago, Tieta Pontes, Mileide Flores, Jorge Ramos, Alan Mendonça e todos os brincantes do Maracatu Solar.

Aos amigos da Caixa Econômica Federal: Catharina Capistrano, Wellington Nunes e Odilon Pires, pelo apoio à publicação deste projeto.

A todos os funcionários da FUNCET, pelo profissionalismo no encaminhamento do Edital das Artes, especialmente a Fátima Souza, da Coordenação de Literatura.

A todos os entrevistados que contribuíram com suas memórias para dar vida e alma a este trabalho.

E, finalmente, a todos os brincantes de maracatu de Fortaleza, especialmente aos brincantes do Maracatu Az de Ouro, exemplificados nas figuras de Seu Zé (pai do Marcos) e Luci (rainha do Az de Ouro), verdadeiros autores desta festa e deste “Maracatu Az de Ouro – 70 anos de Memórias, Loas e Batuques”.

EU VOU E VOCÊ NÃO VAI...

O livro “Maracatu Az de Ouro – 70 anos de Memórias, Loas e Batuques” valeria só pela pesquisa histórica, pelos muitos acontecimentos, efemérides, datas e dados, antes escondidos nas páginas dos livros diversos e dos jornais amarelados, que agora se revelam e se juntam para, devidamente interpretados, sugerirem novas visões. Se fosse apenas isto, já era de bom tamanho, mas temos bem mais. O compositor, cantor, carnavalesco, produtor cultural e militante Pingo de Fortaleza conta neste livro a história por dentro da veia, no arremesso da alma, no bem vivido e sofrido, com a experiência pessoal e intransferível de quem sofreu e gozou muito do que conta.

Das páginas deste livro, saltam as figuras singulares dos pioneiros Raimundo Boca Aberta, Afrânio Rangel, Zé Rainha, Mestre Juca do Balaio, Índio Clementino e Malu Calunga (entre tantos outros), até chegar à contribuição marcante de Paulo Tadeu, Calé de Alencar, Descartes Gadelha, Raimundo Atahyde, Guaracy Rodrigues, Pingo de Fortaleza, Dilson Pinheiro e muitos outros artistas e intelectuais fortalezenses que juntaram esforços e talentos em prol do Maracatu cearense, dando-lhe nova força e visibilidade.

Ceará é terra de caboclo e, em terra de índio, se pinta de negro, se morre de banzo, se sofre saudades de uma África imaginada em sonhos. A negritude do Maracatu cearense é pura invenção da alma do povo mestiço e pobre. Um povo que elabora suas metáforas e enigmas nas figuras de reis e rainhas, pretos velhos e balizas, alas de índios e vassalos, cordões de baianas e damas dos passos, batuqueiros e calungas, estandartes e lampiões, formando assim uma constelação imaginária e cósmica que brilha na noite profunda da coletiva alma, sempre envolta em falso negrume.

É grandioso um povo que se faz outro povo e que, neste povo reinventado, a si mesmo se reinventa. Branco ou sarará, cafuzo ou caboclo, amarelo ou mulato, não importa. É só pegar a tinta feita com graxa de sapateiro e fuligem de lamparina e pintar o rosto de um preto tão preto que nunca houve igual. Quem era Joaquim virou Joaquina.

Quem era pobre virou Rei. Quem era bicha virou pai de Santo. Quem era novo virou Preto Velho. Quem era velho virou baiana. Quem era pobre virou rico. Quem era rico de verdade ficou por lá mesmo, porque cá não veio... No Maracatu tudo vira preto, preto e retinindo como a noite escura, pois medo de escuridão ninguém tem. Todo cearense é filho do sol e, sem temer insolação, habita a terra da luz.

O Maracatu cearense vive de um constante reinventar-se, do ininterrupto fluxo da ressurreição das cinzas. Surge e desaparece, brilha e se apaga, feito o mar em seus fluxos e refluxos. Uma história e uma cultura se constroem assim... um põe, um derruba, outro repõe com mais vontade e disposição do que seus antecessores. Um é pau, e outro é pedra. Um é aço, e outro é rosa. Um é maracatu Az de Ouro, e outro é maracatu Rei de Paus. Um é Vozes da África, e outro é Solar. Um é Nação Baobab, e outro é Rei Zumbi. Um é Nação Iracema, e outro é Nação Fortaleza. Um jura, outro nega. Um tipifica, e outro ratifica. Dois se opõem, e um terceiro faz a síntese, que, por sua vez, terá opositores e defensores. Assim caminha a história e a humanidade, sempre parecendo diferente, mas em tudo sendo igual porque paridos de um mesmo sonho.

Sabendo disso, Pingo de Fortaleza, discípulo de Juca do Balaio, mestre de batuques e maracatus, dá a sua contribuição e, sem alardear certezas, porque cômico do seu trabalho, põe o seu bloco na rua. Ele sabe que daqui a muitos anos, quando o Maracatu já for uma tradição cearense bem mais velha, nos alicerces desta história, ele colocou as suas pedras cimentadas não apenas com os dados e as datas, mas sobretudo com a argamassa do sonho e com o sangue da paixão. O resto é puro encantamento, é virar menino três vezes: no corpo bailando quase em câmera lenta, no sonho sonhado feito um filme-alumioso projetado a cada anoitecer, na voz molenga que entoia uma loa tão cheia de graça que, no nosso coração, faz morada e, namorando o eterno, não se cansa de cantar: “Eu vou e você não vai, apanhar macaúba no balaio”. Só apanha macaúba quem tem um “maracatu” para sonhar. Pingo de Fortaleza da vida já aprendeu esta singela e preciosa lição.

O Maracatu Az de Ouro é um dos tesouros da cultura popular cearense, e o seu fundador, Raimundo Boca aberta, um herói que

mereceria uma estátua em praça pública, ao lado de Patativa do Assaré, Cego Aderaldo, Cego Oliveira, Cego Heleno, Zé de Matos, Juca do Balaio e tantos outros gênios da mestiça raça.

Rosemberg Cariry

Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção – Agosto de 2007.

MARACATU, BATUQUE E MEMÓRIA.

Pingo de Fortaleza é um artista em sintonia com a expressão tradicional popular.

Depois de mostrar seu lado compositor / cantor, agora nos dá esse relato dos setenta anos do “Maracatu Az de Ouro”.

A história desse cortejo ritual / carnavalesco cearense está sendo escrita, aos poucos, por várias mãos (Sérgio Pires, Paulo Tadeu).

Pingo de Fortaleza recupera uma parte dos cronistas e memorialistas, como Gustavo Barroso e João Nogueira, nas relembrações dos batuques ou macumbas de uma infância perdida, no final do século XIX.

Podemos citar Eduardo Campos que, ao tratar das irmandades processionais do Ceará nesse período, fala de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e da gênese do cortejo, nas ruas do Crato, Icó e Fortaleza, cujo clímax seria a coroação da rainha africana.

Pingo não embarca e nem poderia embarcar na hipótese equivocada de que o maracatu cearense nasceu em 1936 e foi trazido de Pernambuco na bagagem de Raimundo Alves Feitosa, o “Boca Mole”.

Claro que “seu” Raimundo merece homenagens, juntamente com Juca do Balaio, Zé Rainha e tantos outros que mantêm vivo o langor desse batuque modorrento, solene e ritual, a se arrastar pelas ruas de uma Fortaleza que dá as costas para esse tipo de carnaval.

Pingo levanta, com propriedade, a tese da ressignificação do cortejo, trazendo-o para o carnaval de rua, com todas as implicações daí advindas.

“Boca Mole” reinventou o maracatu e pode ter sido o elo perdido entre os cortejos do Outeiro, do Morro do Moinho, de outras ruas então periféricas (Padre Mororó ou Governador Sampaio) e o espetáculo apoteótico de luzes, pálios, leques, espelhos e carros

alegóricos, vivos, intensamente, depois da entrada em cena do “Estrela Brilhante” e do “Az de Espadas”.

A história dos maracatus é uma história da festa, mas também da luta pelo poder e pela hegemonia a partir da competição em que eles foram inseridos.

Pingo encontrou nos jornais uma fonte importante de seu levantamento e recupera com as entrevistas a vozes que não mais ouviremos. Ele conseguiu reunir nessa pesquisa um material de grande valia para, a partir do passado, compreendermos o presente e traçarmos um projeto de futuro.

Os maracatus trazem a malemolência sensual da dança e a saudade de uma África perdida nas inúmeras e dolorosas travessias.

A cara pintada de tisna não macaqueia uma negritude, antes nos dá a dimensão trágica de um teatro nô com o predomínio do preto. A consciência negra já pulsava na percussão e se manifestava na performance do corpo e na voz que entoava a loa.

Trouxe para o meio da rua o índio que deixamos de ser, por decreto, em 1861. Essa mistura faz do nosso maracatu único, síntese entre a “nação” e os caboclinhos.

Pingo trabalha com imagens e busca no fundo dos baús os álbuns amarelecidos de antigos brincantes, como Afrânio Rangel e tantos outros, anônimos, fixados pela câmera que assegurou sua permanência.

E acrescenta a seu / nosso livro um disco com importantes documentos sonoros que vão do registro feito para a Biblioteca do Congresso Norte-Americano, em 1943, à contribuição de Cale Alencar, Descartes Gadelha, do próprio Pingo e de tantas outras vozes.

Mais que uma pesquisa participante, podemos falar de um compromisso com o folguedo, uma viagem na contramão dos modelos impostos pela mídia (escolas de samba) ou pelo mercado (micaretas).

O livro de Pingo de Fortaleza preenche uma lacuna e nos faz pensar no que fizemos do nosso carnaval e do legado africano que grita de dor nos anúncios dos jornais ou baila nos salões libertários,

enquanto a calunga abre nossos caminhos e dança na baia dos terreiros dos rituais afro-brasileiros, como espaço do sincretismo das culturas que se entrelaçam.

Gilmar de Carvalho

Sumário

EU VOU E VOCÊ NÃO VAI... - Rosemberg Cariry **7**

MARACATU, BATUQUE E MEMÓRIA. - Gilmar de Carvalho **10**

Introdução 17

1. Impressões pessoais sobre a história e contemporaneidade do Maracatu. **19**
- 1.1. O Maracatu é uma festa. **21**
- 1.2. Primeiras notícias das festas dos Maracatus no Ceará. **23**
- 1.3. Muitas respostas para uma mesma pergunta: De onde vem essa festa do Maracatu? **26**
- 1.4. As diversas histórias que deram início a estas festas de Maracatu no Ceará. **28**
- 1.5. Quando se inventa a festa do Maracatu Az de Ouro em 1937. **32**
- 1.6. A festa do Maracatu Az de Ouro no carnaval de Rua de Fortaleza na década de 1940. **34**
- 1.7. A festa do Maracatu Az de Ouro no ano de 1950 e o impacto do surgimento dos Maracatus Az de Espada e Estrela Brilhante. **36**
- 1.8. O 1º momento de ausência da festa do Maracatu Az de Ouro, de 1951 a 1957, no carnaval de Rua de Fortaleza. **40**
- 1.9. Um breve retorno da festa do Maracatu Az de Ouro ao carnaval de rua de Fortaleza, nos anos de 1958 e 1959. **41**

- 1.10. A grande ausência da festa do Maracatu Az de Ouro no carnaval de rua de Fortaleza, de 1960 a 1969. **42**
- 1.11. A volta triunfal do Maracatu Az de Ouro ao carnaval de Rua de Fortaleza, na década de 1970. **44**
- 1.12. O Maracatu Az de Ouro e seus vários caminhos na década de 1980, no carnaval de Rua de Fortaleza. **46**
- 1.13. A festa do Maracatu Az de Ouro no Carnaval de Rua de Fortaleza, sob a presidência de Marco Gomes, nos difíceis anos da última década do Século XX. **48**
- 1.14. Um relato pessoal por dentro da festa do Maracatu Az de Ouro nos carnavais de Rua de Fortaleza, de 2000 a 2006. **51**
- 1.15. Algumas palavras finais sobre a festa do Maracatu Az de Ouro. **65**
2. Maracatu Az de Ouro – 70 anos de memórias. **67**
 - 2.1. “Quando a Boca do Mundo se Abriu, Raimundo Sorriu Para a Vida”. **69**
 - 2.2. “Maracatu é o Az de Ouro Que Mestre Juca Eternizou”. **73**
 - 2.3. Afrânio Rangel – Uma Majestade entre Loas. **96**
 - 2.4. Zé Rainha – Uma Rainha “De Glórias e Histórias de Vida”. **109**
 - 2.5. Índio Clementino, do Maracatu Az de Ouro. **116**
 - 2.6. Malu – A Calunga do Maracatu Az de Ouro. **122**
 - 2.7. Paulo Tadeu – “Assim Brotou sua Inspiração de Criar uma Grande Nação de Maracatu”. **128**

3. Cronologia do Maracatu Az de Ouro, de 1936 a 2007. **143**
 - 3.1. Cronologia do Maracatu Az de Ouro, de outros Maracatus e dos Carnavais de Rua de Fortaleza, de 1936 a 2007. **145**
4. Principais características do Maracatu Az de Ouro. **161**
 - 4.1. Dados de identidade do Maracatu Az de Ouro. **163**
 - 4.2. A célula rítmica do Maracatu Az de Ouro. **165**
 - 4.3. Planta baixa do Cortejo do Maracatu Az de Ouro. **166**
 - 4.4. Figuras do Maracatu Az de Ouro e seus significados. **167**
5. Imagens e reportagens do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques. **172**
 - 5.1. Imagens do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques. **174**
 - 5.2. Reportagens do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques. **180**
6. Loas e Batuques do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques. **182**
 - 6.1. Loas do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques. **184**
- Glossário. **187**
- Índice de Fotografias. **189**
- Bibliografia. **191**

Introdução

“Meu filho, meu maior sonho era ver esses bonecões dentro do nosso maracatu”. Dessa maneira, Mestre Juca me tranqüilizou ironicamente de uma inquietação que eu trazia desde os primeiros ensaios do Maracatu Az de Ouro, para o Carnaval de 2000 e, ali, na Avenida, com essas palavras, poucos minutos antes do desfile oficial, me autorizava a falar para meu amigo bonequeiro Omar Rocha que pegasse seus “bonecões” (um casal de negros), que estavam no seu carro, logo ali próximo, e os colocasse na avenida, dentro do cortejo do Maracatu Az de Ouro.



Fig1. Os Bonecões do sonho do Mestre Juca na festa do Maracatu Az de Ouro, carnaval de rua de Fortaleza 2000

Esse era o desfecho de uma conversa que tentei travar várias vezes com o Mestre, nos ensaios, mas que, na hora de falar, não me sentia à vontade, por temer a “tradição” do Maracatu Az de Ouro. Nos nossos primeiros diálogos, apenas superficialmente ventilava a idéia de que o Omar estava ali ensaiando e que ele também era bonequeiro profissional, e que trabalhava também com aqueles “bonecões”. Meu receio - e também do Omar - de expor esta possibilidade ao Mestre e de levarmos um “carão” (uma advertência) adiou essa conversa para o domingo de carnaval, no momento da concentração do Maracatu Az de Ouro para seu desfile oficial.

A resposta e a postura de Mestre Juca em relação ao seu sonho e ao Maracatu Az de Ouro exemplifica a forma como esse trabalho foi concebido e gerado, e reproduz suas fontes contínuas de inspiração, se traduzindo numa liberdade viva inerente aos artistas e, especificamente, ao Maracatu Az de Ouro: uma manifestação resultante dessa liberdade e inspiração coletiva.

Colocar os “bonecões” como um sonho no Cortejo de

Maracatu e sentir a alegria e a realização nesse ato, nesse “Maracatu Az de Ouro – 70 Anos de Memórias Loas e Batuques”, é não ter medo de elaborar e recriar idéias e concepções a partir da história da vida dos brincantes e do Maracatu Az de Ouro.

Para um criador, a história é apenas um elemento a mais na composição de sua obra, que se pretende amada, necessária e vital, primeiro para ele próprio e depois para todos que a ela tenham acesso.

Meu desejo é que o sonho de Mestre Juca, realizado com as presenças dos “bonecões” no cortejo do Maracatu Az de Ouro, no carnaval de rua de 2000, fruto de um momento de inspiração coletiva, se multiplique e contagie a todos nesse “Maracatu Az de Ouro – 70 Anos de Memórias Loas e Batuques”, composto de seis momentos que se complementam:

- 1 - Impressões pessoais sobre a história e contemporaneidade do Maracatu Az de Ouro.
- 2 - Maracatu Az de Ouro – 70 anos de memórias.
- 3 - De uma cronologia do Maracatu Az de Ouro, de 1936 a 2006.
- 4 - Das características principais do Maracatu Az de Ouro.
- 5 - De Imagens e reportagens do Maracatu Az de Ouro, nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques.
- 6 - Das Loas e Batuques do Maracatu Az de Ouro, nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques.

E quando já me preparo para concluir a introdução desse “Maracatu Az de Ouro – 70 Anos de Memórias Loas e Batuques”, eis que já “eco a loa do Maracatu”.

1

Impressões pessoais sobre a história e contemporaneidade do Maracatu.



emóriasloasbatuquesmemóriasloasbatuqu

1.1. O Maracatu é uma festa.

Um homem se aproxima e nos observa meio espantado. Quer uma resposta para aquilo que vê e não conhece: Aquelas pessoas se pintando, outros ainda vestindo suas fantasias, alguns já batendo aleatoriamente seus tambores e ferros, todos se movimentando apressadamente. Então se aproxima e me pergunta sem rodeios: “O que é isso?”. “É um Maracatu”, respondo, também apressadamente, para continuar me arrumando para o início da apresentação. “E o que é um Maracatu?”, insiste o transeunte que, ao passar naquela rua, presencia mais um momento



Fig.2 Haroldo Rangel fantasiado de macumbeiro, na festa do Maracatu Az de Ouro, 1958.

“de apronto” que antecede muitas das apresentações que o Maracatu Az de Ouro faz no decorrer do ano e que, na maioria das vezes, por falta de um “camarim”, acontece na própria rua. “É uma festa”, agora falo como quem dá uma resposta definitiva e saio para começar a cantar as loas do maracatu. Esses momentos de indagação são sempre presentes quando nos apresentamos ou

mesmo em conversas onde o tema está em pauta: muitos querem saber o que é o Maracatu.

O Maracatu é realmente uma festa. Um encontro de pessoas fantasiadas, com o rosto pintado de preto, dançando, cantando e tocando instrumentos. São figuras encarnando personagens de um único enredo: um cortejo de coroação de uma Rainha Negra, realizando um momento mágico de louvação. Esse “apronto” do Maracatu Az de Ouro na rua existe porque, em determinado momento da história, algumas pessoas deram início a essa manifestação e, certamente, circunstâncias e características pessoais e coletivas suscitaram nessas pessoas a vontade e a coragem de realizar essa festa e montar esse

grupo que, desde o seu início, e até hoje, é composto por pessoas da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará no Brasil. Inseridas em sua geografia e em sua historicidade, essas pessoas agregaram os momentos, as energias, a racionalidade e as casualidades que fizeram aflorar essa grande festa.

Quanto ao significado do termo maracatu, existem várias versões difundidas, sendo duas as mais recorrentes: A primeira é que a palavra seria oriunda da expressão “maracatucá”, utilizada pelos brincantes dessa manifestação com o significado de “vamos embora” ou “vamos debandar”, ou ainda, de “batuque” e da “própria festa”. Alguns defensores dessa tese chegam a afirmar que os brincantes de maracatu no passado se despediam uns dos outros usando a expressão “Maracatucá”. Sem uma explicação etimológica, essa versão se sustenta na idéia básica da palavra maracatu, como fruto de uma onomatopéia, resultante dos sons dos tambores desta manifestação.

A segunda corrente, que tem Mário de Andrade como um dos principais difusores, defende o termo maracatu como de origem ameríndia, sendo procedente da derivação de maracá, instrumento ameríndio e catu, que quer dizer bonito, no idioma tupi.

O termo maracatu pode ainda ser sinônimo de Nação, afoxé e cambinda.

Com qualquer uma dessas origens de significado, a festa do maracatu se consolidou em vários estados brasileiros, especialmente no Nordeste, estando presente em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e no Ceará.

No Ceará, o maracatu se consolida através da existência de quase uma dezena de agremiações vivas e pulsantes, principalmente presentes no carnaval de rua de Fortaleza. Dentre esses grupos, está o Maracatu Az de Ouro, que se “apronta” com seus brincantes muitas vezes na rua para realizar mais uma festa de música, dança e encenação da coroação de uma rainha negra acompanhada de um cortejo.

1.2. Primeiras notícias das festas dos Maracatus no Ceará.

As primeiras notícias de Maracatu no Ceará aparecem estampadas em memórias e relatos de cronistas do cotidiano fortalezense que, nos finais dos anos de 1800 e início dos anos 1900, discorriam os seus olhares sobre suas vidas e sobre os movimentos da sociedade na qual estavam inseridos. São estes artistas e memorialistas, tais como: João Nogueira, João Brígido, Mozart Soriano, Otacílio Azevedo e Gustavo Barroso, que nos traduzem suas primeiras impressões sobre o Maracatu cearense.

No seu livro “Coração de Menino”¹, Gustavo Barroso² se reporta a fatos de sua infância no ano de 1898 e assim se refere ao carnaval e aos maracatus Fortalezenses:

“Chega o carnaval. O baticum do Zé Pereira estruge por todos as ruas. O povo chama aos três dia de folia – O Tempo dos Papangus. Os Papangus são os mascarados que enchem as ruas principais embrulhados em lençóis, cobertos de dominós ou disfarçados de todas as maneiras. Alguns já são tradicionais. O Zé Viana, por exemplo. Todos os anos, enfia umas calças brancas nas longas pernas, mete-se numa sobrecasaca, põe à cabeça um capacete colonial de cortiça, prega na cara umas suíças louras, agarra um nível de engenheiro e anda pelas calçadas a fingir que está tomando medidas para o encanamento do gás, soltando pilhérias apimentadas.

O que eu gosto no carnaval é não ir ao colégio e ficar o dia inteiro brincando na calçada do nosso sobrado e ver passar os mascarados. Às vezes dou um pulo ao passeio público e apanho na Avenida Caio Prado um bocado dos confetes jogados na batalha da véspera, com o qual faço outras batalhas em casa. Deram-me uma máscara de palhaço, que ponho à cara e falo fanhoso, fazendo medo aos meninos menores do que eu.

É uma forma de vingar-me do pavor que me fazem os maracatus do Outeiro ou do Morro do Moinho, quando descem para a cidade. São duas filas de negros cobertos de cocares, com

¹ Coração de Menino, In Memórias de Gustavo Barroso, Governo do Estado do Ceará, Ce, 1989.

² GUSTAVO BARROSO nasceu no dia 29 de dezembro de 1888, na cidade de Fortaleza, CE. Desde pequeno interessou-se pelas letras. Estudou no Colégio Partenon Cearense e no Liceu do Ceará. Em 1906 estreou na imprensa com um artigo sobre o descobrimento da América. Coursou a Faculdade de Direito de Fortaleza e bacharelou-se em 1911 pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Publicou inúmeras obras, ensaios e artigos na imprensa e em revistas especializadas.

saiotes de penas pretas, dançando e cantando soturnamente ao som dos batuques e maracás, uma melopéia de macumba: “Teia, teia de engomá! Nossa rainha mode coroá! Vira de banda! Torna a revirá!”.³

Corro e vou esconder-me até não ouvir mais o som do ganzá e do batuque do maracatu. São as duas cousas que mais me apavoram: o maracatu e o corredor de entrada do nosso sobrado, à noite”.

Em geral, os maracatus citados desta época são: Maracatu do Morro do Moinho (Arraial Moura Brasil, por trás da estação central ferroviária João Felipe), Maracatu do Outeiro (Aldeota Antiga, região do atual Colégio Militar), Maracatu da Rua de São Cosme (atual rua Padre Mororó), Maracatu do Beco da Apertada Hora (atual Rua Governador Sampaio) e Maracatu do Manuel Conrado, que aparecem principalmente nos carnavais e deslocam-se de suas localidades, explicitadas em seus nomes, para o centro da cidade. São grupos pequenos, suas figuras trazem índios e negros, todos batucando, a maioria tocando maracá. Um desses cronistas, João Nogueira, em um de seus registros quando fala do carnaval de Fortaleza, por volta do ano de 1880, já se refere à prática de um deles desfilar com seus brincantes tendo o rosto pintado de negro.

Assim, João Nogueira descreve os maracatus:⁴

“...Até cerca de 1880 o nosso carnaval cifrava-se, quase, em pequenos grupos de mascarados e de máscaras avulsas ou papangus, que andavam pelas ruas a dizer graças sem graça alguma, somente nos três dias do folgado.

Outro grupo que aparecia uma vez ou outra era dos maracatus. Formado só de homens, vestidos de mulher, saias brancas, e cabeções de renda, traziam o corpo e o rosto pintados de negro. À simples vista pareciam africanos. Não dançavam. Andavam lentamente, pelas ruas. Assim vimos passar algumas vezes estes precursores das famosas Marretas. Acompanhados de reco-recos e de maracás, cantavam: “Aruenda tenda cadê ioiô. A nossa rainha já se coroou”.

Das memórias de João Nogueira, deduz-se a ausência de mulheres nos grupos de maracatu, característica que prevaleceu de forma rígida até a década de 1960, quando as mulheres passaram a participar ativamente de alguns maracatus.

³ Trechos desta canção, ainda hoje, são cantados na loa de coroação dos Maracatus Cearenses.

⁴ JOÃO FRANKLIN DE ALENCAR NOGUEIRA nasceu no dia 27 de outubro de 1887, na cidade de Fortaleza, CE. Foi engenheiro civil, cronista histórico e muito se interessou pela tradições regionais. Foi membro do Instituto do Ceará e publicou diversas obras na área do Folclore.

Quanto ao hábito de pintar-se de negro no Maracatu Cearense, característica das mais peculiares desta manifestação no estado, sabe-se que essa prática está enraizada em todas as culturas. O homem, em suas diversas festas e folguedos, se pinta de várias cores. Na África, também, um negro se pinta de negro, mas não há nenhuma teoria de resistência, afirmação, ou negação de raças nessa postura. Em estados brasileiros com a presença abundante de negros e escravos, também se pinta o rosto de negro, como nas cambindas (cordões de negras) que até hoje existem nas cidades de Lucena e Taperoá (Paraíba), e Pesqueira e Ribeirão (Pernambuco). É o mágico momento da transcendência, do apartar-se do cotidiano, um ato tão peculiar ao universo do carnaval, no qual o maracatu se insere, assim como o negro Mateus dos reisados.



Fig.3 Cambindas. Ribeirão, PE

Hoje alguns estudiosos defendem a tese do “pintar-se” como uma forma de resistência à teoria do “branqueamento do Ceará” (afirmativa da ausência de negros em nosso processo de colonização). Outros reportam-se a essa mesma atitude como ação oposta, realizada com o intuito de fazer esconder-se por trás do negrume, para o não reconhecimento pessoal dentro do coletivo. Existe também, com solidez, a idéia da defesa do “negrume” simplesmente como uma máscara artística, instrumento estético de uma manifestação cultural. Resistir, esconder-se ou simplesmente pintar-se para brincar são três caminhos que – cada qual ao seu modo – tentam justificar essa prática recorrente de todos os maracatus cearenses, a qual tem se transformado em uma das características mais marcantes desta manifestação no estado do Ceará.

Dos Maracatus citados pelos cronistas, de 1880 a 1899, não se pode precisar as origens e nem detalhar suas características pormenorizadamente. Deles e de seus brincantes, já não se vai mais ter notícias a partir do século XX, mas é possível deduzir que esses grupos e os grupos realizadores do auto do congo em Fortaleza, nas primeiras décadas deste século, serão a matéria-prima que, somada ao sonho de Raimundo Alves Feitosa, fará aflorar o surgimento do primeiro maracatu eminentemente carnavalesco de Fortaleza, em 1936: o Maracatu Az de Ouro.

1.3. Muitas respostas para uma mesma pergunta: De onde vem essa festa do Maracatu?



fig.4 Maracatu Az de Ouro - 1958

Assim como o Mestre Juca aceitou e se alegrou com os “bonecões” no cortejo do Maracatu Az de Ouro, no carnaval de 2000, desde que comecei minha vida artística e tive a felicidade de conviver com Mestres e manifestações culturais das mais diversas, também aprendi a dinâmica desses encontros e dessas manifestações.

Hoje, reconheço neles a inexistência da lei do imutável e vislumbro, em cada ser brincante, um artista e, em cada grupo, uma junção de artistas, cujas cabeças fervilham de idéias e de inovações. E só os mais descuidados observadores, alheios aos seus convívios, teimam em rotulá-los de estáticos.

Aprendi com os Mestres Juca e Boca Rica (Mestre de bonecos de boi, com quem trabalhei na década de 1980) que os homens e seus sonhos vivem dentro dos Maracatus, dos Bois e dos Reisados, e que eles viajam constantemente na inspiração coletiva e nas necessidades de seu tempo e de seu cotidiano, transformando seus grupos num reflexo vivo dessas realidades.

Num processo de muitas possibilidades, é possível afirmar que os Maracatus teriam vindo da Coroação dos Reis de Congo e também do Auto do Congo que, por sua vez nasceram nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, assim como se tudo fosse simplesmente se transformando em algo diferente. Na praticidade do cotidiano, um conjunto muito maior de fatores e sonhos pessoais e coletivos interfere nesses contextos históricos complexos e lhes atribui funções diferentes, de acordo com o tempo, o lugar e o agrupamento.

O Maracatu Az de Ouro é único em seu jeito de ser, resultado do conjunto de pessoas que o fizeram existir nesses seus 70 anos de nascedouro (comemorados no dia 26 de setembro de 2006). Sua singularidade deve muito também ao contexto social de sua cidade e seu estado, contexto que lhe propiciou a possibilidade de acontecer e se firmar como um grupo identificável e realizador de uma festa. Com uma certa liberdade de inspiração, o Maracatu Az de Ouro continuou existindo (apesar das perdas de seus brincantes fundadores e de outros brincantes importantes), e hoje está presente nos carnavais de rua e em outros momentos de ludicidade artística de Fortaleza. Sua característica formal prioritária pode-se resumir a um cortejo em homenagem à Coroação de uma Rainha Negra.

1.4. As diversas histórias que deram início às festas de Maracatu no Ceará.

Os homens nunca se contentaram com os seus limites. No mundo ocidental, agrupamentos humanos, organizados em territórios e detentores de uma cultura peculiar, se transformaram em grandes colonizadores, os quais, em busca de riqueza e de poder, cruzaram mares e fronteiras sem escrúpulo de escravizar outros homens, considerados não-pensantes e sem alma. Assim os católicos portugueses chegaram ao continente africano, por volta de 1450, mais precisamente, ao Reino do Congo, um império de tribos e povos, rico em pedras preciosas e em outros minérios.⁵ Os portugueses chegaram acompanhados de seu Deus e forçaram os habitantes do Congo à rendição e à conversão.

Dessa forma, Reis, Rainhas e Príncipes africanos foram batizados e “alfabetizados” em Portugal. O Reino do Congo virou “parceiro” e, nas cidades do país colonizador, escravos negros irmanados à Nossa Senhora do Rosário, faziam a festa da coroação dos Reis Negros do Congo em forma de encenação. Era um teatro ao ar livre para saudar, em novas terras, os monarcas negros “parceiros”. Não se sabe ao certo o porquê da predileção dos negros pela “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário”. A identificação do rosário com o ifá de contas da cultura religiosa africana é uma das possibilidades de raciocínio para justificar essa predileção.

O expansionista colonizador veio para o novo território denominado Brasil, “achado por acaso”, e para cá trouxe seus escravos negros, quando do ciclo econômico da cana-de-açúcar, para aumentar seus braços e satisfazer com mais rapidez suas necessidades de mais riqueza e poder.

No Brasil, os escravos, num processo dialético de rendição e resistência, passaram a realizar, por todo o território, as festas de coroação dos Reis de Congo, para lembrar, referenciar e reverenciar seus monarcas e seus costumes.

Nessas festas, eram escolhidos escravos para os papéis principais de Rei, Rainha, Juiz, Damas, e outros figurantes, que

⁵ Hoje, no atual Congo, a expectativa de vida é de 40 anos. E, de cinco seres humanos nascidos, apenas um tem a oportunidade de alcançar essa expectativa.

pagavam para exercer seus personagens. A Igreja, por sua vez, também cobrava mensalidades dos irmãos que, com as irmandades, tinham direito ao enterro e a um certo número de badaladas na hora da morte.

As Coroações de Reis Negros têm início, no Ceará, em meados de 1800, época em que foram criadas as irmandades de Nossa Senhora do Rosário: Fortaleza (1840), Aracati (1853), Sobral e Quixeramobim (1854), Santa Quitéria (1858), Russas e Barbalha (1860) e Crato e Icó (1870).

Na festa dos “Reis de Congo”, além da coroação dos reis escolhidos, havia o momento do teatro, da música e da dança, que ficou conhecido como Auto dos Reis de Congo. O roteiro



Fig.5 Rei Cariongo, Congo Real de Aquiraz, agosto de 2003

desse auto no Ceará é quase sempre o mesmo, desde uma transcrição realizada por Gustavo Barroso, de um Auto do Congo do ano de 1900. Essa transcrição foi encontrada por mim, durante um trabalho de mapeamento cultural na cidade de Aquiraz, em 2003 e trata do seguinte enredo: o Rei do Congo, conhecido por Dom Cariongo (o convertido), recebe uma embaixada da rainha N'ginga N'bandi da Angola (essa rainha entra na história por sua força e história pessoal de perda familiar e vingança pelo poder, resistindo ao colonizador português, em aliança a outro colonizador europeu, o holandês, se transformando num marco e numa lenda viva, que atravessa o atlântico e faz dela um dos personagens

principais deste Auto, mesmo que às vezes invisivelmente, apenas representado por seu Embaixador). Na visita de aparente cortesia do Embaixador da Rainha N'ginga N'bandi da Angola ao Rei do Congo, há um contratempo diplomático e o Rei ameaça-o de morte. Após uma conversação, o Embaixador da Rainha consegue um acerto

para que a luta seja leal e travada entre os dois exércitos. De volta, o Embaixador e sua tropa matam o filho do Rei, o Príncipe Sueno, e, logo após, derrotam todo o exército do Rei Dom Cariongo.

Todo o enredo desse Auto, que só acontece após o pedido à Nossa Senhora do Rosário para a sua realização, é conduzido e entrelaçado por falas cômicas do Rei, uma espécie de “coringa”, ou ator cômico, cujo espetáculo é recheado de música e coreografias diferenciadas.



Fig.6 Congo Real de Aquiraz, 1960

Os Autos transcritos ou presenciados chegavam a ter duração superior a quatro horas. Por seu enredo e complexidade, e por sua capacidade de sintetizar contextos históricos, podem ser considerados algumas das mais completas manifestações artísticas de todas as épocas, verdadeiras óperas ao ar

livre, já que não podiam ser realizados dentro das igrejas, contentando-se com o espaço do seu ádrio.

As coroações dos Reis do Congo e seu Auto aconteciam prioritariamente nos dias dedicados aos santos e no período natalino, ou mesmo no Dia de Reis. No Ceará, o dia de Nossa Senhora do Rosário é comemorado, na maioria das cidades, no dia 7 de outubro.

Até hoje, existem grupos de Congo na região do Cariri cearense. Dos Congos do passado, existem notícias de sua realização em Sobral, por volta de 1890, em Maranguape, na década de 30 e, mais recentemente, sabe-se de um Congo que fazia sucesso nos anos 1960, em Aquiraz. Isso sem falar nos famosos Congos de Fortaleza do final do século XIX e início do século XX.

Os autos, de alguma maneira, se separaram das coroações das irmandades e se consolidaram enquanto manifestação autônoma.

De acordo com alguns historiadores, é uma consequência do processo de romanização da igreja católica no Brasil, nos finais do século XIX, que procurava se distanciar de todo contexto que não tivesse origem na cristandade Romana.

Com a dinâmica inerente às manifestações culturais, é possível afirmar que os Maracatus – com o seu cortejo de Rainhas e



Fig.7 Congo Real de Aquiraz, agosto de 2003, Batalha dos Vassalos do Rei contra o Cordão do Embaixador

Reis negros (com destaque para a Rainha vencedora dos Autos), com os seus batuques e danças – têm as suas origens e reminiscências nas histórias desses Reis e Rainhas encenadas e revividas nos Autos teatrais.

É como se o auto dos congos e a coroação, extensos em seu tempo de representação, e com inúmeras variações de textos teatrais e coreografias, se simplificasse e permanecesse apenas enquanto cortejo de um único enredo – que trata da coroação de uma rainha negra – e migrasse, com sua dinâmica, para o carnaval, espaço lúdico e de liberdade, onde “tudo pode” e “tudo cabe”.

No Ceará, o Maracatu é a festa musical e de cortejo das coroações inspiradas em todas estas manifestações. É fruto desses sonhos, desse teatro e dessa magia e acontece, prioritariamente, no carnaval.

Não há, nos Maracatus cearenses – mesmo nos relatados pelos cronistas antes da criação do Maracatu Az de Ouro, em 1936 – um vínculo formal de religiosidade mais acentuado e assumido. Os grupos, em geral, não nascem a partir de um grupo religioso. Sua religiosidade é a própria



Fig.8 Congo Real de Aquiraz, 1960. Embaixador da Rainha N'ginga e secretários.

música, a dança, a loa e a louvação. O Maracatu é seu próprio templo e terreiro, com suas pregações e seus vários deuses (Calunga) e pais e filhos de santo (casal de pretos velhos e negras), sempre renovados.

O maracatu cearense não se prende a uma ordenação religiosa específica, transita livremente e se faz religioso em sua própria festa, sincrético por natureza e pela natureza de seus brincantes.

1.5. Quando se inventa a festa do Maracatu Az de Ouro.



Fig.9 Raimundo Alves Feitosa, 1995

Já nos anos aproximados de 1920, não se têm mais notícias dos Maracatus citados pelos cronistas cearenses. É quando, em 1930, um “General de Fandangos e Fragatas” (assim se auto-denomina Raimundo Boca Aberta, em 1950), um cearense de nome Raimundo Alves Feitosa viaja a trabalho para Recife. Vai como tecelão, a convite de seu patrão, tecer – sem saber! – em sua alma, a inspiração de um Maracatu cearense eminentemente carnavalesco. Inspiração que colocará em prática no carnaval de rua de Fortaleza,

logo depois de seu retorno à sua terra, com a criação do Maracatu Az de Ouro.

Raimundo Alves Feitosa, o Mundico, ou Boca Aberta, como lhe chamava por implicância seu pai, passou três anos na capital pernambucana. Um homem já envolvido com folguedos e manifestações, como os fandangos (Marujada, Nau Catarineta), e principalmente reisados e congos, se encanta com o carnaval multi-cultural de Recife. Mergulha na sua brincadeira, vai até de manhã nas noitadas carnavalescas, sente e se identifica com a energia das ruas. Sua empatia maior é pelos maracatus, também conhecidos,

nesse período como cambindas (nação). Naquela época, alguns já desfilavam com os rostos pintados de preto. O grupo “Dois de Ouro” era uma dessas cambindas, e Raimundo se encanta com tudo que vê e vive.

Mundico retorna em 1933 e traz com ele um sonho e uma vontade de montar um bloco de maracatu. Conversa com alguns amigos e, algum tempo depois, exatamente no dia 26 de setembro de 1936, funda o Maracatu Az de Ouro. Esse grupo vai refletir, por toda a sua história, a personalidade artística versátil e irreverente do seu Mestre fundador.

O bloco do Maracatu idealizado por Raimundo Feitosa se apresenta pela 1ª vez no carnaval de rua de Fortaleza de 1937, a convite do Rei Momo Ponce de Leon. Com apenas 17 membros, causa impacto por sua originalidade, conforme notícia na imprensa.⁶



Fig.10 Estandarte do Az de Ouro em 1958

Raimundo transfere para o Maracatu Az de Ouro sua experiência de General de Fandangos e Fragatas e de tirador de reisados. Improvisa canções, adapta temas, canta canções do Congo, do reisado e da marujada, empolga com a “macumba” BECO ESTREITO, também denominada “Samba de Guerra”. No 1º ano, já recebe uma taça. Em 1950, numa entrevista ao jornal “Correio do Ceará”, relata que já tem 13 taças.

Mestre Juca conta que o viu tirando reisado antes do carnaval, em 1940, e, ao reencontrá-lo no carnaval desse mesmo ano, na Praça Pedro II, em frente à Igreja da Sé em reforma, recebe um convite para ingressar no grupo. No dia seguinte, já desfila de índio e se contagia pela festa. Mestre Juca foi também um homem de enorme inspiração

⁶ Correio do Ceará e Jornal O POVO.

e luz interior que, muitos anos depois, em 1970, em um ato simbólico de coroação, recebeu o Maracatu Az de Ouro do Mestre Raimundo Feitosa.

O Maracatu Az de Ouro tem seu nome e sua essência inspirados na cambinda pernambucana “Dois de Ouro”, presente no carnaval de Recife, nas primeiras décadas do século XX. Cambinda pode ser entendida como Maracatu ou Nação. Mais especificamente, é um grupo de homens fantasiados de negras, com rosto pintado de preto, que desfilam no carnaval.

O Maracatu Az de Ouro é criado em Fortaleza como bloco carnavalesco, tendo em seu enredo original o tema da coroação de uma Rainha negra, com batuque e hinário próprios. É o primeiro Maracatu cearense desse gênero e até hoje é o inspirador maior de todos os que vieram a nascer em Fortaleza após sua criação. Alguns carregam até nos nomes essa influência – referência às cartas de baralho – para dar sorte. Outros revelam sua reverência nos mais diversos detalhes estéticos, como o Maracatu Estrela Brilhante, fundado por seus brincantes, em 1951.

1.6. A festa do Maracatu Az de Ouro no carnaval de Rua de Fortaleza na Década de Quarenta.

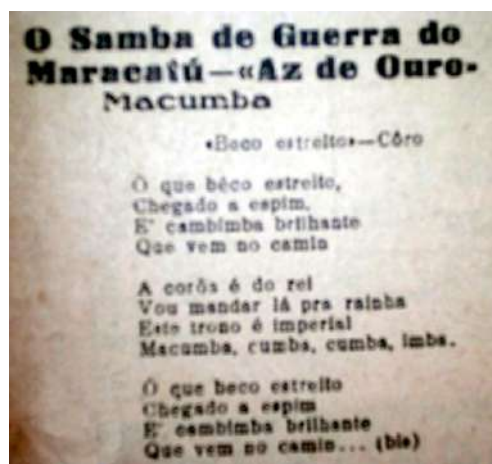


Fig.11 Jornal O Povo, 1940

O Maracatu Az de Ouro se apresenta ininterruptamente no carnaval de rua de Fortaleza de 1937 a 1950. Nos anos 40 do século XX, recebe várias premiações oferecidas pelos órgãos de imprensa local, e é destaque nos jornais locais por ocasião das coberturas carnavalescas.

É o único maracatu a desfilar nesses anos, já que outra agremiação, o Az de Espada, só estréia na avenida em 1950.

A primeira macumba (canção de maracatu hoje denominada de Loa) do Maracatu Az de Ouro é Beco Estreito. Mas Raimundo, compositor e tirador de Loas (macumbeiro) do Az de Ouro, não canta só uma canção no carnaval, canta muitas, tem inspiração, é um artista fervilhando de sonhos e inovação. “Toma três cachaças” e aí é que canta mais e mais bonito. É ele o responsável por fazer a rapaziada cantar.



Fig.12 Maracatu Az de Ouro recebe a taça “Colombina”, 1940

O carnaval de rua de Fortaleza no ano de 1944 tem nove blocos participantes, totalizando um número de 231 foliões. O Maracatu Az de Ouro é um deles e leva em seu cortejo 29 brincantes.

Em 1947, os Diários Associados (PRE-9, Correio do Ceará e Unitário) criam um concurso de premiação para o carnaval de rua de Fortaleza, que se constitui num dos elementos de maior aglutinação de blocos e incrementa o carnaval de rua da cidade, dando-lhe mais dinâmica e visibilidade.

Nesse concurso, o Maracatu Az de Ouro se destaca nos anos de 1947 e 1948, com o título de bloco mais original. Em 1949, perde

o título para o Cordão das Coca-Colas, porém, recebe o troféu de melhor estandarte.

O Maracatu Azul de Ouro é, portanto, o elemento de originalidade no carnaval de rua de Fortaleza, na década de 1940, e Raimundo Boca Aberta é um dos seus destaques. Suas canções, inclusive, foram registradas em 1943, numa gravação realizada pelo musicólogo Luís Heitor Correia de Azevedo. Algumas faixas incluídas no CD “Music Of Ceará and Minas Gerais” foram posteriormente adaptadas para o projeto do CD “Maracatus e Batuques”, lançado em 2001, dentro da Coleção “Memórias do Povo Cearense”, com promoção do Governo do Estado do Ceará e realização da Cariri Filmes e Equatorial Produções.

1.7. A festa do Maracatu Azul de Ouro no ano de 1950 e o impacto do surgimento dos Maracatus Azul de Espada e Estrela Brilhante.

Em 1950, o Maracatu Azul de Ouro tem quarenta e seis membros e duas fantasias: uma usada no sábado gordo e na segunda-feira, feita de chita, e outra para o domingo e terça-feira de carnaval, de saia rendada feita de morim. Sua Rainha, como nos anos anteriores, não é uma mulher, é um homem: Moacir Ribeiro.

O maracatu desfila com os seguintes instrumentos: dois bombos (bumbos), dois surdos, ganzás, cuícas e o regongué. O bloco tem uma Rainha que vem seguida de uma dama que, por sua vez, é acompanhada dos caboclos e dos índios. A macumba (música ou loa) do Maracatu desse ano é “Cambimba velha olha a missanga”:⁷

“Cambimba velha olha a missanga

Olhe esse povo que vem de Luanda

Pela Cambimba que ama os angicos

Dona Glória em Porto Rico.”

⁷ Variação ortográfica de “Cambinda velha olha a miçanga”.

Mas o Maracatu Az de Ouro tem outras melodias no seu hinário, tais como: “Az de Ouro meu amor te chama”, “Levanta a bandeira que vem Luanda”, “A coroa é do rei”, entre outras. E entoa também este refrão:

“Quando ele vem lá da Costa do Ouro
e a Cambimba velha que vem se balançando
no trono dos reis coroados
vem se balançando é no balacombê
Sou Az de Ouro
Maracatu Az de Ouro enfezado
No Ceará ele é respeitado
Trono de prata
Para o Az de Ouro
a rainha é a mulata
a quem dei meu coração”.

Em 1950, o Maracatu Az de Ouro era composto de homens do povo e de profissões simples: engraxates, sapateiros, fuzileiros, chapeados, lustradores etc. Todos os domingos, o bloco ensaiava para o carnaval na rua Solon Pinheiro, 1090, Centro, Fortaleza, local de sua sede provisória.



Fig.13 Maracatu Az de Ouro, Jornal Correio do Ceará, janeiro de 1950



Fig.14 Maracatu Az de Ouro, 1950

No ano de 1950, outra agremiação desfila no carnaval de rua de Fortaleza, denominada Maracatu Az de Espada, fundada por Eli Bessa, empregado de um dos moinhos da empresa J.Macedo, e Orestes Cavalcante. Esse maracatu vem mais organizado e estruturado e, mesmo sem ganhar o carnaval de rua, no ano de sua estréia, sua criação abala o “ascendente” Az de Ouro, que vê seus membros se dividirem, evadirem e criarem o Maracatu Estrela Brilhante, que desfilará pela primeira vez no carnaval de 1951. Os membros egressos são: Alcides (futura rainha do Estrela Brilhante), Zé Bembém e Raimundo Baiaiá, entre outros. É o primeiro racha do Maracatu Az de Ouro

O Maracatu Estrela Brilhante se apropria de quase tudo do Maracatu Az de Ouro: dos seus brincantes, da estética de suas fantasias e do seu batuque. Uma das razões alegadas pelos brincantes do Maracatu Az de Ouro para a iniciativa de criação do Maracatu Estrela Brilhante é a ausência de Raimundo Alves Feitosa em alguns carnavais.

O fato é que, para a disputa vindoura com o estruturado Maracatu Az de Espada (um maracatu de elite, se comparado com o Maracatu Az de Ouro), surgiu a necessidade de nova organização e estrutura que, de acordo com os seus brincantes, estaria nascendo com a criação do Maracatu Estrela Brilhante.



Fig.15 Maracatu Az de Ouro, Carnaval 1950

1.8. O 1º momento de ausência da festa do Maracatu Az de Ouro, de 1951 a 1957, no carnaval de Rua de Fortaleza.

Fragilizado pela ausência de muitos dos seus principais brincantes, que migraram para o Maracatu Estrela Brilhante, o Maracatu Az de Ouro se ausenta do carnaval de rua de Fortaleza no ano de 1951 e permanece ausente até o ano de 1957. Seus brincantes fazem a festa no Maracatu Az de Espada e, principalmente, no Maracatu Estrela Brilhante.

Durante esses anos, os dois maracatus realizam uma disputa acirrada. O Maracatu Az de Espada é campeão nos anos de 1951, 1952 e 1953. Em 1954, perde o título para o rival, o Maracatu Estrela Brilhante (único ano em que este maracatu foi campeão). De 1955 a 1962, o Maracatu Az de Espada brilha soberano e ganha o título de campeão do carnaval de rua de Fortaleza.



Fig.16 Maracatu Estrela Brilhante, 1953

1.9. Um breve retorno da festa do Maracatu Az de Ouro ao carnaval de rua de Fortaleza nos anos de 1958 e 1959.



Fig.17 Maracatu Az de Ouro, 1958

No ano de 1958, o Maracatu Az de Ouro reaparece na avenida. Nesse ano, disputa com os dois maracatus que vêm rivalizando no carnaval dos anos anteriores (Maracatu Az de Espada e Maracatu Estrela Brilhante) e com o estreante Maracatu Leão Coroado. Nessa disputa, o Az de Ouro ganha o prêmio de melhor fantasia, oferecido pelos Diários Associados.

Nesse ano, pela primeira vez, desfilam quatro maracatus, no carnaval de rua de Fortaleza. O grande destaque dado pela imprensa firma de uma vez por todas essa manifestação como uma das mais representativas do nosso carnaval. O Maracatu Az de Espada, mais uma vez, é o grande campeão entre todos os blocos.



Fig.18 Pela primeira vez, quatro maracatus desfilam no carnaval de rua de Fortaleza e são destaques na imprensa. Correio do Ceará, 1958.

No ano seguinte, o destaque também é dos maracatus, e o Maracatu Az de Ouro, embora não premiado, desfila e colabora para parte da imprensa se referir aos maracatus como “majestosos em seus desfiles”. No ano de 1959, o Maracatu Estrela Brilhante é extinto.

Em um desses anos, em função da precariedade de membros e da sua realidade, Raimundo Alves Feitosa, o “Mundico”, demonstra toda a sua versatilidade, arrojo criativo e artístico, saindo ao mesmo tempo como Rainha e tirador de loas do Maracatu Az de Ouro (uma Rainha que canta e encanta). Raimundo reinventa o momento e os papéis, incorpora e agrega personagens, atua de acordo com a necessidade e o amor pela festa. Essas mesmas características estarão presentes, num impressionante sincronismo, em Mestre Juca do Balaio, encarregado maior de “tocar” o Maracatu Az de Ouro, nas décadas de 1970, 1980 e 1990. O saudoso Mestre sempre foi desprovido de limites e livre para brincar e se divertir na grande festa do Maracatu Az de Ouro.

1.10. A grande ausência de 1960 a 1969 da festa do Maracatu Az de Ouro no carnaval de rua de Fortaleza.

Passado o carnaval de 1959, alguns integrantes do Maracatu Estrela Brilhante – extinto nesse mesmo ano – liderados por Antônio Barbosa, resolvem criar outro maracatu. Compram os instrumentos do Maracatu Az de Ouro e fundam o Maracatu Ás de Paus que, posteriormente, no ano de 1964, passará a se chamar Reis de Paus, já sob a direção de Geraldo Barbosa. Do Maracatu Az de Ouro para o Maracatu Reis de Paus saem duas figuras extremamente importantes: Raimundo Alves Feitosa, que será o seu tirador de loas de 1960 a 1969, ano em que retorna para o Az de Ouro, e Mestre Juca do Balaio.

Nasce, então, em 1960, o Maracatu Ás de Paus, incorporando brincantes do extinto Maracatu Estrela Brilhante e do Maracatu Az de Ouro.

Praticamente esvaziado, o Maracatu Az de Ouro volta a se ausentar do carnaval de rua de Fortaleza de 1960 a 1969, caracterizando o seu segundo momento de divisão e da incorporação dos seus membros e características por outros maracatus.



fig.19 Maracatu Az de Espada, em 1965, último ano na avenida

Nos anos de 1960 a 1969, os Maracatus Az de Espada, Reis de Paus, Nação Uirapuru e Leão Coroado dividem os títulos de campeões, sobretudo o Maracatu Rei de Paus, campeão várias vezes nos últimos anos dessa década.

Em 1963, não há desfile dos blocos no carnaval de rua de Fortaleza, como forma de protesto aos poucos recursos anunciados pela Prefeitura para

a sua realização. Desde 1960, essa festa passara a ser uma atividade oficialmente promovida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e, nos anos anteriores, sua dinâmica e organização limitavam-se à Federação das Agremiações Carnavalescas e aos órgãos de imprensa da cidade.

A década de 1960 é bastante representativa para a história dos maracatus. Em 1964, no único ano em que desfila, o Maracatu Nação Uirapuru ganha o título de campeão do carnaval de rua de Fortaleza. No ano seguinte, não resistindo ao fato de não conseguir prosseguir a sua trajetória contínua de títulos, o Maracatu Az de Espada participa pela última vez da festa carnavalesca.

Quanto ao ritmo dolente e lento do Maracatu Az de Ouro e dos outros maracatus cearenses, o músico e artista plástico Descartes Gadelha⁸ afirma que, até o início da década de 1960, todos eram acelerados em forma de batuque e que, só a partir desse momento, com a inclusão de fantasias pesadas na corte dos maracatus pela influência das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, e por iniciativa do maracatu Rei de Paus, o andamento teria sido modificado e se configurado numa forma mais lenta. Como, nesse período, os principais brincantes do Maracatu Az de Ouro participavam do maracatu Rei de

⁸ Em depoimento pessoal para Pingo de Fortaleza.

Paus (Mestre Juca, Raimundo Alves Feitosa e Zé Rainha), é provável que, ao retornarem e reorganizarem o maracatu Az de Ouro em 1970, esses Mestres tenham incorporado o andamento lento como uma das suas características.

Outra concepção era que ambos os andamentos, lento e acelerado, coexistissem, sendo o lento o mais solene, usado principalmente nas macumbas de coroação e algumas outras. A realidade é que a gravação de Raimundo Alves Feitosa, realizada em 1943, e a própria divisão silábica das loas mais antigas, que não se encaixam na divisão rítmica lenta, comprovam indubitavelmente a existência do ritmo mais acelerado no Maracatu Az de Ouro até provavelmente 1959.



Fig.20 Maracatu Rei de Paus, 1966

Atualmente, o andamento lento e a divisão rítmica dos instrumentos do Maracatu Az de Ouro, já inteiramente incorporados à sua tradição, se configuram como algumas das características principais desse grupo que o tornam ímpar no conjunto do carnaval de rua de Fortaleza.

1.11. A volta triunfal do Maracatu Az de Ouro na década 1970.

Mestre Juca conta que, no começo de 1970, está na calçada da sua casa no Jardim América (local onde até hoje se encontra a sede do Maracatu Az de Ouro), quando seu Raimundo chega da feira carregando uma gaiola com pássaros (uma das paixões de Mundico). Os dois começam a conversar, sempre saudosos do Maracatu Az de Ouro e, em determinado momento da prosa, Mundico pergunta se Mestre Juca quer o Maracatu Az de Ouro para ele. Mestre Juca responde

animado que sim e tratam de registrar a troca dos nomes em cartório. Dessa forma, acertam quanto à retomada do bloco e à sua nova organização.



Fig.21 Zé Rainha,
Rainha do Maracatu Az de Ouro, 1976

A volta do bloco para o carnaval de rua de 1970 é preparada com cuidado. Mestre Juca, Mundico e Zé Rainha – brincantes que retornam do Maracatu Reis de Paus – e Neris (do bloco Corte no Samba), cuidam detalhadamente do Maracatu Az de Ouro.

A loa desse ano, composta por Raimundo Boca Aberta, retrata muito bem o retorno: “Ô bate palma, Ô bate palma / dando viva ao maracatu / maracatu é o Az de Ouro / ele morreu mais ressuscitou”.⁹ E, quando quase ninguém mais acreditava, o bloco retorna para o carnaval de rua de

Fortaleza. Mas, dessa vez, definitivamente.

O Maracatu Az de Ouro neste ano é vice-campeão de maracatu e terceiro colocado geral do carnaval, e ganha ainda os títulos de Melhor Corte e Melhor Rainha, credenciando-se assim para uma série de vitórias que viriam nos anos seguintes.

A energia das pessoas, suas irmandades, seus congos, seus fandangos e seus reisados renascem no Az de Ouro, o mais antigo maracatu cearense, que passa a reinar soberano na década de 70. Torna-se hexa-campeão, acumulando os títulos de maracatu dos anos de 1971, 1972, 1973, 1974, 1975 e 1976, além de ser considerado vice-campeão geral do carnaval nos anos de 1971 e 1972.

Seu Zé Rainha é unanimidade de Rainha nesses carnavais. Mestre Juca, que brincara inicialmente de índio, de negra e de princesa, se transforma em um grande balaieiro, e Raimundo Alves, o artista maior, ainda desfila no Maracatu Az de Ouro como tirador de loas.

⁹ Fala-se da presença de trechos dessa loa também no retorno de 1958, novamente usados na loa de 2006, em comemoração aos 70 anos do Maracatu Az de Ouro.

O ritmo, que era acelerado nos anos anteriores, torna-se mais e mais dolente. Quanto aos instrumentos, o Maracatu Az de Ouro usa apenas quatro tipos: bumbos, surdos, ferros (triângulos de mola de automóvel) e um chocalho para marcação. Nessa década, o carnaval do Rio de Janeiro é transmitido ao vivo pela televisão e influencia todos os blocos. A Rainha passa a aparecer na avenida com grande esplendor (cangalha) nas costas, muitas vezes tirando o efeito brilhante e simbólico do chapéu de sol que a protege (pálio). Os maracatus se “escolarizam”, imitam as escolas de samba do Rio de Janeiro, incorporando paetês e lantejoulas às suas fantasias. Ganham até “enredo” em seus quesitos de avaliação, em detrimento de seu enredo original sempre referente a um cortejo de coroação de uma Rainha negra. Outros elementos também que farão parte do concurso até meados da década de 1990 são os carros alegóricos temáticos.

O carnaval de rua de Fortaleza nos anos de 1970 não merece muito destaque na imprensa – que dedica suas informações ao carnaval carioca – e passa a enfrentar problemas sérios de infraestrutura.

1.12. O Maracatu Az de Ouro e os seus vários caminhos na década 1980.



Fig.22 Brincantes do Maracatu Az de Ouro, 1980

No início dos anos 1980, o Maracatu Az de Ouro, desestruturado, quase sem perspectiva de continuidade, faz com que Mestre Juca, seu dirigente maior, procure o jornalista Paulo Tadeu, afeiçoado ao tema dos maracatus, e proponha-lhe a organização do bloco.

De fato, em 1980, o Maracatu Az de Ouro desfila sob a direção do jornalista Paulo Tadeu, que consegue fazer presente em seu cortejo o cantor e compositor Raimundo Fagner, fantasiado de escravo.

No final desse mesmo ano, porém, Paulo Tadeu, junto com outros amigos, funda o Maracatu Vozes da África, no dia 20 de novembro (dia nacional da consciência negra). 1980 marca, ainda, o último ano de Raimundo Alves Feitosa no Cortejo do Az de Ouro na avenida.

Diferentemente das divisões anteriores, essa atitude não esvazia o Maracatu Az de Ouro e, exemplarmente, em conjunto com o estreante Maracatu Vozes da África, ambos se consagram campeões da categoria Maracatu no carnaval de rua de Fortaleza de 1981 (último ano o Maracatu Az de Ouro recebe o título).

O Maracatu Vozes da África, bem como os Maracatus Estrela Brilhante e Reis de Paus, recebe influências diretas do Maracatu Az de Ouro. Seu ritmo de estréia é uma reprodução fiel da célula rítmica do Maracatu Az de Ouro, apenas intencionalmente mais acelerada por seu idealizador rítmico (o músico e artista plástico Descartes Gadelha).

Nos anos seguintes, entre 1982 e 1989, o Maracatu Az de Ouro “passa pela mão” de vários dirigentes e vive um momento de instabilidade. Nesse período, o Maracatu Az de Ouro perde a Rainha campeã de muitos carnavais (Zé Rainha) para o Maracatu Reis de Paus.



Fig.23 Carro alegórico, Maracatu Az de Ouro, 1982

Em 1983, não há a participação dos blocos no carnaval de rua de Fortaleza e, em 1984, o Maracatu Az de Ouro desfila sob a direção de Zequinha e Jales. Nesse mesmo ano, o cantor e compositor Dílson Pinheiro participa pela primeira vez do cortejo, fantasiado de Preto Velho.

No final dessa década, o Maracatu Az de Ouro deixa de desfilar por falta de infra-estrutura, mais precisamente, nos anos de 1988 e 1989. Apático e “dormindo em berço esplêndido”, conforme ironiza Mestre Juca, em suas falas ao justificar a ausência do Az de Ouro na Avenida, o maracatu caminha para uma nova fase, agora sob a presidência de Marcos Gomes.

Durante toda a década de 1980, o Maracatu Az de Ouro passa por uma série de administradores diferentes e distantes do seu núcleo familiar originário. Sem solidez organizacional, deixa inclusive de participar de vários carnavais de rua de Fortaleza nesse espaço de tempo. É nesse contexto de dificuldade que Marcos Gomes é convocado e assume a presidência e a direção do Maracatu Az de Ouro.

1.13. A festa do Maracatu Az de Ouro nos difíceis anos da década de 1990.

A última década do século XX começa com o Maracatu Az de Ouro atravessando os mesmos problemas enfrentados no final dos anos 1980. Apenas de posse do nome do Maracatu Az de Ouro e sem qualquer patrimônio material, Mestre Juca e seus outros dirigentes não conseguem colocar o maracatu na avenida nos anos de 1990, 1991 e 1992. Este último ano, por sinal, é muito difícil para todas as agremiações carnavalescas do Ceará que, por falta de apoio institucional, desfilam sem caráter competitivo, o que revela a fragilidade e a desorganização dos carnavais de rua de Fortaleza nesse período.

No ano de 1993, toma posse na diretoria do Maracatu Az de Ouro uma nova liderança, personalizada na figura do jovem Marcos Gomes.

Marquinhos, como é mais conhecido, nasceu dentro do Maracatu. Filho de seu Zé, parceiro e amigo de mestre Juca, foi

criado pelo próprio mestre que, desde cedo, o levou para dentro dessa manifestação, quer como brincante quer como auxiliar da organização.

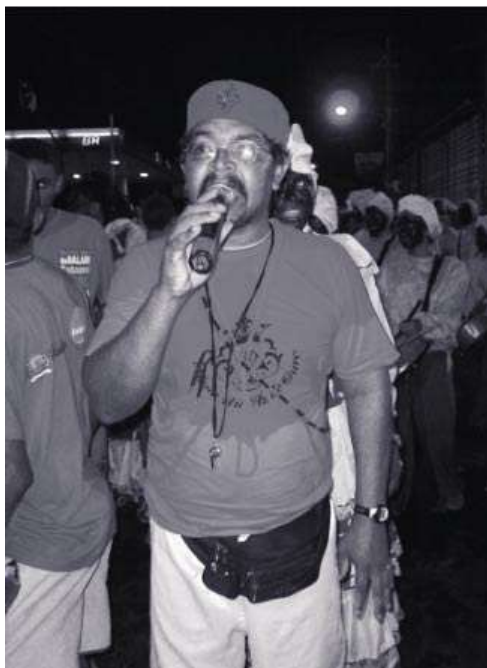


Fig.24 Marcos Gomes, presidente do Maracatu Az de Ouro a partir de 1990

O maracatu Az de Ouro volta a desfilar no carnaval de rua de Fortaleza em 1993 e em todos os anos seguintes (menos em 1998, quando não houve carnaval).

Quando de seu retorno em 1993, é notório que se trata de um reinício de trabalho. O Maracatu Az de Ouro sente a ausência de um conjunto de elementos que dê visibilidade à sua trajetória histórica e que seja compatível com a sua experiência no carnaval de rua.

Neste período, o carnaval de rua, de caráter participativo e popular, já está consolidado em muitas cidades do interior cearense, tais como Paracuru, Aracati e Beberibe. E a cidade de Fortaleza, por falta de uma gestão pública de cultura que entenda e prestigie seu carnaval de rua, passa a sofrer um contínuo processo de esvaziamento de seu carnaval, predominando a consolidação de eventos e blocos de pré-carnaval.

Nesses anos, as verbas de apoio às agremiações carnavalescas são ilusórias e seus repasses ocorrem às vésperas dos períodos mominos, quadro que vai culminar com a não realização do carnaval de rua de Fortaleza no ano de 1998, por total falta de compromisso dos gestores públicos da cidade para com a sua realização. Nesse ano, apenas o Maracatu Nação Baobab desfila na Avenida Domingos Olímpio, em forma de protesto.

O Maracatu Az de Ouro, sob a presidência de Marcos Gomes, se aproxima de outros segmentos artísticos de Fortaleza, e recebe em seus quadros de direção o cantor e compositor Calé Alencar, presente no carnaval de rua de Fortaleza desde 1995. Esse grande artista e estudioso da cultura popular irá contribuir de forma definitiva para o Maracatu Az de Ouro, ajudando na consolidação de sua memória, através da solidez de sua presença nos carnavais de rua de Fortaleza.



Fig.25 Calé Alencar e o Maracatu Az de Ouro

Ocupando o cargo de vice-presidente do Maracatu Az de Ouro, Calé Alencar chega à vice-presidente da Federação das Agremiações Carnavalescas do Estado do Ceará (FACC), em 2000, e assume a presidência interina dessa instituição, em 2002, em substituição ao presidente eleito Mestre Juca. Sua atuação levou-o a ser reeleito, agora como presidente, em 2004.

Tal fato contribuiu de forma significativa para a mudança de rumo do carnaval de rua de Fortaleza, através de um trabalho profissional e de enfretamento, realizado pela FACC, no combate ao descaso do poder público fortalezense em relação aos seus festejos mominos.

A década termina com o Maracatu Az de Ouro ganhando espaço político na FACC e se consolidando no contexto cultural da cidade, para voltar a ser novamente, no palco do carnaval de rua de Fortaleza, um dos seus maiores maracatus.

Outro elemento importante nessa década é o surgimento do Maracatu Nação Baobab, que inova levando para a avenida um ritmo bastante acelerado e dançante, idealizado por Descartes Gadelha, que também acrescenta novos instrumentos ao batuque tradicional dos maracatus. No entanto, apesar das mudanças rítmicas, o Maracatu Nação Baobab mantém a estética das fantasias utilizadas nos maracatus de ritmos de andamento lento.

1.14. Um relato pessoal da festa do Maracatu Az de Ouro de 2000 a 2006.



Fig.26 Folião Pingo de Fortaleza, carnaval de rua de Fortaleza, 1982

Em setembro de 1999, fui convidado pelo presidente Marcos Gomes para participar de um aniversário do Maracatu Az de Ouro, que seria realizado no Bar Chico Anísio (Av. da Universidade – Benfica). Compareci gratificado pelo convite, porém despretensiosamente. Desde 1990, vinha compondo canções em ritmo de maracatu cearense para meus discos. Convivia com os grupos em algumas apresentações, através de meus parceiros, principalmente Calé Alencar, Descartes Gadelha e Dílson

Pinheiro, contudo, não tinha nenhum vínculo formal com os grupos de maracatu da cidade e nem participava ativamente do carnaval de rua de Fortaleza, a não ser como folião.

Para minha surpresa, no decorrer desses festejos, recebo um diploma comemorativo do aniversário do Maracatu Az de Ouro e um convite para escolher o tema, compor a loa e cantá-la no cortejo, por ocasião do carnaval de 2000. No início, repliquei ao presidente que compunha aquelas canções de maracatu inspirado nas lembranças que trazia desde menino, quando os escutava passando em minha porta, na Rua Tenente Benévolo e, também, através das influências que recebia dos compositores cearenses que já trabalhavam estes ritmos, tais como Ednardo, Calé Alencar e Dílson Pinheiro. Desse modo, eu não teria experiência para compor uma canção oficial de maracatu e cantá-la na avenida.



Fig.27 Certificado de honra ao mérito do Maracatu Az de Ouro, 1999 para Pingo de Fortaleza

Até aquele momento, os grupos de maracatus da cidade me passavam a impressão de serem instituições fechadas e inacessíveis. Via-os no carnaval e apreciava-os, tinha desejo e vontade de me aproximar, mas não me sentia à vontade para tomar a iniciativa. Creio que essa atitude é normal a muitas pessoas que ainda hoje pensam em se aproximar dos grupos de maracatus. Aqueles grupos de pessoas de uma determinada comunidade, agregados em torno de um bloco, remetiam-me a uma vivência que eu



Fig. 28 Dilson Pinheiro, Calé Alencar, Lucinha Menezes, Mestre Juca do Balaio e Pingo de Fortaleza. Ensaio Maracatu Az de Ouro em 2000

não tinha, e a um universo do qual eu não fazia parte. Mesmo quando estive com eles em alguns momentos artísticos, não os sentia próximos o bastante para me sentir um deles. Era como se meu trabalho de artista “intelectual” da Concha Acústica da UFC (Universidade Federal do Ceará) não se vinculasse naturalmente àqueles grupos e suas comunidades.

Por isso, o convite do presidente Marcos Gomes me surpreendeu e me deixou receoso. Todavia, com sua insistência e a minha vontade que aflorava, aceitei feliz o convite e o desafio.

Não me lembro ao certo o primeiro dia em que fui à sede do Maracatu Az de Ouro. Porém, antes de compor a loa, passei algumas vezes na Rua Edite Braga, 395 (no Jardim América, sede do Maracatu Az de Ouro) para conversar com alguns brincantes, e lembro que conversei com o Mestre Juca. Logo naqueles instantes, senti que teria liberdade dentro do Maracatu Az de Ouro para construir uma síntese entre o trabalho musical que vinha construindo em minha carreira solo, e a história daquele maracatu.

No final de 1999, início de 2000, a imprensa badalava a comemoração dos “500 anos do Brasil”, o que me causava inquietação e indignação quanto ao foco distorcido e exaltador do processo de colonização. Foi quando, intuitivamente, no final do ano de 1999, por ocasião de minha estada na comunidade do Morro Branco, Beberibe-CE,¹⁰ escrevi, de uma só inspiração poética e melódica, a Loa “Outros 500”, uma canção que traz em seu conteúdo uma crítica contundente a esse processo comemorativo.

¹⁰ Local onde, novamente, de frente para o mar e para a África, abraçado pela lua e pelo vento, escrevo este “Maracatu Az de Ouro – 70 anos de Memórias, Loas e Batuques”.

“Ecoa a loa do maracatu ecoa...”, brincava assim com a sonoridade das palavras em seu refrão.

Apresentei a loa ao Maracatu Az de Ouro, inicialmente aos seus dirigentes, e para minha surpresa, apesar do tema não coincidir com o universo dos temas anteriores, que tratavam em geral da África e da religião afro-brasileira, não houve estranhamento nenhum. Mestre Juca falou empolgado sobre o refrão. Em todos os nossos anos de convivência, ele nunca me restringiu em relação às idéias que trocamos artisticamente. Apenas em um determinado ano, cansado de tantos temas diferenciados, abordou-me diretamente e disse: “Agora vamos voltar a falar das coisas de negro”. Foi quando fizemos – eu e o Guaracy Rodrigues – a loa e o tema de 2005: “Nossa paz é de Oxalá”, que também falava da paz que Mestre Juca queria que reinasse no Maracatu Az de Ouro, após alguns problemas de relacionamento existentes no ano de 2004.

Fui para o Maracatu no início de 2000 e passei a comandar os ensaios com a loa devidamente aprovada pela direção. O bloco não tem costume de ensaiar em detalhes os desfiles. Mestre Juca, diante do meu constante espanto de ver as alas não ensaiando a coreografia, sempre me alertava: “É isso mesmo! No dia, todo mundo dança!”. Esse fato até hoje me causa estranhamento, embora eu também, como artista, às vezes faça isso nos meus shows, e deixe a coisa acontecer só na hora mesmo do “tá valendo”.

O quadro estrutural do Maracatu Az de Ouro para o carnaval de 2000 era muito precário. As fantasias eram um amontoado de fantasias remanescentes de anos anteriores, quase todas bem velhas e sem apresentarem um conjunto harmônico. Tempos depois, aprendi que uma das características do Maracatu Az de Ouro é ter muitas cores e formas diferentes nas fantasias da corte (característica bem presente até 2006, e que, em 2007, se alterou com a chegada do carnavalesco Babi, egresso do Maracatu Rei de Paus, o qual padronizou as fantasias da corte para o carnaval daquele ano). A ala dos índios era um reflexo desse momento, com fantasias quase inexistentes, improvisadas e recicladas de forma alquímica por Mestre Juca.

Apesar das dificuldades, 2000 foi um ano especial. No meio do cortejo desse ano, desfilamos em uma ala de protesto às

comemorações dos “500 anos do descobrimento do Brasil”, com a participação de vários artistas, portando faixas e outros elementos estéticos inovadores para um cortejo de maracatu. Desse modo “bem ensaiado” e “bem fantasiado”, fomos alegremente fazer a festa na Avenida Domingos Olímpio.

Cantei a loa de olhos fechados e de forma vibrante. Para mim, foi um mundo que se abriu. Nada do que eu tinha feito em arte anteriormente se igualava àquele momento.

A “avenida” tem seu jeito próprio de ser e de receber o maracatu e seus artistas. Cantamos caminhando e, apesar da pouca infra-estrutura (som e luz), conseguimos receber o retorno caloroso do público e o aplauso contínuo das arquibancadas. No palco tradicional, conquista-se, cativa-se e envolve-se o público a todo instante. Na “avenida”, a todo instante tem-se um público diferente.

Naquele momento, para mim, e mesmo depois, tudo era perfeito na avenida. Esse encanto só se quebrou quando fomos juntos assistir a à filmagem do cortejo, na sede do bloco. Meu primeiro desencanto foi constatar que um bêbado esteve ao meu lado durante todo o cortejo balançando uma grande pena sobre minha cabeça. Eu realmente não o vi na hora, como ainda hoje não vejo alguém que se aproxima de mim quando estou cantando no palco. A segunda decepção, para minha maior tristeza, foi ver um brincante do Maracatu Az de Ouro, da ala dos africanos, passar ao lado da câmera cantando o refrão com a seguinte adaptação: “Ecoa a loura do maracatu ecoa, ecoa a loura do maracatu ecoa”, logo essa parte que eu tanto tentei afinar nos ensaios.

Esse quadro tragicômico é o que trago do carnaval de rua de Fortaleza, quando da minha estréia em 2000, mas que não consegue apagar a magia, a alegria e a força de ter pela primeira vez dividido o palco da avenida com mais de 200 brincantes, com Mestre Juca e com outros artistas, cantando a Loa “Outros 500”. Foi uma fonte da qual bebi, me embriaguei e me viciiei.

Meu primeiro ano no Maracatu Az de Ouro foi único, levou-me a dedicar-me ainda mais a esta manifestação e a esta festa. Esse ano o carnaval não foi competitivo e não tivemos colocação.

Na minha carreira musical, meu primeiro tema de maracatu foi a canção “Maculelê”, uma letra do poeta Guaracy Rodrigues que musiquei intuitivamente com a batida dolente do Maracatu Az de Ouro no seu ritmo. Essa canção tem me acompanhado com alegria em muitos momentos, e tem sido uma espécie de carro chefe em meu repertório.

Como tema para o Maracatu Az de Ouro no carnaval de 2001, adaptamos o Maculelê para a avenida, acreditando no seu refrão forte e na sua temática de analogia de “Palmares aos novos quilombos”. Agregamos às suas alas uma caprichada ala de brincantes de capoeira coreografando a dança do Maculelê, ala que se tornou permanente no seu cortejo nos anos seguintes.



Fig.29 Pingo de Fortaleza, tirador de loa do Maracatu Az de Ouro, Carnaval de rua de 2002

Nesse ano, os ensaios do maracatu passaram a contar com a presença de vários outros artistas (Calé Alencar, Dílson Pinheiro, Lucinha Menezes, Ana Célia entre outros) e se transformaram em verdadeiros shows, com os brincantes participando e cantando, além da loa para o carnaval, outras canções em ritmo de maracatu.

No carnaval de rua deste ano o Maracatu Az de Ouro desfilou com um conjunto de fantasias mais harmonizado, sob o comando de Mestre Juca que, mesmo reciclando, conseguiu novamente fazer figurar o Maracatu Az de Ouro entre os grandes maracatus, patamar do qual havia saído na década de 1990, em função de suas precariedades, suas gestões e do próprio contexto do carnaval de rua de Fortaleza.

Em 2002, o Maracatu Az de Ouro levou para a avenida o tema “Maracatu Fortaleza”, uma melodia minha com letra de Rosemberg Cariri, mais uma loa de forte conteúdo social relatando a globalização cultural na Terra da Luz e denunciando as mazelas e as pobrezaas sociais da cidade de Fortaleza.

Nesse momento, acompanhei de perto todo o processo de organização do bloco para o carnaval. Inicialmente, fizemos uma

parceria com o Curso de Estilismo da UFC – que desenhou as fantasias de várias alas do maracatu – e também com um grupo de artistas do projeto “Quatro Varas”, do bairro do Pirambu – que confeccionou as fantasias com material reciclado (lixo) para uma ala denominada Maracatu Fortaleza. Essa ala levou para a avenida – de maneira estilizada – as figuras tradicionais do maracatu como uma forma ilustrativa do tema de protesto. Essas fantasias foram idealizadas pelo artista Yuri Yamamoto. Nesse ano, trabalhamos tentando organizar visual e tecnicamente o Maracatu. Formamos uma grande parceira com Alan Mendonça e Karlos Kardoza, além da colaboração da artista

Eugênia Siebra, que trabalhou na concepção dos figurinos.



Fig.30 Brincantes da ala Maracatu Fortaleza, o lixo estilizado e a crítica social dentro do Maracatu Az de Ouro, carnaval,

O Maracatu Fortaleza foi uma surpresa e um destaque no carnaval de rua e causou estranhamento e perplexidade para alguns, ao juntar o luxo do maracatu com o lixo da realidade. Para o Maracatu Az de Ouro, foi

apenas mais um momento natural e espontâneo e, acima de tudo, um elemento artístico que trouxe mais alegria para a festa desse cortejo. Princesas com saias rodadas feitas com sacos plásticos cheios de lixo, um Rei carregando uma vassoura, uma Rainha com um ventilador velho, um Baliza com restos de guarda-chuvas: todas essas figuras inseridas no meio das alas luxuosas, construindo uma imagem forte e de miséria em contraponto à riqueza do maracatu.

Muitos atores deram vida e teatralidade a essa ala, como o ator Ghil Brandão, no papel de Rainha.¹¹

No CD “Solo Feminino”, lançado em março de 2002, inclui a canção “Maracatu Fortaleza”, acentuando sua intenção contemporânea ao acrescentar à célula rítmica do maracatu uma guitarra distorcida.

11 O problema foi que, um dia após o desfile oficial, ao nos prepararmos para uma apresentação em um bairro da cidade, para nossa surpresa, essas fantasias foram todas realmente jogadas no lixo por alguém da sede do maracatu.



Fig.31 Rainha da ala Maracatu Fortaleza, irreverência e crítica social no cortejo do Maracatu Az de Ouro, carnaval,

No palco oficial do carnaval, o maracatu desfilou alegre, tendo como refrão uma adaptação de um trecho popular (“Beira mar, beira mar, quem beira quer entrar”), que faz uma alusão aos excluídos em seu grito por inserção social, grito esse que ecoou fortemente nas arquibancadas.

Nesse ano, pude perceber e sentir a felicidade de Mestre Juca rindo dessas fantasias, e se divertindo com tudo, até com o refrão carregado de simbolismo.

No carnaval de 2002, o Maracatu Az de Ouro obteve a terceira colocação e se colocou mais uma vez como manifestação expressiva de uma coletividade inventiva e inovadora.

No ano de 2003, o cantor, compositor e vice-presidente do Maracatu Az de Ouro Calé Alencar criou o tema e compôs a loa. No tema-loa, Calé homenageava mestre Juca do Balaio e antevia sua importância não só para o carnaval de rua, mas para a cultura do Ceará. Esse tema ajudou a dar visibilidade a Mestre Juca que, nesse mesmo ano, foi um dos escolhidos pela SECULT, em sua primeira edição do Prêmio Mestres da Cultura, para receber o título de Mestre da Cultura do Ceará (2004).

Em 2003, o Maracatu Az de Ouro saiu na avenida muito animado. Todos cantavam em bloco a loa do Mestre Juca do Balaio, complementada pelo refrão popular “... apanhar macaúba no balaio, eu vou, eu vou, você também vai...”. Uma ala só de balaieiros dava destaque e visibilidade ao tema.

Atualmente, para participar de forma competitiva do carnaval, cada maracatu tem que entregar à FACC um texto elucidativo do tema escolhido e a letra da sua loa. Na avenida, por ocasião dos desfiles no

domingo de carnaval, serão avaliados os seguintes quesitos: Rainha, Balaieiro, Porta-estandarte, Loa, Batuque e Fantasias.

No ano de 2004, novamente Calé Alencar é o responsável pelo tema e pela loa do maracatu Az de Ouro: “Ceará, Terra da Luz, Berço da Liberdade”. Esse tema marca os 120 anos da abolição da escravidão no estado do Ceará. Por se antecipar em quatro anos à Lei Áurea, em 25 de março de 1884, nosso estado foi chamado por José do Patrocínio de “Terra da Luz”. Cantei essa loa na avenida, ao lado de Eliézio Lima e da saudosa cantora Késia.

Alguns problemas de relacionamento e posicionamento dentro do maracatu Az de Ouro tiveram influências na preparação, nos ensaios e na exibição do maracatu na avenida.

Foi um ano difícil. No auge da crise, poucos dias antes do carnaval, fui convidado para cantar a loa de outro maracatu. Com cautela, fui para a avenida com o Maracatu Az de Ouro, consciente de que aqueles momentos passariam.

No ano de 2004, apesar dos problemas, o maracatu manteve-se no nível dos melhores e maiores maracatus do carnaval de rua de Fortaleza e obteve a segunda colocação. De forma inusitada, três maracatus empataram em primeiro lugar: Maracatu Vozes da África, Maracatu Nação Baobab e Maracatu Rei de Paus.

No decorrer desse ano, Calé Alencar, vice-presidente do Maracatu Az de Ouro e também presidente da FACC (um dos responsáveis diretos pelas melhorias no carnaval de rua de Fortaleza nos últimos anos) resolve se desligar oficialmente do Maracatu Az de Ouro e funda, acompanhado de alguns dos seus brincantes e de



Fig.32 Panfleto de divulgação da loa do Maracatu Az de Ouro de 2004

outros segmentos, o Maracatu Fortaleza, selando dessa forma mais uma divisão do Maracatu Az de Ouro.

Calé cria o ritmo do Maracatu Fortaleza a partir de suas concepções musicais e suas pesquisas estéticas, mas mantém o figural do maracatu com forte influência do Maracatu Az de Ouro.

Por ocasião de uma visita nossa ao hospital Valdemar de Alcântara, onde Mestre Juca estava internado, se recuperando de uma cirurgia, veio-nos o pedido do mestre para compor uma loa que selasse a paz no Az de Ouro. Desse modo, eu e Guaracy Rodrigues criamos o tema e a loa “Nossa Paz É de Oxalá”, inspirada na lenda desse orixá, com letra quase toda em yorubá e que viria a ser a loa oficial do Maracatu Az de Ouro para o carnaval de 2005.

O presidente Marcos Gomes, acompanhado da brincante Glória Freitas e do Babalorixá Junior de Oxum, convidaram e articularam várias entidades religiosas afro-brasileiras da Umbanda e do Candomblé, que saíram numa ala específica, cantando a loa “Nossa Paz é de Oxalá”.

Na parte rítmica, o Maracatu Az de Ouro foi para a avenida com o andamento bem lento, diminuindo ao máximo o tempo da pulsação de sua célula rítmica. Foi muito difícil manter esse andamento nos ensaios, mas o batuque do maracatu conseguiu mantê-lo, inclusive na avenida, onde existe uma tendência natural de aceleração. Esse ano, a loa foi “tirada” por mim e por Eliézio Lima e pela cantora Ana Célia.

Um grupo de professores do colégio Ágape participou do cortejo com uma ala estilizada em homenagem a Mahatma Gandhi, mais uma das liberdades de expressão que o Maracatu Az de Ouro levou para o carnaval de rua, dando-lhe um toque contemporâneo em seu cortejo de alas tradicionais.

Mestre Juca desfilou de braço engessado e seu Zé Rainha, com seu estilo inconfundível, apesar da idade e dos seus problemas de saúde, foi mais uma vez a rainha do maracatu.

Neste ano, saí de cara pintada nos dois dias (domingo e terça). Normalmente, vinha saindo com cara preta e vestido de negra

apenas no domingo (dia do julgamento), como faziam os antigos tiradores de loas (macumbeiros) dos maracatus. A inspiração de sair de negra aconteceu em cima da hora, em função da ausência de fantasias para desfilar. Na correria da saída do bloco da sede, algumas fantasias foram esquecidas, entre elas, as dos tiradores de loas e, como eu já sabia da tradição dos antigos tiradores de loas, vesti uma saia rendada de negra, que estava no chão no local de concentração e não tive dúvidas em usá-la. Era mais uma contribuição estética para a volta à tradição pretendida pelo tema, característica que venho mantendo todos os anos.

O carnaval de 2005 foi muito disputado entre os maracatus. O Az de Ouro, após alguns problemas de números na apuração, ficou em terceiro lugar, atrás apenas do Maracatu Rei de Paus (campeão) e do Maracatu Vozes da África (vice-campeão).

Nesse ano, acumulei as funções de compositor e tirador de loas do Maracatu Az de Ouro com a de coordenador geral do carnaval de rua de Fortaleza pela FUNCET (órgão da Prefeitura de Fortaleza responsável pela gestão cultural da cidade), ao lado de Calé Alencar, designado pela FACC, entidade da qual era presidente.

São motivos e frutos de nossa coordenação as seguintes providências no carnaval de rua de Fortaleza:

➤ Os desfiles dos blocos de pré-carnaval no sábado de carnaval na Avenida Domingos Olímpio, como forma de fazer interagir o sólido pré-carnaval da cidade e seu festejo oficial momino, e de acrescentar mais um dia de carnaval na programação da Avenida Domingo Olímpio;

➤ a realização de um baile infantil também nessa avenida no domingo de carnaval, para prestigiar e formar novos foliões;

➤ a realização de shows de artistas (prioritariamente cearenses) após os desfiles das agremiações na Avenida Domingos Olímpio, para possibilitar uma maior diversidade à festa e um maior tempo de realização;

➤ a realização de carnavais nas regionais de Fortaleza;

➤ além de outros detalhes organizacionais por nós pensados

e produzidos, que foram integralmente mantidos na estruturação e realização do carnaval de rua de Fortaleza em 2006.

Ainda no final de 2005, o maracatu Az de Ouro reuniu sua diretoria e definiu que seu tema para o carnaval de 2006 faria referência ao seu aniversário de 70 anos, dando início a uma série de comemorações que culminariam em setembro deste ano.

Recebi de Mestre Juca do Balaio a incumbência de compor a loa. O mestre estava um pouco debilitado e acamado em plena sede do maracatu, em razão de uma enfermidade que lhe acometera nos últimos três anos. Mais uma vez, como todos os anos, viajei no



fig.33 Mestre Juca do Balaio

final de ano para o Morro Branco, onde pretendia compor a canção do Az de Ouro. Meu desejo era apresentá-la por ocasião do aniversário do mestre, no dia 01 de janeiro.

Do Morro Branco, liguei para o meu parceiro Alan Mendonça e colhi algumas idéias para a loa. Como já tinha imaginado, efetivei uma colagem com vários trechos de canções que marcaram o Az de Ouro: “Oh bate palma, bate palma, dando viva ao maracatu, maracatu é o Az de Ouro...”, de Raimundo Alves, “É o Az de Ouro que vem festejar na grande avenida seu aniversário”, de Afrânio Rangel,

composta para o aniversário de 65 anos do Maracatu Az de Ouro e o verso “Tanta gente pelas calçadas...”, de Mestre Juca. A esses trechos acrescentei meus versos e os do Alan Mendonça e estava pronta uma parceria inédita em minha carreira, a loa: “Maracatu Az de Ouro – 70 anos de Memórias, Loas e Batuques”.

Viajei apressadamente para Fortaleza, no final do primeiro dia de 2006. E no dia 02 de janeiro, bem cedo, ao lado do parceiro Alan Mendonça, e na presença de seu Zé (pai do Marcos), de Marcos Gomes e de Luci (atual rainha do Maracatu Az de Ouro), cantei a nova loa, no leito do Mestre Juca, para a sua avaliação.

Esse foi, com certeza, um dos momentos mais emocionante que vivi, não só no maracatu, mas em toda a minha vida. Mestre Juca, já num estágio avançado de sua doença, acompanhou toda a canção batendo palmas com os olhos brilhantes e emocionados. No final, após repeti-la várias vezes, Mestre Juca falou em tom de aprovação e entusiasmo sobre a canção que ouvira e, pela primeira vez, não fez pequenas observações na letra da loa, diferentemente das outras vezes em que lhe apresentei as loas para o maracatu.

Choramos todos naquele momento de luz e me senti contemplado em receber e cumprir aquela missão do Maracatu Az de Ouro e do Mestre Juca. Afinal, era um momento difícil para todos nós que fazíamos o Az de Ouro. Mestre Juca já não sairia no cortejo do carnaval daquele ano e Zé Rainha (também nosso mestre) estava doente e sem condições físicas de participar do carnaval.

Para assumir a coroa do Maracatu Az de Ouro, pela primeira vez foi escolhida uma brincante. Até então, todas as rainhas tinham sido homens. Lucineide Magalhães, conhecida por Luci, foi escolhida rainha não só por sua beleza e altivez, mas também por vir assumindo funções de destaque no maracatu e na sua diretoria.

Para o papel de balaieiro do Az de Ouro, figura que exige durante o cortejo muita habilidade, resistência e talento coreográfico, o escolhido foi Brasil, brincante que vinha atuando no cordão dos índios e também se dedicando à concepção e confecção das fantasias dessa ala.

Pouco antes do carnaval, por ocasião da realização de um evento em homenagem a mestre Juca do Balaio, no Theatro José de Alencar, o Maracatu apresentou sua loa e, naquele dia, Mestre Juca intuitivamente passou de forma simbólica seu balaio para o brincante Brasil, que chorou copiosamente aos seus pés, em sua cadeira de rodas. Nada ali foi ensaiado, ou mesmo pensado pelos que coordenaram o evento, mas a cena predestinada tratava da coroação de um novo balaieiro e se constituía por si só num ritual de talento, força e fertilidade.

Para o carnaval de 2006, o Maracatu Az de Ouro ganha um reforço na sua concepção estética e na confecção de suas fantasias,

com a entrada de Francisco Antônio (Baby) em seu grupo de trabalho. Baby é um brincante antigo de outros maracatus e um inventivo carnavalesco. Ensaíamos todas as noites para o carnaval de rua de 2006, sob a vista cansada e a presença do corpo dopado de mestre Juca, que nos assistia e nos aplaudia em sua cadeira de rodas.



Fig.34 Brasil e Mestre Juca, homenagem à Mestre Juca do Balaio. Theatro José de Alencar, em fevereiro de 2006.

Os ensaios para o carnaval de 2006 foram um misto de dor e prazer. Todo o maracatu tentava visualizar ali na figura de Mestre Juca, não um homem vivendo triste seus últimos dias, mas um ser de luz plenamente realizado em seus sonhos e feliz em sua vida.

De última hora, Mestre Juca é homenageado de forma justa pela organização do carnaval de rua de Fortaleza e passa a figurar como seu tema.

O maracatu Az de Ouro desfila sob o olhar do Mestre, do palanque oficial, onde ele chora e canta uma loa sobre sua paixão, a mesma paixão de Boca Aberta. Zé Rainha também assiste ao cortejo de lá. Já não é a rainha negra a flutuar na avenida, será a eterna rainha campeã de muitos carnavais pelo Maracatu Az de Ouro.

O Maracatu Az de Ouro sente a ausência de seus mestres, mas fica firme na competição e recebe a terceira colocação entre os maracatus, na frente de maracatus grandes como o Maracatu Nação Baobab e o recém-criado Maracatu Nação Fortaleza.

Nesse ano, a loa é entoada por mim (Pingo de Fortaleza), por Eliézio Lima (também tirador de loas do Az de Ouro, nesses últimos seis anos) e pelo cantor e compositor Brenner Paixão, da Banda Maracatu Vigna Vulgaris.

Na avenida, o Maracatu Az de Ouro se destaca pelo branco de suas negras e baianas e pelo colorido de seus índios e de sua corte.

Após o carnaval, no dia seis de abril do ano de 2006, mestre Juca falece. Sua fertilidade é cantada por todos os brincantes de carnaval nos momentos de despedida, e sua ginga e balaio passam a exemplificar, para todos, o valor e a força de poder sonhar e realizar em vida os sonhos.



Fig.35 Baliza e Estandarte, Maracatu Az de Ouro, carnaval de rua de 2006

1.15. Algumas palavras finais sobre a festa do Maracatu Az de Ouro.

Cada agrupamento artístico é um reflexo dos comportamentos de seus membros e uma extensão, em forma e conteúdo, do pensamento e do talento de seus principais expoentes.



Fig.36 Rei e Rainha Maracatu Az de Ouro, carnaval 2006

Em seus 70 anos de história, um espaço de tempo significativo, o Maracatu Az de Ouro teve à frente de sua organização três nomes: Raimundo Alves Feitosa, Mestre Juca do Balaio e Marcos Gomes, todos sempre cercados de um conjunto de brincantes influentes. Desse modo, o Maracatu Az de Ouro é uma instituição que reflete a forma de pensar e viver desses três nomes e dos

seus talentos que, de forma diferente, se parecem e se aproximam no tempo e na história.

O Maracatu Az de Ouro não é rígido, não é triste, não é fechado. Raimundo e Juca eram artistas no sentido pleno, cheios de vida, expressivos e ágeis improvisadores. Bebiam das mais diversas fontes e misturavam suas essências. Marcos Gomes, como herdeiro dessa tradição, não é um artista como seus dois mestres, mas já, intuitivamente, incorporou essas características a seu jeito de ser e reconhece e respeita as peculiaridades do Maracatu Az de Ouro.

Pelo Maracatu Az de Ouro já passaram muitos brincantes e a cada dia chegam outros que trazem também seus talentos e seus sonhos de “bonecões” e que se permitem ser influenciados e influenciar essa manifestação à qual se entregam.

Não há nenhum grupo de maracatu em Fortaleza que mais vezes tenha participado de seu carnaval de rua, mesmo com suas temporadas de ausências. O Maracatu Az de Ouro segue como o mais antigo e mais atuante maracatu de Fortaleza. Das suas entranhas, foram gerados e criados no mínimo cinco maracatus: Maracatu Estrela Brilhante (1951), Maracatu Ás de Paus (1960), posteriormente Rei de Paus, Maracatu Vozes da África (1981) , Maracatu Nação Fortaleza (2004) e Maracatu Solar (final de 2006), que herdaram do Az de Ouro, além de seus brincantes, algumas de suas características.

É dessa maneira o maracatu que brinco, que brinca comigo, que me faz “macumbeiro” de cara pintada na avenida que ele também ilumina com as almas das N’gingas e Cariongos, com os Rosários e os Congos, com os “Bocas Abertas”, com suas rainhas “Josés” e com o eterno balaio de Mestre Juca a nos alimentar.

É esse o Maracatu Az de Ouro que comemora dia 26 de setembro de 2006, 70 anos de existência, de memórias, de loas e de batuques.

O Maracatu Az de Ouro que está em todos nós com sua força e magia a nos fazer mais felizes e vivos nesta sua ETERNA FESTA.



Fig.37 A festa do Maracatu Az de Ouro, carnaval de rua de Fortaleza

2

Maracatu Az de Ouro. 70 anos de memórias.



emóriasloasbatuquesmemóriasloasbatuqu

2.1. “Quando a Boca do Mundo se Abriu, Raimundo Sorriu Para a Vida”.

Meu nome é Raimundo Alves Feitosa. Nasci em 16 de julho de 1902 (Fortaleza-Ce), na casa onde moravam meus pais, na rua do Imperador. Lá perto funcionava a fábrica Accioly. Meu pai era Antônio e minha mãe, Ana. Tive 14 irmãos.

Quem botou meu apelido de Boca Aberta foi o meu pai. Ele me chamava para fazer as coisas e eu ficava lá, parado, só de boca aberta. Não fico com raiva não, mas também não vou dizer que acho muito bom. Gostar eu não gosto. Quem é que gosta do que não presta? Mas todo mundo me conhece como Raimundo Boca Aberta, desde há muito tempo.

A idéia de trazer o maracatu pro Ceará foi depois que eu fui embora para Pernambuco. Eu trabalhava aqui numa fábrica de redes, ali na rua Major Facundo.

Meu patrão foi embora para Pernambuco com a família toda. Ele pelejou para me levar junto e, no começo, eu não quis: “Seu Mundico, vamos comigo embora para Pernambuco”. É que ele me chamava assim, de Mundico. Eu até disse para ele que não podia, que meu lugar era aqui, com minha mãe, meus irmãos. Então meu patrão foi embora e eu fiquei. Com uma semana depois, meu patrão voltou para me buscar. Ele me encontrou numa padaria, olhou para mim e disse “Chegou a hora. Você vai comigo”. Eu tinha arranjado um emprego numa fábrica de bebida ali perto e ganhava muito pouco. Era uma terça-feira e ele queria viajar no dia seguinte, na quarta-feira. Não deu tempo nem de arrumar as coisas. Nem mala eu tinha. Enfieei a roupa toda num saco de trigo que arranjei ali mesmo na



Fig.38 Raimundo Alves Feitosa, Maracatu Rei de Paus, 1967

padaria, passei em casa, peguei tudo e disse para a minha mãe que ia embora... e fui.

Era 1932 (1930), nem me lembro direito. Fomos de navio, um navio grande, um negócio bom mesmo. Cheguei em Recife, vi aquela animação, o pessoal dançava no meio da rua. Lá se dança o frevo. No Rio de Janeiro, onde morei durante dois anos, é o samba e o batuque. Já viajei para um monte de lugar.



Fig.39 Raimundo Alves Feitosa e Geraldo Barbosa

Passei três anos em Pernambuco (até 1933). Acompanhei três carnavais seguidos. Tinha blocos, clubes, frevos e macumbas. Esse último aí, a macumba, é o maracatu. Foi de quem eu me engracei mais. Acompanhava os blocos das 7 horas até o final da tarde. Depois eu ia para casa, jantava e esperava o maracatu passar. Aí, caía na dança até as 4 horas da madrugada. Ia para casa, tomava café e voltava para casa.

Eu criei o Az de Ouro em 1936, logo depois que eu voltei. Um dia, era perto do carnaval, saí do trabalho e vi as orquestras tocando. Estava com dois amigos, que tinham ido comigo tomar umas cachaças. Eu disse para eles: “Negrada, eu queria fazer um bloco aqui em Fortaleza. Mas tem que ser um bloco bonito, uma coisa que vi lá em Pernambuco e gostei muito”. Eles perguntaram que tipo de bloco era. Eu respondi: “Maracatu”. Eles nem sabiam o que era isso.

Os primeiros ensaios começaram no antigo Beco do Aperto da Hora, hoje o cruzamento da rua Visconde do Rio Branco com a avenida Aguanambi. Éramos principalmente eu e um desses amigos, o Raimundo Nêgo. Fizemos o Az de Ouro durante 13 anos (de 1937 a 1950 – anos em que o Maracatu Az de Ouro desfilou consecutivamente). No 1º ano, eram 42 pessoas. No 2º, saímos com 80. No 4º carnaval, já eram mais de 500. Meus seis irmãos participavam comigo. Eu já fui General dos fandangos e general de fragatas.

Sou eu que preparo o bloco, que ensino as melodias para a rapaziada cantar.

A idéia de pintar o rosto de preto foi idéia minha. A tinta era feita de gás de lamparina. A gente fazia uma lata cheia e pintava o rosto. Era pra gente ficar bem mais escuro, mais parecido com as escravas vindas da África.

As mulheres brincavam nos blocos delas, nos blocos das moças. Aí a gente se vestia de baiana. A rainha do Az de Ouro não é mulher, é um homem. Assim também como a dama. Todos nós do maracatu somos homens. Mas agora já tem muita mulher no maracatu (no momento da entrevista, em 1995). Eu desfilava vestida de negra baiana de saia grande e tudo mais. Eram quatro saias, uma em baixo da outra. E também já fui rainha do Az de Ouro.

Se falassem, aí é que eu me vestia de mulher mesmo. Tinha muita gente que implicava. Mas eu sempre fui homem, nunca casei, nunca tive filho, mas sou bem homem. Não casei por que não chegou o tempo. Não namorei muito não. Ia casar, mas minha noiva arribou com outro.

A fantasia era feita pela gente mesmo, com os recursos da gente. Era tudo feito de morim e renda, que era coisa barata naquele tempo. Mas o Raimundo Nêgo, que era o alfaiate, também fazia os vestidos. Depois de muito tempo, um prefeito aí deu um dinheirinho para ajudar os maracatus. Mas nunca ganhei nadinha. Ganhei uma taça desse tamanho, assim, num domingo de carnaval. Foi só! Mas dei a taça para um amigo meu que já morreu, o Bembém. Esse aí foi o melhor macumbeiro depois de mim. Macumbeiro é o que inventava as músicas e o que canta no maracatu.

Eu fui o melhor de todos eles. Umas músicas eu inventava, outras eu ouvia e levava pro maracatu. O maracatu tem muitas melodias no seu hinário como: “Az de Ouro, Meu Amor Te Chama”, “Levanta a Bandeira que vem Luanda”, “A Coroa é do Rei”. Um dia, passei na rua e vi uns meninos brincando de roda. Era assim: “Cadê o meu lenço/ que o boi babou/ tá no sereno/ ou no quarador”. Achei aquilo bonito e levei pra gente dançar.

Eu quis fazer uma batucada diferente. Inventei uma batida mais lenta e mais requebrada, para as baianas ficarem requebrando mais bonito no meio da rua. Maracatu não é triste, não. As minhas músicas nunca foram tristes. Eu fazia para o pessoal ir dançar.

Tinha quatro bumbos, três ganzás, quatro caixas e aquele “tlim-tlim” do triângulo. Uma vez, quase perdi o navio só para comprar um triângulo para o Az de Ouro. Foi lá na Bahia, na Baixa do Sapateiro. Quando o vendedor me entregou o triângulo, o navio apitou avisando que ia embora. Corri muito! Subi no navio na última hora.

Tristeza para mim foi 55 (1951), primeiro ano em que o Az de Ouro deixou de desfilar no carnaval de rua de Fortaleza após sua criação, ou 1960, primeiro ano de outra parada longa do maracatu nos carnavais da cidade, quando deixei de sair no Az de Ouro. Isso é que é tristeza.

Meu desejo é que os maracatus sejam bons e bonitos todo o tempo, porque eu caprichava nos trajes e caprichava no cantar: “...Sou Az de Ouro/ Maracatu Az de Ouro é enfezado/ No Ceará sempre é respeitado...”.

(Memórias montadas a partir de duas entrevistas concedidas por Raimundo Alves Feitosa, uma ao Jornal Correio do Ceará, em janeiro de 1950, e outra para o jornalista Lira Neto, acompanhado do cantor e compositor Calé Alencar, publicada no jornal “O Povo”, no dia 13 de maio de 1995. Os parênteses indicam meus comentários.)

2.2. “Maracatu é o Az de Ouro Que Mestre Juca Eternizou”



Fig.40 Mestre Juca do Balaio, 2005

Eu me chamo Juca, hoje estou com o título de Mestre Juca do Balaio. Eu nasci na cidade do interior por nome Cedro. Vim de lá para Fortaleza, em 1936, com um irmão meu e fiquei por aqui até 1940. Em 40, eu me encontrei com um pessoal tirando reisado na Floriano

Peixoto, e lá eu conheci o Raimundo Boca Aberta, o Chico Cândido, o Chico Midiato, o Chico Bagre, era tudo na base dos seis ou mais.

Aí, quando chegou o carnaval, eu morava na Castro e Silva. Ainda não tinha observado nenhum desfile de carnaval aqui em Fortaleza, não. Nem ligava, não. E lá eu descí e fui assistir lá na praça, ver aquele movimento na Praça da Sé, em frente à estátua de Dom Pedro Segundo, e lá me encontrei com esse pessoal, mas não conheci mais ninguém porque tavam tudo de cara preta. E, nesse movimento, eu me encontro com um rapaz que era até engraxate – engraxate de nível, por sinal! – aí, ele veio e disse: “Ô rapaz, você por aqui e tal, não quer brincar com a gente, não? Aí eu digo: “De quê, rapaz?”. “Hora de índio, tu entra aí.”

Nesse tempo, eu era muito novo e até bonitão, o povo chamava, né? Nesse dia, ele me deu uma dica que eu podia entrar através da mãe do Afrânio Rangel, que fazia a fantasia. Nesse momento, ela passava em frente à Sé, que tavam construindo. Ele chamou, nos parou, a gente conversou, e ela disse: “É... Vá lá em casa, que eu moro ali perto da estação”. E eu sei até o nome. Por sinal, nome hoje não chamam mais como chamavam antigamente: Beco da Poeira.

Lá ela fez a fantasia, aí no outro dia eu fui buscar, já tava pronto, cedo, e à tarde, na segunda-feira de carnaval, eu desfilei com eles, saindo do Passeio Público, arrodando pela Senador Pompeu e voltando para encerrar na Praça do Ferreira.



Fig.41 Mestre Juca do Balaio

Eu, como já tinha um certo conhecimento com drama, porque, toda a vida, participei muito – sempre participei de questão de drama –eu achei o maracatu, aquilo, muito bonito, até parecido com alguns trabalhos da gente e assisti muito bem. Ainda me lembro como eram os tipos das roupas, as saias das negras: era uma saia de bramante com 7 az de feltro. Antigamente, se trabalhava era com feltro, aqueles 7 az pregados arrodando na saia e aqueles casacos muito bem feitos, trabalhado com renda da terra. E achei aquilo muito bonito e fiquei com aquela impressão de voltar a brincar o maracatu.

O estandarte muito bonito, feito pela mãe do Afrânio Rangel. Foi ela quem fez o estandarte pintado a óleo, e as figuras: tinha a rainha, que era o Chico Xavier, que foi a 1ª rainha, e ele com uma roupa... não era vestido, era uma... pra destacar a dele, era calça branca, camisa de veludo preta e uma faixa vermelha na cintura e a coroa, e uma pessoa com a sombrinha. É só o que tinha! E as negas, os índios e os batuqueiros, né? Que eles chamavam “os batuques”.

Eu não me lembro se no primeiro ano eu vi a calunga. Eu sei que vi depois, né? No 1º ano, não tinha balaieiro. Nesse ano que eu assisti não.

O rosto pintado, pintado de preto, tinta preta. O batuque era um pouco apressado. A música eu não me lembro bem, porque ele, o Raimundo Boca Aberta, dizia que a 1ª música, que eu não assisti em 37, foi: “Ô que beco estreito chei de espim, é o Az de Ouro que vem no camim”. Mas esse aí eu não assisti...

(Ô que beco estreito, ô que beco largo coberto de rosa, o Az de Ouro não é de prosa. Só me lembro desses dois versos.)

Em 37, ele, o Raimundo Boca Aberta, dizia isso, ele sempre dizia: “A minha primeira música foi essa, foi a do beco estreito”.

O Raimundo me contou depois que ele foi pra Recife. Quando ele voltou de Recife, foi que ele fundou, com a idéia do maracatu que ele viu lá, um maracatu chamado Dois de Ouro. Quando ele chegou aqui, queria botar esse nome, aí resolveu: “Não, lá já tem, vou botar Az de Ouro”. Aí foi onde criou, ele, o Raimundo Baiaiá, o Chico Cândido e o Chico Midiato.

O Chico Cândido morreu. Chico Bomba morreu. Raimundo Cândido morreu. Os fundadores já morreram todos eles.

O carnaval naquela época era o seguinte: era só aquilo, passava aqueles três dias, ficava tudo guardado. Tinham muito cuidado, a esposa do Chico Mediado ela era engomadeira, engomava pra essas casas de gente rico. Então, ela cuidava muito disso e tinha aquele cuidado de lavar aquelas roupas, aquelas saias das negas e tudo. Antigamente, tinha esse negócio de mudar não, era toda vida uma roupa só, todo ano era aquela saia, era a mesma, era a mesma coisa não tinha nada de mudar. Então ela fazia aquelas saias, ela lavava aquilo bem lavado, acabava, engomava, enrolava com papel solofone (celofane) azul, guardava dentro daquelas malas, pra num ficar amarela aquelas roupas. Era um cuidado que ela tinha muito grande, a esposa do Chico Midiato, que era muito amiga do maracatu Az de Ouro.

Quando eu brinquei a 1ª vez, era à tarde, de três horas a uma hora dessas, nós já tava indo... Eu me lembro bem assim: a gente tava se juntando, se juntando, se juntando ali no Passeio Público, e lá no Passeio Público, nós ficamos farreando por ali, tomando umas caninhas e brincando, aquelas conversa toda de gente novo mesmo, e dali quando eu tinha uma corneta – nessa época a gente tinha uma corneta que dava o sinal, aquele clarim que fazia aquele alarme, aí ele apitava – aí ele saía todo se balançando, o seu Raimundo, que era o macumbeiro, né? Aquela roupona cheia de coisa por baixo, pra ficar bem cheiona, bem arrumada aquela roupa, botava saco de plástico,

botava muita goma, muita coisa e botava papel, desses papel grosso pra poder ficar bem, fazia aquela zoadá, era ele andando e saia lá ... chi ... chi ... chi ... chega era a arrumação mesmo dele, ele gostava, né? Aí nós saímos cantando pela Senador Pompeu. Eu me lembro bem que nessa de 40 ele cantou aquela loa, era uma batidazinha meio apresada. Ele cantou, cantava diversas, mas a que eu me lembro bem, que ele canta muito mesmo, era essa que o pessoal até pedia. (“Olha o meu emblema e cai na gandaia, olha o meu emblema e cai na gandaia, oi balance o corpo, oi balance a saia, oi balance o corpo, oi balance a saia, nego do bumbo ainda não chegou, nego do bumbo ainda não chegou, no meu cordão a dança começou ô, maracatu, maracatu, maracatu chegou, maracatu, maracatu, maracatu venceu, maracatu, maracatu, no trono se sentou, já chegou o carnaval maracatu sou eu, já chegou o carnaval maracatu sou eu.”)

E outra de 40 que eu me lembro era essa: “Minha mãe tem couve, couve tem, mas não é pra panela de ninguém, lá na feira a mulata também tem, mas é só pra quem leva seu vintém, lá na feira a mulata também tem, mas é só pra quem leva o seu vintém, a mulher do palhaço é um colosso, deu pulo errado e quebrou o pescoço”. Ele cantava essas coisas assim, né?

Em 43, eu fui pra Natal, no tempo da guerra... de lá do Cedro pra Natal, com a família toda, né? Quando terminou a guerra em 46, aí eu vim embora pra Fortaleza, com a família também, pai, mãe. Nessa época, tava todo mundo ainda vivo. Quando foi em 46, aí não vi carnaval. Já cheguei mês de abril, aí não deu mais pra ver. Em 47, saí me lembrando, procurando aonde é que anda e tal, aí nem vi maracatu, não vi nada, nem nada, nem nada. Quando foi em 49, eu tive a notícia que ele tava se preparando para sair em 1950. Aí eu me encontrei com o Raimundo Cândido e ele me disse que eles estavam se preparando lá na Cachorra Magra, que era aqui perto da Assistência Municipal, uma rua que chamavam por nome de Cachorra Magra (atual rua Marechal Deodoro). Eu procurei nessa época e encontrei, já tinha um bocado deles conhecido e lá eu participei, entrei novamente no maracatu. Em 50, eu saí de nêga no maracatu. E foi um carnaval assim, meio desagradável, por que nessa época o Raimundo já tava só – ele e o Zé, que era quem cantava. O Raimundo tinha umas viagens,

o Boca Aberta tinha um negócio de umas viagens, depois perto do carnaval ele sai, ia embora, ninguém sabia pra onde ele ia, e o Zé Neguim é quem segurava as macumbas. De qualquer maneira, eu saí muito satisfeito, não. O Zé Neguim, que era irmão dele, e o Alcides, já tinham ido embora para o Rio de Janeiro, sempre aquela coisa meio desmantelada, aí quando foi, disseram que tavam ensaiando o Az de Espada lá no Beco do Limão, lá perto do Mercado dos Piões. Aí, quando foi um dia, eu conversando por lá, encontrei novamente o Raimundo Cândido, aí o Raimundo Cândido disse: “Eu vou brincar no Az de Espada, não quer ir não?” Eu vou experimentar. Aí fui lá e saí de índio.

Bom, em 50, quando eu participei do maracatu, foi de nêga e, nessa época, não tinha muita curiosidade, não, mas eu ouvi bem, gostava muito de observar as coisas. A gente desfilava na rua Senador Pompeu e era uma rua muito animada, todo mundo participava daquele desfile naquela avenida com o maior entusiasmo do mundo e eu fiquei assim, sabe? Meio esquisito, que eu nunca tinha me pintado, mas quem pintava a cara nessa época era a gente mesmo, não tinha esse negócio de ninguém pintar ninguém, não. Cada qual pegava seu borrãozinho que tinha espelho e se pintava, não tinha esse negócio: “Chega aqui, pinta fulano”. Não tinha isso, não. Cada qual se pintava. Não tinha essa história de ninguém pintar ninguém. Isso em 50, né?

A roupa era a mesma roupa: saia branca com sete triângulos arrodeando a saia e aquele casaco com aquela renda branca.

Eu me senti muito entusiasmado – que eu toda vida gostei muito dessas coisas! – de brincar de peças dramáticas e eu já entendia tudo, né? Dessas coisas, tinha aquilo 100% e quando a gente saiu na Senador Pompeu, tinha aquelas radiadoras anunciando: lá vem o maracatu Az de Ouro e tal, aquela alegria, o seu Raimundo cantando, cantava uma coisa e cantava outra e cantava:

No momento dos ensaios, seu Raimundo gostava muito de fazer assim, um coquetel de músicas, que era pra gente evoluir, fazer aquele movimento mas, que era o que apressava a bateria, né? Que apressava a bateria... aí a negrada começava aquela alegria. A quadra era muito grande aqui do outro lado e a gente foi. Ele cantava cinco,

seis coisas, fazia assim um coquetel de músicas, né? E eu sempre gosto de fazer também.

Seu Raimundo Feitosa era uma pessoa muito animada. Ele, quando chegava, de longe a gente já ouvia aquela zoadada. Ele falava muito, a fala muito penitente, aquela fala dele, que quando ele falava, chega estremecia. Ele dava aquela risada, ia logo chegando e o pessoal: “Seu Raimundo, seu Raimundo” e tal, e ele puxava praqui, puxava pra acolá, e ele dizia: “Só quero saber se a orquestra hoje vai ser boa, porque se a orquestra não prestar, eu não vou cantar nada”. Dizia logo isso, né? “Porque a orquestra da semana passada, domingo, tava ruim demais. Eu gosto de ver uma orquestra é pra enfezar”. Ele gostava de dizer isso.

Era o batuque, que a gente chamava orquestra. Ele e o Raimundo Baiaiá só chamavam orquestra, e ele achava... queria que fosse uma orquestra boa, né? Ele chegava, era aquela animação com todo mundo e às vezes cantava, se afobava que, quando ele começava a cantar uma coisa que a pessoa não cantava direito, ele se zangava. “Eu não vou cantar mais não, porque não tão respondendo. O povo, ninguém quer responder, eu não vou cantar só, eu não canto mais nada”. Eu digo: “Não, seu Raimundo”. Agora, o Felix era muito animado. O Felix é quem animava mais aqui na quadra, que era uma princesa do maracatu.

E o Felix: “Seu Raimundo, eu também tô dizendo, eu tô chamando todo mundo pra cantar: bora meninos vocês vão cantar? Vamos!” Aí todos iam cantar e se alegrar. Aí ele desbulhava o pesqueiro, cantava cinco, seis, oito, dez loas em cima uma da outra.

Ele era católico. Ele freqüentava tudo. Ele era muito habilidoso. Ele via... passava numa... qualquer ambiente... ele passa... ele via, ouvia uma música, uma coisa que parecia, que desse pra ele colocar no maracatu, ele já chegava.

Ele nunca foi do candomblé ou da macumba. Ele não era metido com essas coisas. Podia até freqüentar, né? Porque a gente do maracatu é muito, como se diz, é muito convidado pra essas coisas, e às vezes a gente não quer deixar de ir.

Ele vivia pelo mundo. O negócio dele era de tecelar, que ele trabalhava de tecelão, ele ajudava em tecimento de redes. A mania dele era de viver pelos matos pegando passarinhos também, que ele gostava demais, ali pela Vila União, naqueles terrenos baldio, ele pegava muitos passarinhos por ali e vendia nas feira e trocava... A vida dele era essa.

Era um velho muito sério. Era um velho de chegar aqui, entrar e tomar café, comer e ir embora. A gente se encontrava em todo canto, ele era muito pagodeiro. Ele cantou no Az de Ouro até o ano de 80. Quer dizer, 10 anos, de 70 á 80.

Ele parou porque ele disse que não queria mais: “Não posso mais, não posso mais”. Aí não quis mais nada. A irmã dele também. A gente quis colocar ele num trono pra sair no maracatu com a gente na avenida mesmo assim, mas a irmã dele: “Não, pode ele cair, não sei o quê”. Aí ele se acomodou e não quis mais.

Ele morreu com 95 anos. Morreu em 96, com 95 anos.

Ave Maria, a animação dele era demais! Ele, quando batia dentro da sede, a alegria da sede. Era o seu Raimundo. Aprendi muitas loas com ele. Foi muito difícil!

Na avenida, é como diz o Zé Rainha, depois de chegar na avenida, podia morrer quem morresse, ele não tava nem vendo. Ele cantava e não se incomodava que ninguém aprendesse, não. Quem quisesse aprender aprendia, mas ele nunca teve interesse de ensinar, nem também de reclamar porque o povo aprendia.

Ele dizia que criava no momento. Às vezes, ele inventava, cantava aquelas loas, aquelas coisas.

Ele tava cantando... Quando dá fé, eu me juntava com ele, aí ele canta uma coisa e eu cantava também misturado, fazia aquele coquetel.

Ele gostava de cantar mesmo era a “Volta do Maracatu” que eu já cantei, e gostava muito também de cantar aquela “Nêga Sebastiana”.

No carnaval de 74, foi a “Quilombo dos Palmares”: “No Quilombo dos Palmares, do outro lado de lá, Maracatu Az de Ouro

vem mostrar no Ceará, pretos que vêm de Angola, pretos que vêm do Gongar, pretos que vêm de Luanda, pretos dos orixás, vejam que coisa tão bela no carnaval a desfilar, é rei Zumbi e suas negas, no carnaval a desfilar, pretos que vêm de Angola, pretos dos orixás, pretos que vêm de Luanda, pretos que vêm do Gongar”.

Eu me lembro do carnaval de 75. Foi um carnaval que marcou muito porque nós lançamos uma sereia muito pesada na avenida, que eu consegui fazer... e o seu Raimundo tinha muita habilidade... Foi quando ele viu e ele disse: “Ai, vamos cantar uma música em homenagem à sereia”. Aí, começou a cantar.

Em 1976, essa loa foi inspirada. Eu tava deitado na areia da praia, ali na Praia de Iracema e vi o mar com aquela zoada, aquela onda bonita. Aí eu ouvi aquela voz dizer assim: “Caô, na minha cabeça né?” Aí eu fiquei naquilo... Aí quando eu cheguei aqui conversando com o Zé, eu disse: “Aconteceu uma coisa tão bonita na praia! Eu vou fazer uma loa do maracatu”, colocando essa loa que foi o maior sucesso, né?

Bom, mas a 1ª música que eu cantei antes de ir, perto da avenida mesmo, foi lá, no ano de 84.

Nesse tempo, eu estava com o maracatu lá no centro da cidade. Aí eu fiz duas loas: fiz uma homenageando o Zé de Alencar e, faltando um dia pro carnaval – havia muita crítica nessa época – aí o presidente que é o menino... esse que saiu agora... Ele não... esse que saiu antes do Calé, o Flávio Peixoto chegou e disse: “Olha, essa música você não pode levar pra avenida, não, por que é peça literária”. Eu digo “Meu Deus, peça literária!” É porque tem uma norma que não pode. Parece que foi o Geraldo... o pessoal... disseram lá que não sei o que tavam... que ela foi uma música que eu fiz sobre... homenageando Zé de Alencar. Aí na mesma hora, eu não tinha o que fazer, criei uma homenageando o café, né? Foi até uma loa fazendo na colheita do café. Foi até o enredo assim... O enredo era pra ser homenagem a Zé de Alencar, mas como não deu, eu tava até fazendo umas coisas, aí ele disse que eu não podia cantar. Eu fui e tirei na mesma hora, na mesma noite, eu criei uma, a do café: “Café, café é a colheita do café, lá na Serra Grande, no dia de São José, eu vi muito preto velho na colheita do café, café, café, na colheita do café, quando eu vim da

Serra Grande, passei no Baturité e vi foi gente branca na colheita do café, café, café, na colheita do café. Subi a ladeira da serra pra ver de perto o luar, foi na terra de Iracema que eu vi José de Alencar, Zé de Alencar, foi que eu vi José de Alencar, e lá se está Messejana pra ver a banda passar, foi lá que eu conheci a praça do vei José de Alencar, Zé de Alencar foi à casa do Zé de Alencar, depois fui ao Mucuripe passear na beira-mar, vi o sol beijando a areia e a lua beijando o mar, Zé de Alencar, foi que vi José de Alencar”.

A de 90 foi uma loa que eu fiz em 89 para cantar em 90, que seu Raimundo até gostava muito dela e eu aproveitei a carona dele e cantei no carnaval:

“Já deu meia noite, o galo cantou e o meu Az de Ouro na rua chegou, e o meu Az de Ouro na rua chegou (refrão) (bis). Ele tem rainha que leva calunga, ele tem rainha que leva calunga, tem preto com balaio, preto da macumba, tem índio balaio, e preto na macumba (refrão). Ele foi coroado por rei de Nagô, ele foi coroado por rei de Nagô, só falta despacho do Imperador, só falta despacho do Imperador (refrão).

“Hoje é meu aniversário, preto velho, vamos saravá, segura a gira, caboclo, salve mamãe Iemanjá, mexe, mexe, mexe, sinhá, mexe a panela e não deixa queimar, mexe, mexe, mexe sinhá, mexe a panela e não deixa queimar, a panela tá cheinha de galinha pelegê, o tempero da galinha é azeite de dendê, mexe, mexe, mexe sinhá, mexe a panela e não deixa queimar, e sempre comprovando a sua glória, maracatu Az de Ouro veio contar a sua história, mexe, mexe, mexe sinhá, mexe a panela e não deixa queimar, mexe, mexe, mexe sinhá, mexe a panela e não deixa queimar. (Repete).

“Meu são Benedito, meu irmão de cor, meu são Benedito, meu irmão de cor, olhai pra esses pretos, filhos de pai Xangô, eu venho de Luanda, feliz a cantar, laçando pantera na luz do luar, um dia o branco na aldeia chegou, cercou minhas terras e me escravizou, ó meu São Benedito, ó meu São Benedito, olhai pra esses pretos na cor, meu São

Benedito, meu São Benedito, meu irmão de cor, olhai pra esse preto, filho de pai Xangô, eu venho de Luanda feliz a cantar, laçando pantera na luz do luar, um dia o branco na aldeia chegou, cercou minhas terras e me escravizou, ó meu São Benedito, ó meu São Benedito, meu São Benedito, meu irmão de cor, olhai pra esses pretos, filhos de pai Xangô”.

Essa música era o seu Raimundo que cantava. O Afrânio cantou... o Afrânio canta ainda.

O Afrânio sabe explicar bem, quem cantava essa música era o Az de Espada, mas o seu Raimundo todas... Você pode perguntar o fulano qual é das loas, cantigas de maracatu que não passou pelo Raimundo, por que ele tinha uma cabeça que eu não sei o que era aquilo, ele cantava, pois é, cantava muito essas coisas, né?

“Levanta a bandeira e vamos embora”. Essa é a música de despedida.

“Adeus cambimba adeus, adeus cambimba adeus, adeus cambimba adeus, ó virgem do rosário, é chegada a hora, levanta a bandeira e vamos embora, ó virgem do rosário, é chegada a hora levanta a bandeira e vamos embora”.

Pra começar é essa:

“Ô Maria, chama o pessoal que o nosso maracatu, ô Maria, já vai começar, o terreiro tá em festa, hoje é noite de luar, quero ver você, ô Maria, maracatucá ô, maracatucá ô, maracatucá. O galo cantou já está na hora, o Az de Ouro vai embora agora, valei-me, valei-me, meu pai Xangô, se alguém perguntar, diga que eu já vou, valei-me, valei-me meu pai Xangô, se alguém perguntar diga que eu já vou. Cachaça e sal, nêga danada do berimbau, valei-me, valei-me, meu pai Xangô, se alguém perguntar, diga que eu já vou”.

Era essas coisas assim mesmo, as coisas dele era assim mesmo.

Tudo era ele, o Raimundo, que inventava, ele cantava eu cantava com ele, ele cantava uma coisa eu cantava outra, a gente fazia parceria que nem aquela loa, eu não tô me lembrando o ano

que aquela “Roda, roda pessoal”, eu cantava com ele e ele achava bom: “Faz a roda, pessoal, vamos brincar carnaval, hoje a lua tá cheia, vamos dançar pessoal (bis).

Nossas negras tão prontas pra dançar e as baianas também vão participar, viva o reinado, reinado de pai Xangô, vão coroar a rainha que o nosso rei mandou”.

É assim mesmo, as antigas.

De coroação, têm muitas, muitas não aqui... eu conheço... tem muito é do Rei de Paus, Rei de Paus não Az de Espada.

De coroação é essas daí: “Ô meu pai Xangô, ô ô ô meu pai Xangô, meu pai Xangô, meu pai Xangô, moças pretas vão se apresentar pra dançar com suas lindas princesas, levando a rainha pra coroar, ó meu pai Oxalá, ô, ó meu pai Xangô, ô, ó meu pai Xangô, valei-me meu protetor, a nossa rainha já se coroou, a nossa rainha já se coroou, com coroa de ouro e prata, com coroa de nagô, com coroa de ouro e prata, com coroa de nagô”.

É essa aí que ele cantava, o seu Geraldo, era essa aí. Eu não sei... Tinha umas coisas que a gente não tava no meio, mas o Geraldo tomou conta dela e diz que é dele, ele nunca fez nenhuma mas, quem fazia as loas lá era o Raimundo Rosa... era quem era o compositor, mas ele muito inteligente começou a aprender e ir nos terreiros direto aí pegava umas músicas de terreiro e fazia as loas dele tranqüilo.

As do Raimundo Boca Aberta que ele cantava muito era, era que a gente cantava pra coroar, que já era também desde o tempo do Az de Espada, por que antes não tinha coroação. Quem inventou a coroação foi o Az de Espada. No tempo que o Az de Ouro, começou não tinha coroação. No começo, não. Até... a data eu não sei... Essas coisas eu não presto muita atenção. Eu sei que no início do Az de Espada, em 51, começou logo com coroação. O Az de Ouro não tinha, no começo não, ele veio fazer só depois.

Quando eu peguei de volta do Paulo Tadeu o Maracatu já foi em 82. Houve o desfile de carnaval, foi até na Avenida da Universidade. Lá foi feito o desfile, isso em 82.

83 não houve carnaval, nem houve em 63 nem houve em 83. E quando foi em 84, aí nós desfilamos lá na Duque de Caxias, foi um desfile feito lá da Rua 24 de Maio, este ano a gente tava lá na “Chiquita”... a gente tava lá em 84, aí de lá nós preparamos o maracatu. Lá na casa, era eu que estava morando lá. A gente chamava casa da Chiquita por que era ela que tinha morado lá, e quando ela saiu de lá, eu aluguei, botei um bar, depois eu saí de lá, o Zé Rainha ficou lá, mas o cabra véio cismou com o Zé Rainha, aí pediu a casa e não deixou o Zé ficar. Foi pouco tempo, só um ano mesmo.

Em 84, foi esse tema do café, que eu cantei, que eu ia lançar aquele do José de Alencar e o menino disse que não... era a história da peça literária não sei o quê. Aí eu inventei a historia do café.

Tava bom... Em 84, ele saiu tão bem. Só teve um problema, que as coisas são muito complicadas sempre pro carnaval, sempre. Sempre teve umas coisas difíceis e, em 84, a gente estava no maior entusiasmo pra fazer um desfile muito bonito, mas quando foi na véspera do carnaval, aí os meninos que desfilavam, saíam de princesas, que era o Chagas, o Pará, se aborreceram porque eles queriam uma fazenda e eu não tinha mais dinheiro pra comprar. Aí eles foram brincar no Vozes da África. Mas teve uns que com o Cabeção criaram outro, isso aí foi depois, isso não foi em 84 não. Isso aí foi antes de 80. Isso aí foi quando fundaram ali o Nação Africana.

Saiu dois anos: 1º ano, ele foi vice-campeão; 2º ano, ele perdeu. Aí não saiu mais, não. Aí pronto, quando foi em 85, foi o tempo que eu passei pro Zequinha.

85 porque eu estava muito cansado. Tava morando já no Maracanaú e, toda vida, já fazia uns quatro anos que, quando era pra fazer o carnaval, eu tinha que alugar uma casa aqui no Centro, porque eu não queria vir pra cá, né? Aí eu alugava uma casa lá, a gente fazia uma parte das coisas aqui, outras lá e levava tudo pra lá. De lá mesmo a gente saía, mas depois que o Zequinha passou esses dois anos que eu recebi.

Zequinha Leandro era muito habilidoso, era um grande carnavalesco. Era Leandro, José Leandro não sei de quê, mais conhecido por Zequinha. Ele foi do Az de Ouro, foi do Estrela

Brilhante, ele brincou em muitos maracatus, Rei de Paus, até de rainha ele foi lá.

Ele era um grande desenhista e bordava e confeccionava tudo que era coisa linda. As coisas mais bonitas que têm ainda hoje no Vozes da África foi feita por ele. Muita coisa bonita que ainda tem lá era ele que fazia. Aí, exagerado, começou a exagerar... negócio de... quem exagerou essas coroas, essas cangaiona exagerada de grande, tudo foi ele.

Em 85, no carnaval de 86, já foi ele que... ele pediu o Zé Rainha... pro Zé Rainha ir lá aonde eu morava pra eu passar... era ele e o Jairo. O Jairo era o parceiro dele, né? Que eles moravam juntos, eles morreram todos dois num ano só.

O Jairo morreu de AIDS no mês de abril. Aí, quando foi no mês de novembro, o Zequinha morreu também da mesma doença.

O Zé Rainha foi lá ainda aonde eu morava no Maracanaú, ele e o Luciano – que era um rapaz também que participava muito de maracatu, que queria ajudar a ele e o Jairo – foram lá em casa pedir:

“Juca, tu tá dizendo que vai parar o maracatu. Se é de tu parar, o Zequinha é muito habilidoso, tem muito gosto, sabe fazer tudo. Ele quer tomar conta do maracatu.”

Aí eu digo: “Então, Zé, vamos fazer o seguinte. Eu não vou entregar de mão beijada, não. Vamos fazer um contrato de dois anos, porque é melhor.”

Aí o menino disse: “Não, mas pode passar pra ele que com o Zequinha não tem isso, não. Ele é conhecido, não tem bronca.”

Não tinha, mas teve, por que quando ele se sentiu dono da situação, aí disse logo que... ficou todo contra o Zé logo. Aí disse ao Zé que não ia fazer nada com o Zé... Não ia fazer nada pro Zé... Não ia se ocupar em fazer nada pra rainha de graça. Se fosse fazer tudo, tinha que ser pago. Aí eu me aborreci e ele se aborreceu com o Zé... Aí foi... Aí passou e eles ficaram. Era eles mesmo lá, era ele e o Jairo... O Jairo tinha uma cabeça boa pra fazer loa de maracatu.

Esses dois anos eu saí no Vozes da África. Ninguém saiu com ele, não. Eu não estou dizendo que ele saiu no Vozes da África, esses

dois anos, e eu também fiquei lá bem uns três, quatro anos. Ficou pra lá, eu era de fora.

A sede era lá no João Arruda, lá pra banda do Henrique Jorge, por acolá.

O Odacir é a única pessoa que pode dizer alguma coisa, é o Odacir. Não é nem tanto Odacir, que Odacir não ficava no meio daquele movimento, não. Quem é mas indicado é o Chico. O Chico foi quem ficou lá esse tempo todinho. O Chico ficou lá do começo até o fim. O Chico Batista que faz os desenhos. Ele sabe bem, talvez saiba até a loa qual foi. Aí ele entregou, não teve problema, não.

O Zé disse: “Já que ele fez isso, tu pede o maracatu de volta e tal”.

O Zé, Zé Rainha, aí quando chegou já em cima do carnaval, em 87, aí eu não saí mais em 87. Aí eu disse: “Zé, não vai dá tempo e eu não estou podendo. E eles destruíram as coisas tudo e o maracatu ficou sem nada. Pra arrumar isso tudo agora faltando tão pouco tempo. Eles embromaram, embromaram, ainda fizeram um bocado de apresentação com as coisas do Az de Ouro, pra poder começar o maracatu deles, né? Aí, quando vieram me entregar, foi faltando pouco tempo pro carnaval, eu também doente”.

Eles criaram o maracatu Rei dos Palmares – nome bonito, o maracatu também muito bonito! Eu sei que ele morreu em 93. Aí sim ele ficou... Aí quando foi pra ele adoecer, desprezaram ele. Aí ele foi lá pra casa. Quando chegou lá em casa, dizendo que estava muito doente, mas os amigos tinham se afastado, tava passando necessidade... A única pessoa que ia deixar umas coisas lá era o Antônio da Esquisita... era quem ia deixar umas coisas lá a ele. Acho que Antônio já morreu também, que ninguém ouviu nem notícias dele. Não tem quem dê notícia dessa criatura.

87, 88, 89... esses três anos, eu parei. O Az de Ouro não saiu em 87. Nem 87, nem 88, nem 89.

Aí eu fiquei afastado, brinquei no Vozes da África todo tempo, saí de lá, não.

O Zé Rainha só brincou dois anos, dois anos lá e um no Leão.

Ele nunca deixou de sair. Aí eu fiquei, né?

Sentia um vazio na avenida, muita gente dizia mesmo: “Ô rapaz, Ave Maria, o Az de Ouro não estando na avenida!” Aí quando me via: “Juca, cadê o maracatu, cadê o Az de Ouro e tal?” Aí eu digo: “Tá lá, não se incomode, não, é por que nós estamos ajeitando lá. Ele tá deitado em berço esplêndido, repousando”. Aí eu dizia aquela brincadeira, né? Fazia aquele babado com a negrada, aí pra encurtar a história. Quando foi em 90, eu comecei, eu mesmo resolvi, sem ter quase nada... Aí o Ayrton me deu uma força muito grande, o Ayrton lá do Vozes da África. Ele me deu uma força: “Não, volte a botar o maracatu, a gente ajuda. Se tiver alguma coisa por aqui, a gente faz e não sei o quê”. Eu acreditei muito, e tinha algumas coisas... Eu, nesse tempo, eu tinha saúde. Aí depressa eu comecei: “Rou, rou”. O Zé Rainha tava lá pro Rei de Paus, não veio. Aí eu fiquei sem rainha, né? Quando foi no dia, o Ayrton tinha me prometido que arranjava uma rainha. Aí quando chegou no dia do carnaval, ele mandou dois rapazes pra cá, um pra sair de rainha e um pra sair de princesa, mas sem roupa e eu não tinha roupa pra dar, né? Eu não tinha feito, que ele tinha tudo lá, né? Aí chegaram: “Cadê, Juca, a fantasia?”

“Rapaz, que fantasia? O Ayrton disse que vocês vinham tudo pronto.”

“Não, mas ele disse que as fantasias de lá, não, tinha que ser era daqui.”

“Aí então, não tem.”

Aí eu botei uma nêga que era muito famosa, que era até a Vanda, pra sair de rainha, né? Ela tinha feito um vestido até bonito. Aí eu disse: “Bote na cabeça que o que vale não é a roupa, é comunicação com o público e a simpatia. A roupa não influi essas coisas toda, não”. Como de fato foi mesmo, por que o Geraldo tirou nota 5 e ela tirou 7, né? No 1º ano, 90, aí 91, eu saí de novo.

Foi quando eu assumi... Foi eu nesse tempo. Eu vim passar pro Marcos, em 93. Aí, em 93, que eu ia parar de novo, aí eu disse: “Marcos toma conta disso”.

Aí 93 eu disse: “Marcos, você... (não, eu não chamei)”. Aí o

Mario Praxedes disse: “Juca, se você quer acabar com o maracatu, não acabe, não, deixe que eu tomo de conta do maracatu”. Nesse tempo, ele não tinha nem o Baobab.

O Mário do Alberto, Mário Praxedes: “Se quiser eu tomo de conta do maracatu”. Aí, eu disse: “Então, tá certo”. Aí eu vim embora... Quando eu cheguei aqui, passei na Miranizia. A dona Miranizia era uma senhora que morava ali, que era uma força do maracatu. Só ela tinha umas 30 pessoas da família dela, amigos dela que brincava, né? Aí, passei lá pra dizer: “Dona Miranizia, o maracatu vai voltar a desfilar”. E ela: “Vai mesmo? Ou vai parar... que diga, vai parar novamente”.

Aí ela disse: “Vai parar por quê?”

“Não, porque eu não tô mais podendo”. Aí ela disse: “Pois então...” Não, não foi assim, eu disse: “Então Mário, você vai tomar conta, né? Do maracatu, né?” Ele disse: “Vou”. Aí quando eu disse isso, ele veio imediatamente na casa dela pra dizer a ela que, a partir daquela data, ele ia tomar conta do Az de Ouro. Aí, quando chegou lá, disse assim: “Dona Miraniza, eu vim aqui pra lhe dizer que o Juca tá querendo se afastar do Az de Ouro, mas não vamos deixar ele se acabar não, vamos continuar, porque ele acertou pra mim tomar conta do maracatu”. Aí ela foi e disse assim: “E é dois maracatu Az de Ouro? Porque o Marcos já está arrumando tudo lá pra botar o maracatu Az de Ouro na avenida, e agora você já vem me chamar pra ir também. Quero saber se é dois Az de Ouro?”

Porque ela era muito espoletada logo, aí ele ficou assim meio... Aí quando eu cheguei, tava o Marcos... Já tinha feito uma reunião com o Chico e com ela e com um bocado de gente e já estavam tirando as coisas, que estavam tudo mucambado por ali, pra limpar e ajeitar, que era pra começar os ensaios. Aí saiu de lá pra cá e ficou essa confusão.

Acho que, de lá pra cá, o Marcos se lembra, de 93 pra cá.

A mudança que houve... a mudança que aconteceu foi justamente essa história de promessa de muito dinheiro. E as pessoas se ilude com essa conversa e começa a querer fazer isso, fazer aquilo. Quando chega na época do carnaval, fica todo mundo doido, sem ter

condição de fazer o que foi programado. Aí os maracatus vêm sair na avenida tudo espedaçados. Nunca mais saiu um maracatu na avenida assim bonito, o cortejo todo perfeito... você olhar assim de ponta à ponta, ver as coisas tudo... Tava, tava mais ou menos legal, mas o que eu tô dizendo é que ainda faltou muita coisa.

Melhorou, de 98, 99 pra cá, que 98 não houve carnaval. Foi aquele ano que só quem saiu foi o Praxedes, mas de 99 pra cá, houve um, pelo o menos o Az de Ouro... o Az de Ouro teve assim um impulso muito grande que foi a época que o Calé entrou com aquela garra dele, com muito gosto. Ele ia resolver alguma coisa, ele ia assim habilidoso e também até que ele gostava de angariar alguma maneira da gente fazer alguns preparativos pra sair. Aí ficou, depois você (Pingo de Fortaleza) chegou também com muito cuidado e deu muito pulso, porque naquela época que apareceu um horror de autoridade por aqui, era deputado, era tanta coisa, eu até me lembrei de uma loa que o Geraldo canta: “Que o nosso maracatu não é rico, nem tem general, é feito de gente pobre e humilde, mas sabe brincar carnaval”. E eu era sempre lembrando dessa arrumação. Não era rico nem tinha general, e a gente brincava tão direito. Quando apareceu o general, enricou... aí a coisa ficou mais difícil. Mas a gente, com cuidado, sempre levava, agora ficou mais difícil, porque a sede se transformou numa coisa muito pequena para a maneira que o maracatu cresceu.

O seu Zé (pai do Marcos) começou a perder a paciência por causa das pessoas que não tinham o conhecimento. O seu Zé daqui, dono da casa, da sede. Aí as pessoas não tinham a compreensão que chegasse à altura dele e ele não sabia dispensar e começava assim a se exaltar e aquilo foi me deixando arrasado por que eu ficava aqui dentro da sede ou eu tinha que cuidar do maracatu ou tinha que cuidar pro povo não invadir a casa ou cuidar pro pessoal não bulir nas plantas dele ou então pro pessoal falar baixo e de todo jeito era aquela coisa.

O que mudou pra mim mais, foi uma questão assim: 1º de tudo eu gosto muito de falar quando se fala das coisas... a parte principal que o dinheiro melhorou... por essa questão de ajuda de dinheiro, mas é um dinheiro tão assim esses dinheiro que a gente recebe de aposentadoria, que a gente peleja pra fazer, controlar

alguma coisa, não sei porque a gente não controla, peleja, peleja, peleja e o dinheiro não dá, a gente vai daqui, vai dacolá e o dinheiro é pouco... não chega... a gente quer fazer uma coisa e não pode e o maracatu não tem nada a ver com isso, mas como eu sou Mestre da Cultura através do maracatu, tô sempre cooperando com o maracatu pra evitar de as coisas desabarem mais. Mas melhorou nessa parte do dinheiro e aumentou também o meu trabalho. Foi não foi, eles me chamam pra participar de alguma coisa, que às vezes eu não estou nem com muita condição, como essa viagem do Crato, que eu tava nem pensando nessa viagem, mas ele quer por que quer, e eu fui falar que ia fazer um jeito de mandar o pessoal e eu ia ficar, e ele: “Ave Maria, Mestre Juca, você não pode, que os mestres estão aqui e você é uma pessoa, que não é querendo menosprezar os outros, mas a sua figura de mestre é uma coisa que chama a atenção”.

Pra mim, foi importante, e também acho que para os outros, né? Que tão todos felizes! Até agora não vejo ninguém se mal-dizer, não. Mas eu achei bom! Gostei muito dessa maneira porque eles enxergaram uma coisa que vivia assim escondida há tanto tempo. Não tinha quem conhecesse o que um trabalho que se faz de equilíbrio... Não tinha quem conhecesse... As pessoas não sabiam o que era equilibrar um balaio desses, pensando que esse balaio é agarrado, amarrado, grudado, pregado.

Mestre do balaio foi na França, quando eu cheguei na França, em 97, eu coloquei logo aquele balaio na cabeça.

Aqui, no Az de Ouro, no Az de Ouro mesmo, que eu assumi o balaio foi de 73 pra cá, por que em 72, 73 foi o Marilu, que era um balaieiro que tinha... 70, 71 foi o Neguim, morreu, aí quando foi em 72... Parece que eu saí de princesa no 1º ano. Agora, no outro ano, eu não saí de nada, não porque eu não podia, era muita luta, muita coisa, saí só na base do apoio, na direção mesmo. Quando foi 72, 73, foi o Marilú. Aí, quando foi em 74, eu, o menino, o Neguim, que era outro balaieiro bom também, adoeceu, aí morreu bem pertinho do carnaval. Aí eu disse: “Menino, que diabo é isso! Eu vou levar esse balaio, eu sei levar. Aí aproveitei o balaio e saí com ele, em 73, lá na Aguanambi. Aí, pronto, o pessoal acharam importante aquela maneira de como eu, eu comecei... era um balaio ornamentado com frutas

naturais, e eu botava muita coisa... Tinha o Aloísio, que era muito assim, gostava de trazer coisas, frutas pra botar no balaio, ele trazia carambola, trazia cacho de pitomba, trazia sapoti, aí eu arrodeava o balaio todim, o balaio bonito, pesado. De lá pra cá, pronto, fiquei eu dirigindo o maracatu, como diretor, como presidente e, ao mesmo tempo, como balaieiro, né?

Aí, na França, criei, quis aparecer... Esse tempo de 97 quando eu cheguei na França foi que eu... que na hora de tirar as coisas do avião, eu peguei o balaio, ele já saiu daqui pronto, todo arrumado, aí peguei o balaio e saí com ele na cabeça. Assim que eu botei na cabeça, os fotógrafos em cima tirando fotos no aeroporto mesmo. Aí quando foi no outro dia de manhã, apareceu no jornal, eu com o balaio, e o jornal: *Messîêr Jucá, Messîêr Jucá*. Eu não entendia, não, aí eu perguntei, aí eles disseram: “É... ele está chamando o senhor Mestre Juca do Balaio”... do chapéu, não era nem balaio, do chapéu né? Aí quando eu fui andar no meio, lá pelo meio do povo, eles tudo dizendo: “O do chapéu, o do chapéu”. Aí me agarravam, me abraçavam, era menino, era mulher, aquele povão francês dizendo coisas, e eu não entendo, aí perguntava sobre o balaio e fazia assim, assim com as mãos, aí eu dizia que tava lá, tava guardado, aí quando era na hora das apresentações lá, aí pronto, era aquele sucesso, sucesso e mais sucesso. Aí pronto, de lá pra cá, começaram a chamar. Aí, o Calé pegou, né? Essa história de Mestre Juca, Mestre Juca, e começou chamar Mestre Juca. Aí os outros foram chamando e foi aparecendo essa história dessa escolha desses mestres. Mas aí já foi depois, quando eu recebi o título, ele fez depois que eu tinha recebido.

Dependendo de mim, não tem mais futuro, por que eu mesmo, mesmo que eu me recupere de alguma coisa, a não ser assim que eu chegasse a ter uma recuperação que eu pudesse pelo menos andar, pudesse ao menos tá dentro ajeitando as coisas, mas na condição que eu to... Eu, se não houver uma melhora, a tendência é piorar, piorar, piorar até chegar ao fim.

Eu estou vendo bonito, tô vendo uma coisa muito bem equilibrada, porque tô vendo muita gente com gosto. Tem muita gente interessada, muita gente entusiasmada. Tem o problema do Zé Rainha também, que ele anda com um problema muito sério, mas a

gente já tá aqui programando uma forma dele sair, ou ele só, ou ele e eu, dependendo também da minha situação de saúde, um trono que é pra gente ir ali ao lado, bem devagarzinho, aqui acolá se senta, representando as figuras que o povo quer. Agora pra ele sair com essa coroa na cabeça, dançando na avenida, é que eu não estou achando, que a coisa não tá assim muito adequada.

O tema é o “70 anos do Az de Ouro”. Eu estou achando legal, até criei aqueles motezim: “70 Anos de luta comprovando a sua glória, Maracatu Az de Ouro veio contar a sua historia, parabéns meu Az de Ouro pelo seu aniversário, parabéns meu Az de Ouro pelo seu



Fig.42 Mestre Juca do Balaio com 30 anos

aniversário, tanta gente na calçada com o olho no tesouro, cantando e batendo palma na festa do Az de Ouro, parabéns meu Az de Ouro pelo seu aniversário, parabéns meu Az de Ouro pelo seu aniversário, Maracatu Az de Ouro tem brilho e tem tradição, igualmente o Az de Ouro somente o rei do baião, parabéns meu Az de Ouro pelo seu aniversário, parabéns meu Az de Ouro pelo seu aniversário, quanto mais o tempo passa mais aumenta a sua fama, Maracatu Az de Ouro completa 70 anos, parabéns meu Az de Ouro pelo seu aniversário, parabéns meu Az de Ouro pelo o seu aniversário”.

Que eu calculei mais ou menos foi isso, aí tem aquela do Afrânio também que é muito bonita.

O maracatu hoje tá mais assim, teve uma época aí que o maracatu ficou muito a desejar, porque as pessoas não queriam mais que continuasse. Até os próprios locutores achavam que era uma coisa muito lenta, mas depois – eu não sei se foi por causa dessa influência do Az de Ouro – porque o Az de Ouro influenciou muito na questão dos maracatus – foi um maracatu que não se escorou durante esse período, desses dois anos ou três anos... é... saindo, se apresentando direto, e o Az de Ouro, aonde chega, cada apresentação que faz é mais sucesso, é mais aplaudido pelo povo. Aí deu esse impulso grande e hoje todo mundo é maracatu, todo mundo canta botando maracatu,

todo mundo quer pesquisar maracatu. É colégio, é pessoal até de outros países... vêm aqui atrás de pesquisar e melhorou. Nesse ponto, eu acho que deu um salto grande.

Agora só que isso aí é aquela história, né? Se isso não tivesse acontecido, talvez o maracatu tivesse com maior influência, mas com essa mudança, atrapalhou muito, porque quando eles levam o ritmo, mesmo que seja diferente, mas que a gente entende que é uma coisa bem feita, tudo bem, mas quando não é, eles levam aí às vezes uma batucada que é a coisa mais horrível do mundo, é uma misturada que ninguém sabe o que estão tocando, as próprias pessoas que estão dançando depois sai reclamando.

Eu acho que quem está segurando ainda a tradição do maracatu aqui é o Az de Ouro e o Rei de Paus, e os outros criaram essa batida diferente, que eu não entendo como é que as pessoas vão pra avenida pra dançar pulando, mostrar o fundo das calças. Maracatu não é pra ser assim. Maracatu é uma dança lenta, uma dança que as pessoas pensam que é lenta, mas é engano. O maracatu não tem passo pra frente e pra trás não, é só pra frente, é batendo e ele andando, é batendo e ele andando, é tanto que muitas vezes no tempo marcado da gente, a gente ganha 10 minutos 8, 15, no tempo marcado, porque ele não tem esse negócio... Escola de samba que é rodando, vai lá e vem cá e a pessoa pensa que é ligeiro e nem é.

São as coisas que dependem da comissão julgadora. A comissão julgadora tem os dele. São muita gente que vai escolher. No momento de uma escolha dessas, eu acredito que existe algumas pessoas que já entram já, como se diz, já com aquele intuito de querer dismantelar alguma pessoa. Eu acho que é assim dessa maneira.

Pra mim, o importante é que não existisse isso. Fosse uma coisa que a gente fizesse à vontade, cada qual se apresentasse com uma certa exigência da federação... e também não era só chegar e pegar tudo quanto tem do ano passado, do ano trasado e rebolar na avenida e não apresentar nenhuma novidade porque, se não existisse a competição, eu inventaria uma coisa diferente, eu ia inventar o meu carrinho alegórico, botava a minha... fazia uma coisa que chamasse a atenção, fazia assim um objeto em prata, ter uma coisa em prata assim tão bonita, assim em cima de uma carreta, uma coisa... Não faz

porque não pode ter alegoria. São essas coisas que acabam o brilho.

É, da prefeitura geralmente sempre tem aquela história. Nunca houve uma fase assim. Teve umas certas aí que o dinheiro saiu até mais cedo. Era tanto dinheiro vantajoso, naquela época do Estênio Gomes, Marcos Dourado, que era o diretor do departamento. Por isso, ele se influiu muito nessas questões de federação e ajudava muito. A contribuição em dinheiro chegava cedo, assim faltando uns 20 dias, 15, nessa média de 18, 20, 15, antes do carnaval. Aí, desse tempo pra cá, ficaram nesse negócio, nesse pisado, nesse pisado. Antigamente, o dinheiro era diretamente com o presidente da federação e ele é quem distribuía. Até aqui na sede do maracatu, teve ano que receberam o dinheiro lá e veio distribuir aqui. Era lá no Parque das Crianças, era lá na prefeitura, era em muitos cantos por aí, aquela distribuição.



Fig.43 Mestre Juca do Balaio, carnaval de rua de Fortaleza

Eles fazem umas coisas que às vezes... é... tem me chamado muita atenção, mas é um trabalho silencioso que a prefeitura... o trabalho dela na minha cabeça é a divulgação. Se a prefeitura quer um carnaval de fama, por exemplo, tem que divulgar. Não é o que eu tô dizendo, divulgação, já era pra tá sendo divulgado, na televisão, jornal e tal, anúncio, vai ter desfile das escolas, maracatus e tal, dia tal, tal, tal, e era pra ser numa avenida

assim mais aberta. E outra coisa, esse dia de maracatu, isso é pra ser uma festa muito tradicional aqui em Fortaleza, no Ceará, o dia do maracatu, o dia 13 de maio.

O que acontece é que, pra mim, isso é pra ser uma festa, o seguinte, festa grande. Vai chegar o dia do maracatu? Não, dia tal, quais são os patrocinadores? Cada patrocinador ter o direito de fazer seu carro alegórico, pra colocar na avenida naquele dia. A competição, quem tivesse a alegoria melhor recebia um prêmio, essas

coisas que chamasse a atenção e as pessoas que patrocinasse tivesse a recompensa deles. Sem ter retorno faz como eu, fui lá na FUNAI pra conseguir um patrocínio pro maracatu e eles perguntaram logo como era a questão da divulgação. Eu disse: “Rapaz, a divulgação, eles não querem colocar nada na avenida que possa representar”.

A única mensagem que eu dizia pra eles, e digo, é que se querem continuar com o maracatu, procurem melhorar, porque na minha mente o maracatu como está se apresentando está deixando muito a desejar, por ultimamente... Eu estou tendo a informação que cada vez que o maracatu se apresenta, é uma coisa sem sentido o maracatu se apresentando. Tem até deles, até sem rainha, quer dizer, que isso fica uma coisa... Eu queria que esses maiores tomasse a frente da coisa e não se lembrasse só se vai ganhar dinheiro ou não, porque se fosse pra isso, eu já tive tudo e hoje eu não tenho nem um lugar pra mim morar. Eu tô com 70 anos, quase, 60 e poucos anos, que participo de maracatu desde 1940. Era pra ser rico e não sou. O Marcos, ele pode ter a intenção de fazer alguma coisa, se Deus quiser, e se não quiser, eu vou entregar os pontos mesmo com maior satisfação, mas dentro da coisa, eu não vou fugir, não e todo tempo dentro, explicando onde é que se pode conseguir um material mais em conta, loja tal, casa tal, você vai lá que tem isso, tem aquilo, e assim por diante, eu tenho que ir agora preparar... agora... é... essa bateria.

(Memórias montadas a partir de entrevistas concedidas para Pingo de Fortaleza no segundo semestre de 2005. Os parênteses indicam comentários do autor.)

2.3. Afrânio Rangel, uma majestade entres loas.



Fig.44 Afrânio Rangel, Maracatu Estrela Brilhante, 1955

Meu nome é Afrânio de Castro Rangel. Nasci no dia 21 de julho de 1934. Atualmente, fiz 71 anos. Sou filho de Luis de Alencar Rangel e de Lia de Castro Rangel. Nasci ali na Visconde do Rio Branco, entre a rua João Brígido e Padre Valdevino. Antigamente, a João Brígido chamava-se Rua da Bomba. Eu nasci ali. Então, naquele trecho, quando chegava perto de agosto, setembro, começava os ensaios do maracatu.

Éramos 10 irmãos, 11 comigo: 7 mulheres e 4 homens.

Eu via muito o maracatu, ouvia. A gente chamava macumba, agora mudaram.

Assim, mais ou menos com 9 pra 10 anos, eu via esse movimento em frente à minha casa. Tinha um terreno que morava, tinha uma casa muito grande que ao lado tinha um jardim e tinha uma nesga, um beco e, mais adiante, tinha um terreno muito grande, tinha uma casa assim de alvenaria grande e morava lá seu Chico Midiato. Ele era mecânico, adorava negócio de carro e ele brincava maracatu. A mulher dele era lavadeira.

Naquele tempo, só tinha o Az de Ouro. Então, quando chegava o carnaval, ele se aprontava lá na casa dele. Antigamente, uma coisa que eu friso muito é que, quando os brincantes saíam de suas casas, já saíam todo pronto. Não tinha esse negócio de se aprontar na rua, não. Saía todo prontim pra lá. Então, lá se aprontava ele, alguns outros. Ele era negra, negra de cordão e a rainha se aprontava lá também, e eu achava bonito aquilo ali tudo pronto.

Eu ficava aguardando pra ir pro corso. Corso era o que abrangia aquelas partes, Duque de Caxias, Floriano Peixoto, Major

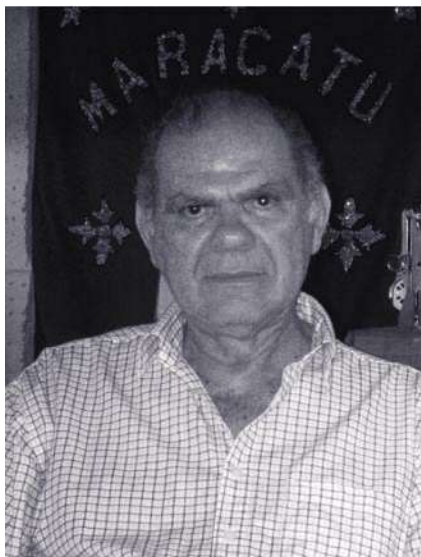


Fig.45 Afrânio Rangel, 2005

Facundo até a Praça do Ferreira, voltava pela Senador Pompeu ou então pela Barão do Rio Branco e fazia aquele circo.

A minha mãe que me levava. Meu pai, não.

Era onde desfilavam os blocos, os blocos e existia também o curso de carro, né? Que geralmente se encontrava na praça, na rua Duque de Caxias, que eles subiam uma alameda. Numa alameda, passava os blocos. Noutra alameda, passava os carros.

Era todo mundo por ali. Aquelas ruas ficavam apinhadas mesmo. Então, o trecho que pegava a Duque de Caxias e mais uns dois quarteirões pra baixo era tudo, tudo mesmo, ninguém podia passar, não.

Nessa época, ela ia só como expectadora mesmo, e quando a gente não ia, por um motivo qualquer, esperava a volta do povo, o povo que tinha ido assistir o desfile, aí perguntava a esposa do Chico Midiato, que passava por nossa porta, aí perguntava quem ganhou? Primeiro lugar, maracatu... Nessa época, todo bloco competia junto, escolas de samba com maracatu.

Agosto, setembro, já tinha começado o ensaio e existia lá um cidadão chamado Praciano. O Praciano, ele tinha lá um terreno, não sei se era dele ou era alugado. Então, nesse terreno, ele fazia de tudo, fazia baile de carnaval, fazia quermesse, fazia novenário de maio, novenário de santo Antônio, novenário de São João e assim em diante.

Minha casa tinha fundo correspondente com a dele. Nessa época, a gente brincava tudo no quintal. Aí, quando chegava a hora de quatro horas, quatro e meia, aí começava um som: tuco, tico, tuco, tico, tuco, tuco, o maracatu ensaiando. Então, começavam os ensaios de rua e bem pertinho ali da gente, na rua Padre Valdevino. Já pra sair

na rua Visconde do Rio Branco, morava o rei momo Ponce de Leon, que era amigo do Raimundo, do Alcides e, toda vez que o maracatu passava ali na porta, fazia uma parada ali em frente, de demonstração, na porta do rei.

Uma rodada assim de dança ou então de cachaça mesmo e ficava aí em frente e fazia aquelas demonstrações. Os cordões faziam a lua, faziam a meia lua. Fazia aquele movimento ali.

Porque o Az de Ouro, em 50, teve um racha: ficou o Az de Ouro, aí apareceu o Estrela Brilhante. Só que o Estrela Brilhante só saiu em 51. Em 51, saiu o Estrela Brilhante.

Tinha um problema, o problema que eu acho que houve, porque ele, o Raimundo, o Raimundo era cara bom, trabalhador. Ele foi fundador do bloco. Ensaiaava bem. O Raimundo era um cara criativo. Ele pegava uma frase, uma coisa, um pedacinho de um canto, aí formava uma macumba bonita, como era aquela “Ô raia o sol, sustenta a lua” e ficava bonita.

Agora, era um cachaceiro de primeira. Agora, não era de cair no chão, não, mas quanto mais ele bebia, melhor ele cantava. Aí tinha essa mania de sair em pleno carnaval, cadê Raimundo? Tá no Paraná. Agora, a sorte dele é que tinha o Alcides, aí tanto fazia ele tá presente como não, o bloco saía.

O Alcides era rainha. Agora, era uma rainha grossa, baixa. Era grossa mas tinha zelo pelo bloco. Tinha gosto a casa dele ali na Barão do Rio Branco. Hoje é ocupada pela Faculdade Farias Brito. Na casa dele, era um bangalô, ele botava um painel lá na frente: “MARACATU AZ DE OURO”. Ele botava umas bonecas lá, uma coisa na frente da casa, pra chamar atenção mesmo, era desse jeito.

Houve o racha. Em 51, saiu o Estrela Brilhante. A rainha foi pra lá e o macumbeiro, que era o menino, o Zé Bembem, foi pra lá. A maioria da orquestra também foi, inclusive o Raimundo Baiaiá, que era do Az de Ouro, foi pra lá e muita gente, e ficou nisso. A rainha do Az de Ouro, em 51, foi o próprio Raimundo Boca Aberta. Ele saiu como rainha e, ao mesmo tempo, cantando.

O Az de Ouro teve várias paradas, não foi nem uma nem duas não. Agora, teve uma longa e o povo pensava que não voltava mais.

Em 51, o bloco saiu todo desfalcado, porque a maioria da bateria saiu. Todo mundo foi pro Estrela Brilhante e a rainha também, o rei.

Nessa época, eu não brincava ainda, não. Agora, quando foi em 53, aí eu entrei no maracatu Estrela Brilhante, como negra do cordão, né? Mas eu fiquei lá muito pouco tempo.

No Estrela Brilhante, eu conheci um pessoal, inclusive, o Alcides era o diretor geral, mas tinha o presidente que era o Francisco Firmino, que era tio do João Batista, que era a princesa do Estrela Brilhante e, futuramente, o João passou a ser meu cunhado.

Então, em 52, o Alcides mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro. Aí ficou aquela história: Ele vem brincar o carnaval? Não vem. Aí o João, meu cunhado, aprontou-se para ser rainha (do Estrela Brilhante), caso o Alcides não voltasse. Aí aprontou-se mas, na última hora, o Alcides veio brincar, mas dizendo que era o último ano que ele brincava aqui, porque não podia. Bom, aí eu entrei em 53.

Foi uma coisa! Meu pai tinha horror a maracatu, por causa da cachaça, por causa disso... meu irmão que tava bebendo demais. Ele tinha horror, viu, esculhambava mesmo. A expressão mais péssima possível. Aí eu disse: “Meu Deus, como é que eu vou fazer pra dizer?”, mas eu não disse. A mamãe preparou as fantasias, a minha e a do meu irmão, do Luís, né? Preparou tudim, as duas fantasias, tão, tão o quê, o Az de Ouro era um, e o Estrela Brilhante herdou as mesmas características do Az de Ouro. A diferença era só o xale, que o xale do Az de Ouro era vermelho, e lá era vermelho e preto, mas o resto era a



Fig.46 Afrânio Rangel, 1954

mesma coisa. Então, eram duas fantasias. Aí ia os três... ia pro ensaio, que era calça branca, sapato fanabô, xale, camisa preta e turbante, essa era a tradicional do ensaio. Pra o dia de ensaio de uma sede era assim e, nas saídas, antes do carnaval, era assim, e tinha a fantasia de gala: era branca rendada. Essa aí passava de ano pra outro. Agora, praquelles mais caprichosos, que tinham gosto com o negócio, cada um fazia uma reforma, botava uma tira, uma roda de renda, outra botava bico e cada vez, ou então abria mais uma nesga pra ficar mais larga. Sempre era assim, mas passava de ano pra outro. A original mesmo era de morim. Era morim a fazenda que, quanto mais você lavava e engomava no grude, parecia linho, né? Aí fazia aquelas coisas, aquelas aplicações e ficava bonita. E tinha a fantasia de segundo dia, que era o chitão, as saias de chitão, chitão bem colorido! Era torso e a saia, o resto era o cabeção, era branco. O sapato era mesma coisa, o xale também... Pois é... então minha mãe fez duas fantasias.

Duas porque, nesse tempo, o Haroldo não estava comigo. Ele estava brincando no Az de Espada. Aí o Haroldo morava no campo de aviação da Aerolândia. Ele morava na rua Capitão Torres Maia, uns três quarteirões assim da Visconde. A gente ia 2 horas depois do almoço... ia pra casa do Haroldo. Lá, se aprontava os dois. Aliás, os três.

E eu, o Haroldo e o Luís, a gente vinha no ônibus da Aerolândia pra cá, cada um pra suas sedes. Nós fomos para o Estrela Brilhante e ele, para o Az de Espada. Assim passou. Quando foi em 54, o pessoal – porque o Alcides ficou em 53 e tal – aí, ficamos observando alguém para substituir o Alcides. Aí, acharam que eu tinha condição de substituir, porque tinha uma certa semelhança, não só na aparência, mas na altura, com o Benoar do Az de Espada. Aí vamos votar... Afrânio vai ser rainha do Estrela Brilhante e... Agora, como é que vai ser? Papai não gosta! Pra eu sair assim, vai ser difícil, mas nada não, mamãe fazendo as fantasias e eu como rainha, bonito. Um dia, eu contei a história que ia brincar maracatu. E ele: “Mas você não está vendo que vai ficar um cachaceiro igual ao outro”. Aí, eu disse: “Não, num bloco novo e tal, não sei o quê”. Sei que eu conversei e levei o véi na conversa. Mas ele ficou assim todo trombudo. Ele via aquele movimento dentro de casa, de fazenda, de coisa, aquelas

coisas pretas, aquelas coisas, mas era piadinha todo tempo, piadinha, piadinha, piadinha.

Quando chegou o dia do carnaval, que a rainha tava toda pronta dentro de casa, a princesa, ele olhou assim, encheu os olhos, né? De fato, foi uma fantasia bonita, enchia a sala. Foi quem usou balão no maracatu foi eu. Nesse tempo, não tinha, não. Usava saia de grude, mas aqueles arames quem primeiro usou fui eu. Até aquele menino Valdemar Garcia, que ele era do teatro e ele morava quase em frente lá de casa, ele disse: “Olha, Afrânio, eu tenho um sonho de ver uma rainha tomar uma rua”. Aí eu disse: “Como é, seu Valdemar?” Aí ele me deu esse modelo de saia e recomendou fazer por cima dela, pra não aparecer os arames, uma saia de morim, aquele bem durão que enchia. No palito botava também e ela ficava bem durinha, né? Pois é... ficava bem durinha e não aparecia porque ficava aquele negócio assim e não aparecia o arame.

Aí pronto, quando ele viu a rainha, a coroa toda recortadinha... Não é dessas fechadas, não! A minha é como se fosse uma cestinha, toda recortadinha, bem direitinho. Depois, eu mandei passar banhado, um negócio que funileiro usa em lata pra não dá ferrugem. Ficava bem amarelinha. De longe assim, pensava que era metal, mas não era, não, era flande mesmo. Pronto, aí a rainha saiu.

Aí ficou doido, meu pai, e inventou de quando o bloco voltar, passar por lá pra dançar. O quintal lá em casa era bem grande, né? A casa era comprida, porta e janela, mas o quintal era enorme. Ele gostava muito de planta. O quintal era bem organizado. Tinha um pé de benjamim muito grande, frondoso mesmo, que dava pra três casas. O tronco era lá em casa, mas esgalhava para o lado de fora e fazia aquela sombra e ele plantava. O chão, ele fazia de retalho de cimento, assim que vinha das praças – que ele trabalhava na prefeitura – e reformavam as praças e eles cortavam o cimento. Era cada laje larga assim! Ele mandava deixar tudo lá em casa. Aí ele forrava o quintal todinho, direitinho, rejuntava com cimento, aí pintava colorido, ficava um tapete bonito, gramado na frente e no corredor e lá dentro um salão bem grandão. Aí levou o maracatu pra lá, fez lá um lanche e fez um bocado de coisa lá. Sei que ficou bom o maracatu.

Eu tenho um negócio com o maracatu. Muitas vezes, todo mundo se admirava como é que eu cheguei a ser do maracatu e sair como rainha, porque eu sou um cara assim, arredio, não gosto de multidão, nem gosto de muita conversa, e eu fui pra esse meio e fiquei de falar no meio do povo e tudo.

Quando tocava... olhe, se passar o dia todinho tocando, eu não me canso. E olhe lá, eu não tinha preparo físico nenhum. Eu trabalhava sentado quase 24 anos, que eu trabalhei num escritório meio expediente e de noite eu trabalhava no colégio Filgueiras Lima. Era só sentado o dia todinho. Eu andava essa cidade todinha e não tinha problema nenhum. Agora parou, o homem morreu, assim foi.

Eu brinquei em 54 e o maracatu ainda foi o campeão do carnaval. Aliás, foi uma disputa ferrenha com o Az de Espada, que eles não se conformaram. Foi campeão nas duas emissoras. Em 55, foi só uma banda campeã. Era a Ceará Rádio Clube e o Diários Associados. Tinha a comissão dela e tinha a da Rádio Iracema. Agora, esse ano, eles entraram num acordo e foi campeão foi nos dois. Aí pronto, para o Az de Espada foi uma morte, não se conformaram.

Quando já foi em 55, aí já foi só na Rádio Iracema que deu. O outro não deu. Aí foi aquela confusão toda... e assim foi.

Aí, quando foi depois, eu passei, não sei se foi em 58, eu passei pro Leão Coroado. O Zé Pereira, que era lá do Az de Espada, viu nesse tempo eu lá no Leão Coroado, aí ele veio me convidar, aí eu disse: “Zé, eu não quero mais esse negócio de rainha, não. Eu gosto, é verdade, e tudo, mas é muito sacrifício pra mim. Você anda muito...” Pra você ver, tinha a Rádio Iracema. Não, essa era a Rádio Clube. Tinha a Rádio Clube, que o palanque geralmente era na Duque de Caxias e a Iracema, lá na Praça do Ferreira. Depois, a Rádio Iracema inventou de ficar lá na 24 de maio. Aí deslocou o curso para a 24 de maio. A gente se reunia geralmente na concentração dos blocos, geralmente era no Passeio Público ou na Praça da Estação, variando. Pronto, começava, pegava a Senador Pompeu, 24 de maio, a Rádio Iracema, pegava a Senador Pompeu, ia lá pra Duque de Caxias... Duque de Caxias... voltava pra voltar de novo e era assim desse jeito, duas volta. E depois teve um ano seguinte que a (Rádio) Dragão do Mar inventou de botar um palanque naquele colégio Justiniano de

Serpa. Marcado mesmo! Tinha que passar tudim e ainda mais você tinha que, no último dia – que o resultado era dado no mesmo dia – no terceiro dia, a pessoa passava uma vez. Na segunda vez, já ouvia a premiação.

Um dia, apareceu uma estudante de curso de Mestrado. Ela foi lá e disse: “Mas como é que vocês se sujeitavam andar isso tudo, ficavam à mercê dos caprichos da imprensa”. Aí eu digo: “Não, é o seguinte: a rádio faltar eu posso, mas na federação, eu não posso. Se você descumprir aquele itinerário, você é punido. Você tem que obedecer à federação”. Aí eu dei o exemplo do Rei de Paus, né? Olha: o Rei de Paus era Ás de Paus. Porque ele desobedeceu à federação, ele foi punido, teve que mudar de nome e de diretoria e, por isso, que ele hoje se chama Rei de Paus, foi por isso.

Depois, eu fui brincar no Leão Coroado, de rainha. Meu irmão me acompanhou, só que, nesse intervalo, o Az de Ouro estava parado. Depois, ele voltou e a rainha foi o meu irmão Luís. Tem até uma fotografia muito bonita aí, ele com o estandarte. Não me lembro qual o ano. Ele ficou, depois ele voltou pro Leão Coroado de novo e, quando chego... não, não é 70, porque é antes da minha saída e eu saí em 64.

Em 51, ele saiu, o Az de Ouro. Ele teve... não, foi dois ou três intervalos e teve um bem grande mesmo. Eu parei em 64. Em 64, eu já tinha me saído. Foi em 62 que eu saí do Leão Coroado. Em 63, não houve carnaval, foi um protesto da federação. Então, aí nesse período, eu disse: “Eu não vou mais sair em carnaval, não. Vou deixar!” Mas quando foi em 64, já perto na semana do carnaval, chegou o Eli, lá no escritório, com a mão na cabeça.

O Eli chegou com a mão na cabeça, que o Eleilson tava muito doente. A rainha do Az de Espada tava doente do coração e tava proibido pelo médico de sair, que ele não podia mais sair como rainha de carnaval. Ele queria que o Luís fosse rainha de lá. O Luís disse: “Não vou, não, não sei o quê”. Aí me chamou, aí eu disse: “Eli, a gente sempre brincou do lado contrário, né?” Ele lá e eu de cá. Ele disse: “Não, vamos acabar com isso, não sei o quê”. Então tá certo... eu... saiu só esse ano... e outra coisa, terminou o carnaval, eu venho embora, não tem negócio de saída, pronto. Ele me levou logo

pra Zaíra, mandou fazer a roupa, depois acabou a minha carreira artística. Aí fiquei só assim, fazendo uma macumbazinha pra um, macumbazinha pra outro e pronto.

Do maracatu eu não tenho do que reclamar, não. O pessoal sempre me tratou muito bem, principalmente como rainha, eu era tratado como se fosse uma pessoa nobre. Os brincantes de maracatu, rapaz, me têm como uma pessoa superior, sabe? Eu achava bonito, bonito eu achava. Agora, só que, quando tocava, eu não andava no chão, não, eu flutuava, flutuava.

Ser campeão é um sonho de bloco. Agora tem uma coisa, trabalho, muito aborrecimento e outra coisa, lutar com temperamento diferente. Era difícil!

A minha mulher e meus irmãos é que dizem: “Rapaz, você tem tantas macumbas!”. Decorada eu não sei, não, mas num saquinho ali eu tenho muitas. As pessoas perguntam: “Aí, o que tu ganhou com isso?” Não, eu não ganhei nada com isso, não. Pelo contrário, gastei é dinheiro.

Eu fiz macumbas pro Vozes da África dois anos. Os dois primeiros anos, as macumbas foram minhas. Fiz para o Rei de Espada, fiz para o Leão Coroado várias. Pro Az de Ouro fiz aquela: “Que belo estandarte!” Foi no aniversário de 65. Essa macumba saiu aqui, inspiração assim, momentânea, momentânea.

Minha primeira macumba, ela trata da lamentação da nação, que tava passando uma dificuldade muito grande. Então, pedia a proteção dos orixás:

“Ogum, Ogum, protegei nossa nação/ Ogum, Ogum, protegei nossa nação/ Porque Exu prometeu nos castigar/ Porque Exu prometeu nos castigar/ Ogum, Ogum e Oxalá/ A paz, a paz, a paz pra nossa nação/ A paz, a paz, a paz à minha nação/ A paz, a paz, a paz pra nossa nação/ A paz, a paz, a paz pra nossa nação/ Ogum, Ogum, pelo amor de Iemanjá/ Ogum, Ogum, pelo amor de Iemanjá/ Olhai, olhai, olhai pra nossa nação/ Olhai, olhai, olhai pra nossa nação”.

“Que belo estandarte!” Bem, essa macumba, eu fiz por ocasião de uma exposição que houve em comemoração aos 65 anos de aniversário do maracatu Az de Ouro, lá no Banco do Nordeste, no Centro Cultural Banco do Nordeste. Então, fui visitar, no dia da abertura, mas no horário que disseram que ia ser aberto, faltavam autoridades e ainda não tinham aberto ao público. Aí fiquei ali, olhando ali de fora e vi aquele estandarte lindo. Aí veio de repente aquela inspiração e escrevi:

“Que belo estandarte no seu desfilar/ É o Az de Ouro que vem festejar/ Na grande avenida seu aniversário/ É, é, é, é o Az de Ouro que vem festejar/ Na grande avenida seu aniversário/ Fogo na macumba, batuque no pé/ E as negras cantando com muito axé/ É, é o Az de Ouro no balacondê/ Foi bem aplaudido na grande avenida/ É, é, é o Az de Ouro no balacondê/ Foi bem aplaudido na grande avenida/ Que belo estandarte no seu desfilar/ É o Az de Ouro que vem festejar/ Na grande avenida seu aniversário/ É, é, é o Az de Ouro que vem festejar/ Na grande avenida seu aniversário”.

Por exemplo, essas macumbas aqui, enquanto eu estou vivo, eu estou cantando, mas quando eu morrer... Tô mostrando pra um, mostrando pra outro, mas quando eu morrer, ninguém sabe cantar. Como aconteceu com aquelas macumbas que o Gustavo Barroso transcreveu naquele seu livro “Coração de Menino”. Tinha um cidadão aí que tinha as letras tudo gravada num livro, mas cadê as músicas? Eu acho que devia fazer logo isso, fazer anotação: “Maracatu Az de Ouro 2005, saiu dia tal, teve os brincantes tais, tais, tais, a diretoria era fulano de tal...” porque tudo isso... Se tiver alguma fotografia, botar...

Em 64, foi o meu último ano lá no Az de Espada, no rival.

Eu não vou mais a essas coisas. Antes, quando saía assim fora do carnaval, que tinha aquelas demonstrações quando eu trabalhava, que era ali perto da Major Facundo, Passeio Público, ainda eu ia olhar, mas eu sair pra ir, eu não vou mais não, porque é o seguinte: eles marcam por exemplo 4 horas da tarde tal, tal, aí a gente chega lá 4:30, sai de 10:00 e não tem passado. Aquilo me

dá um aborrecimento. E outra coisa: a gente teve aquela maneira de trabalhar, aquela maneira de se comportar e hoje tá diferente, diferente.

O maracatu mudou pra melhor, porque está muito bonito, muito colorido, mas tem muita coisa que está deixando a desejar. Não tem aquela organização que tinha antigamente.

Do carnaval, você... Antigamente, o corso, principalmente, na parte ali, no auge do negócio, que era na praça, na Duque de Caxias, despraçando pra aquela Barão do Rio Branco, Floriano Peixoto, Major Facundo, assim, até uns dois quarteirões, eram todos cercados de corda. O bloco podia passar livremente. Quando o bloco atravessava aquela linha, o que vinha atrás não podia passar. Depois que os blocos se apresentasse, aí então é que o povão podia acompanhar, mas antes, não. Agora, hoje em dia, o bloco não pode desfilar, não tem isolamento nem coisa nenhuma. Não pode, não pode nem desenvolver o bloco. Eu não gosto de dar opinião porque o povo diz que recordar é coisa de velho. Resultado: é... tá reclamando porque ele é velho, é esclerosado, não entende mais de nada. Aí eu me privo de dar opinião.

Esse resplendor que inventaram para a rainha de maracatu. Isso é coisa de Rio de Janeiro, escola de samba. Isso tira o efeito. É bonito, é verdade, pra um retrato, é bonito, mas acontece que a sombrinha fica escondida lá atrás, ninguém vê, que a beleza do maracatu é a sombrinha.

São essas macumbas que eu cantei, agora são as primeiras do maracatu Az de Ouro que eu conheço. Pode existir mais antiga, mas é no tempo da minha infância que eu ouvia cantar eram essas aqui:

“Caçador que anda caçando, não me mate o cariú/
caçador que anda caçando/ não me mate o cariú/ eu sou a
cambimba véia/ eu sou do maracatu/ eu comi com o rei na
mesa e quem olhou pra rainha/ eu comi com o rei na mesa e
quem olhou pra rainha/ já comi a sobremesa faltou sopa de
galinha/ já comi a sobremesa faltou sopa de galinha/ Minha
mãe raiou comigo/ chamou-me malamanhado/ eu também
raiei com ela, chamei-a cravo encarnado”.

A rainha é uma negra, a rainha sempre foi uma negra. Se aparecer alguma rainha branca aqui, tá errado. A rainha é uma negra, tudo preto, como é que ainda vão fazer um vestido preto. Essa semana saiu uma rainha do Vozes da África muito bonito, tudo preto, só tinha uns desenhos brancos assim na saia só. Não destaca nada! A roupa de rainha é roupa clara, roupa clara que é pra destacar, pra contrastar com o corpo dela. Pois é, roupa claro, branco, amarelinho bem claro, azulinho claro, rosadinho claro, tudo é pra destacar a silhueta da rainha.

O maracatu não era muito lento não, era avexadinho, mas um avexadinho comportado. Foi o Az de Espada que inventou... Esse Az de Espada botou uma porção de mazelas no maracatu. Primeiro, ele tinha uma mania de investir nas pessoas. Se você era um bom balaieiro, se você era um bom macumbeiro, se você era um bom índio que se apresentasse bem, ele investia. Por exemplo, quantas vezes aquele Tainhoca... O Tainhoca bebia muito, tinha tempo que o Tainhoca estava arrasado mesmo, só pele e osso. Quando chegava no carnaval, eles levavam ele para o médico, dava medicamento, alimentação. A rainha investia na rainha todinha. Tinha recursos, tinha mais recursos. Tinham pessoas que financiavam. É o pessoal da praia, era armador da praia, então, saía melhor.

Ele quem fez esse andamento lento e os outros ficaram imitando. Porque o pessoal aceitava, aí ficaram copiando.

Em 50, já tinha o Az de Espada, mas só que ele saiu de calça, como se fosse uma escola de samba. Agora, com a cara preta e o batuque do maracatu. O Az de Ouro rachou e aí veio o Estrela Brilhante, mas o Az de Espada já existia. Em 51 ele saiu de saia. Até 49, foi só o Az de Ouro. Aí 50, Az de Ouro e Az de Espada e 51 foi Az de Ouro, Az de Espada e Estrela Brilhante.

Depois, foram aparecendo tantos que eu nem sei o nome não. O bloco Uirapuru... Só que o bloco Uirapuru só funcionou um ano, mas também arrasou tudo, levou tudo, foi campeão.

Nasci em 34. Em 50, tinha 16 anos. Nunca tive a oportunidade de conversar com o Raimundo. Conheci Raimundo, ouvi Raimundo cantar, vi Raimundo dançar, mas nunca dei uma palavra com ele.

Eu me lembro dessa loa: “Ai, io, io, ai, ia, ia, coluna da hora vamos festejar/ ai, io, io, ai, ia, ia, coluna da hora vamos festejar/ coluna da hora vamos festejar”.

Quando terminava o desfile... aí quando chegava lá, terminava o desfile, juntava aquele povão, aí arrodeava a coluna dançando.

Quando tinha aquelas saídas, passava pela praça do Ferreira, lá na coluna da hora, ficava ali ao redor, tocando, ou então, dia de Ano Novo, o maracatu saía pra rua também. Entrava o ano novo na Praça do Ferreira. O povo de Fortaleza gosta de maracatu.

Teve um tempo aí que quiseram tirar o maracatu do carnaval. Aí criaram o Dia do Maracatu. O Dia do Maracatu passou a ser no dia 13 de maio.

Aí vai, não tem fim, não. A gente isso pra andar... Agora ninguém vê mais não. Agora tudo é de ônibus, ônibus de luxo. A gente saía, por exemplo... O maracatu Estrela Brilhante era ali na Floriano Peixoto, já pertinho da 13 de Maio. Então, ele vinha todo pronto, dançando com estandarte, com rainha, com tudo, até o Passeio Público, dançando, de lá aí.

(Memórias montadas a partir de entrevistas concedidas para Pingo de Fortaleza no segundo semestre de 2005. Os parênteses indicam comentários do autor)

2.4. Zé Rainha, uma rainha de glórias e histórias de vida.



Fig.47 Zé Rainha, 2005

Eu nasci em Lavras da Mangabeira, em 1934. Meu nome é José Ferreira de Arruda, mas hoje me chamam de Zé Rainha. Ninguém me conhece pelo nome que eu me batizei: é por Zé Rainha.

Minha infância foi pobre, brincando. Mais marcante que eu me lembro era do rio, do rio que a gente tomava banho, Rio Salgado, né? Que passa por Lavras da Mangabeira e desembesta pelo mundo inteiro, né? Essa era a minha infância, de tomar banho naquele rio.

Todos (membros da família) eram do Tatu, um lugarzinho chamado Tatu.

O que marcou era brincar com aqueles meninos pequenos. Naquela época, brincar com aqueles carros de latas, que a gente não podia comprar, fazer, ter aqueles carros chique, brincava, pegava aquelas latas e fazia aqueles carrim e ficava brincando, né?

Meu pai trabalhava numa fábrica de algodão. Minha mãe lavava roupa.

Aí na enchente que houve – que eu não tô lembrando que ano – aí nós viemo pra Fortaleza e até hoje. Foi em 52 e fui morar em Otávio Bonfim.

Eram três filhos. De trem, né? Aquela viagem muito cansativa que a gente dormia no Cedro, trazendo quase nada, pequenas coisas, não tinha nada, né?

Viemo morar cá minha avó, que chamava Ontôinha. Lá, minha tia que se chamava Pris, com a tia que se chamava Rolindina e com a tia que se chamava Joanita e com o tio que se chamava João e com o tio que se chamava Sebastião.

Ninguém saía muito, não. Brincava mais era naquelas areia do Otávio Bonfim. Todo mundo sabe que as pessoas ficava cheia de bicho né? De pé, aqueles bicho de pé, a gente pegava muito isso.

Nessa época, eu tinha uns 12 anos.

Quando eu cheguei aqui foi em 52.

Não, eu não. Fui estudar, não. Eu nunca estudei. Eu ia trabalhar nas casas de família, de jardineiro, de cozinheiro.

Quando eu vim conhecer o carnaval, eu já tava grande. Ficava olhando o maracatu Az de Espada, aquelas coroação. Mas a primeira escola que eu brinquei foi “A(s) menina(s) do Espotinique”, isso em 62. Quando foi em 63, eu fui brincar no maracatu Rei de Paus.

Em 62, nos “esputiniques”, a gente era dançando, pulando, aquela dança. O bloco era do Centro. A gente se arrumava, se arrumava na rua, participava, mas eu não sabia nem de onde era, só sabia onde ele se formava.

Eu brincava era de “Meninas do Esputinique”. Era de mulher, era uma sainha. Era só home, só home.

Era umas músicas avexadas, aquelas coisas, nem me lembro, não.

Fizemo sucesso, né? Era Menina da Lua, Menina dos... (Esputiniques).

Nós desfilemo os três dias... Ave Maria! Achei ótimo, né? Mas quando foi em 63, aí eu... um amigo meu por nome Miguel me convidou pra eu ir... ir pro Rei de Paus, pra ser princesa... aí eu fui, fizemos a fantasia... aquela fantasia que era humilde, não tinha esses luxo... hoje o maracatu é um luxo, mas antigamente o maracatu era aquelas coisinhas, simples, muito simples... aí eu... todos me admirava, achavaa minha estatura muito bonita, porque eu era alto, né? E todo mundo dizia: “Esse rapaz é bom pra ser rainha”. Aí foi o seguinte: a rainha botava muita banca. O povo ficava (dizendo): “Essa rainha bota muita banca, não sei o quê. Esse rapaz é que bom pra ser a rainha”. Aí quando foi em 64, houve uma eleição lá no programa “Fim de Semana na Tabá”, e foram três rapaz: eu e mais dois... Pra escolher a rainha... do Rei de Paus...

Não era eu que ia ser escolhido. Fui escolhido lá, de nós três. Quem escolheu foi o povo. Não foi ninguém que disse, não: “Essa daí vai ser a rainha, não”. Não era assim, não. Tinha que ser escolhido pelo povo da televisão “Fim de Semana na Taba”... do Zé Lisboa, na Rádio Iracema... Isso em 64.



Fig.48 Zé Rainha, 2005

Tinha esse programa todo sábado. Todo sábado tinha esse programa e o maracatu participava e, então, foi a escolha nesse programa.

Aí era duas pessoas, três comigo. Aí empurrava lá o dono do maracatu, empurrava aqueles outros pra frente... Não, me empurrando pra frente e eu sem querer ir pra frente. O dono do maracatu era o Geraldo.

Já era o Geraldo do Rei de Paus, mas ele teve aquela simpatia pra eu ser a rainha do maracatu, e empurrava pra frente empurrava e o povo: “É essa? É essa?” E o povo: “Não, não”. Aí ficou naquilo, até que eu ganhei e fui eleito como rainha, em 64. Aí fiquei, fiquei, fiquei.

A música era essa: “Rei de Paus imperial, ele é filho de Orixá, com a chegada da nossa rainha, no carnaval vamos apresentar”.

Me lembro que era um vestido todo de cafofa, com umas rosas, chei de cafofa com umas rosas.

O que mudou foi ter uma responsabilidade. Eu prestava atenção como era que aquela rainha passada dançava, aí eu ficava olhando, né?... o dançar dele... e eu aprendi, e hoje em dia, eu danço do meu jeito, naquele ritmo, porque hoje já tem as pessoas que dançam de rainha do maracatu, mas não é pra dançar ligeiro... é pra ter muita comunicação.

O maracatu saía os três dias. Era três horas da tarde, a gente já tava na rua pingando de suor, com a cara preta e o suor pingando.

O itinerário era da rua Heráclito Graça pra Duque de Caxias. Era só uma vez só. Não, a gente começava a dançar lá na Heráclito Graça aí ia... passava no Coração de Jesus e ia, ia, ia em frente à Praça do Carmo, já quase na Senador Pompeu. É, mas teve vários carnavais que a gente fazia a praça todinha, passava pela Zé de Alencar, voltava novamente pela Senador Pompeu, voltava pela Duque de Caxias...

O rei era o finado Zico, Zito. Tinha coroação. Era lindo! Tinha julgamento, era a coroação da rainha. Eu fui eleito a melhor rainha em comunicação, melhor rainha de valorização dos maracatus.

Tudo, esses ano todim, o maracatu foi 6 anos campeão.

Começaram em 64 (a me chamar de) Zé Rainha, Zé Rainha, Zé Rainha, ninguém me conhecia de nome. Eu brinquei no Rei de Paus, aí viemos ressuscitar o Az de Ouro.

Eu me lembro de muitos aplausos, né? O dono do maracatu muito exigente, né? Mas eu sempre cumpri com o meu papel.

Trabalhava num hotel, trabalhava... Trabalhei num hospital de Nosso Lar, hospital mental.

(Nesses anos, de 63 a 69), eu já era amigo do Juca. O Juca era princesa do Rei de Paus e ele brincava comigo. Eu era a rainha e ele era a princesa. Eu já conhecia ele. Eu conheci ele num restaurante que ele tinha lá na Senador Pompeu. Aí ele começou a me conhecer, aí foi brincar lá de princesa

(Sobre a saída do Rei de Paus para o Az de Ouro)

Foi o seguinte: no ano de 69, eu me aborreci com o dono do maracatu, porque ele era muito apaixonado por pai de santo e uma princesa tava dançando e fumando na minha frente chega eu não podia nem desfilar com aquele vapor daquela fumaça. Aí eu fui discutir com aquela princesa... Aí o dono foi contra mim, porque ele era apaixonado por macumba. Ave Maria, ele é louco por macumba, o dono do Rei de Paus, louco! Quem quiser ver ele brigar com qualquer pessoa... Aí eu disse: “Pois eu vou lhe dá um troco!”. Aí, quando foi em 70, nós ressuscitamos o Az de Ouro.

Foi uma luta, né? Nesse tempo, o maracatu tinha muito sucesso, ganhava muito dinheiro.

Estava aqui naquela reunião de 1970, que foi escolhida a loa, porque o seu Juca me falou que, na realidade, ele tava aqui uma época, um dia, aí o seu Raimundo vinha ali da feira com uns pássaros, sorrindo, aí disse: “Seu Juca” e tal e o seu Juca falou: “O senhor quer me dá o seu maracatu?” E ele respondeu: “Dou, você quer ficar? Fique”. Aí seu Juca ficou. Foi no cartório, fez parecer, um documento e tal, aí depois houve uma reunião aqui. Aí eu vim ser rainha do Az de Ouro. E o Neris que era o rei.

O maracatu saiu muito bonito. Ave Maria, muita gente! Parece que 90 índios. Maracatu era um sucesso! Maracatu Az de Ouro ganhou 6 anos direto, 6 anos. E eu, melhor rainha, melhor rainha, todos esses anos.

O pessoal do Rei de Paus falou que ficou muito chateado e discutiu com o Juca. Parece que discutiu por causa da minha saída pra cá, né? Porque ele dizia: “Não, você nunca sairá daqui. Você é uma rainha que vai morrer aqui no maracatu”. Aí houve esse clima, né? Aí eu saí. Quem cantou a loa desse ano foi o seu Raimundo. Seu Raimundo tava aqui em 70.

Saí de 70, que eu brinquei direto no Az de Ouro... até 85... é... 15 anos... foi aqui (Os anos que ele foi campeão). Não lembro, lembro não. Sei que foi de 70 até 76, né? Todos os anos era o Az de Ouro.

E eu, rainha. Todo dia, eu nunca falhei o maracatu. Eu brinquei o maracatu, desfilei o maracatu. Um ano, eu tava com os pés inchados que não cabia nem nos tamancos, mas eu dancei.

Eu mesmo não sei. Quando eu visto aquela roupa de rainha, parece que eu mudo de figura, porque o público me aplaude completamente diferente, né? O povo grita, as crianças grita, os senhores. Uma senhora idosa, num carnaval, começou a chorar porque queria pegar na minha mão por finda força. Aí eu tive que sair do desfile pra pegar na mão daquela senhora, porque ela chorando pra pegar na minha mão.

Eu sinto aquela emoção muito grande, né? E pra mim (hoje) eu não gosto nem de participar, olhar assim o maracatu, porque eu sinto uma emoção muito grande, porque eu não tô podendo nem desfilar (2006), porque tô assim um pouco tonto, não sei como é... Aí

eu queria fazer um tratamento muito sério pra ver se no carnaval eu participava com todo gosto de gás.

Porque no maracatu parece que eu sou outra pessoa quando eu chego. Quando eu me apronto ali e mudo, tem muita gente que fica: “É mulher ou homem? É mulher ou homem?”

Eu me lembro que aprendi com Zé Braz. Eu olhava ele dançar, eu olhava os pés dele. Ele tava dançando e eu olhando por baixo dos pés dele. Ele era do maracatu Rei de Paus. Mas era rainha muito bonita também. Ele foi pro Leão Coroado.

O Benoar, eu não conheci, não. Quando chegou o momento d’eu conhecer o Rei de Paus, Benoar não, não, não existia mais.

Quando terminava o carnaval, as pessoas comentavam: “Mas você é uma pessoa muito importante pro maracatu! Como é que você chegou a esse... seu nome mudar de Zé Rainha, de José Ferreira de Arruda pra Zé Rainha. Ninguém lhe conhece mais com o seu nome que você se batizou”.

O Augusto Borges, quando o maracatu começava a apresentar, ele dizia: “Lá vem o maracatu, naquela lentidão dele, que quase não chega! Daqui que ele chegue!”. Ave Maria! O maior inimigo do maracatu era o Augusto Borges. Ele dizia: “O maracatu é muito bonito, mas é muito lento”. Ele dizia que parecia um funeral.

Depois, eu saí do Az de Ouro e fui pro Leão Coroado, porque o Az de Ouro foi passado pra outra pessoa e essa pessoa queria ser rainha de maracatu. Ele pediu pra mim ir lá no Juca. Eu fui no Juca com ele, aí ele pediu ao Juca pra transferir o maracatu, que eu ia ser rainha. Aí quando ele viu o Juca, passou três anos, ele se viu com o papel na mão, ele disse que queria ser a rainha e não fazer vestido pra rainha, não.

Eu sei que quando eu deixei aqui, eu tinha 15 anos justim. Foi quando nós ressuscitamos. Foi em 70.

O Az de Ouro pra mim representa muita amizade, porque toda vida eu gostei do Juca. Antes deu participar do Az de Ouro, nós já era amigo: ele como princesa e eu como rainha do Rei de Paus.

Quando eu voltei pra cá, em 2001(sobre sua segunda vinda

para o Az de Ouro após sair novamente do Reis de Paus), deixei mesmo sem motivo nenhum, deixei porque quis.

Bem, primeiro que eu fiz foi vender uma coroa que eu tinha lá e fui vendendo as coisas e tirando tudo de lá. Aí eu digo, eles ficaram assim, fizeram uma coroa, aí pronto, eu já tinha vendido, aí eu fui buscar a peruca, aí ficaram assim, aí pronto, eu vim embora.

O maracatu só me deu muito sucesso, muito aplauso na avenida. Pra mim, eu me sinto muito bem no maracatu, porque quando eu chego na avenida – eu posso tá com a maior raiva do mundo! – quando eu chego na avenida, eu imediatamente... eu já mudo, porque eu tenho um compromisso com o público, eu não posso extravasar aquele ódio com o público, né? Eu não posso desfilar como a rainha antiga. Ele tinha raiva do maracatu e se vingava do público que aplaudia.

A emoção foi quando eu fui melhor rainha de comunicação com o público, melhor rainha de valorização dos maracatus. De comunicação, foi em 84 e melhor rainha de valorização dos maracatus foi em 85.

Essas premiações pra mim foi uma coisa muito... de muito valor, porque a outra rainha brigou com o jurado e o reboco caiu e derrubou a peruca no chão. (Risos)

Toda vida, eu tive muita sorte. Por isso, o público me trata muito bem, e eu tenho um dever com eles.

Só quero que Deus me dê muita saúde, pra mim participar mais esse ano (2006). Pra completar a tarefa, né?

Às vezes, a gente se aborrece, mas isso passa. Muita coisa, tudo passa, quando a gente... Eu já tive momentos de me aborrecer assim e tudo, de dá até água (quando aborrecido precisava, que alguém lhe desse água para não passar mal), por causa de roupa, assim, essas coisas, mas isso depois tudo se ajeita, tudo volta normal.

(Memórias montadas a partir de entrevistas concedidas para Pingo de Fortaleza no segundo semestre de 2005. Os parênteses indicam comentários do autor)

2.5. Índio Clementino de Maracatu Az de Ouro.



Fig.49 Clementino, 2005

Eu nasci aqui em Fortaleza, sou cearense. Nasci no dia 03 de dezembro de 1950. Meus pais: Francisco das Chagas de Lima e Maria Ferreira Olímpia. Residi aqui mesmo em Fortaleza, no bairro Mucuripe.

Meu nome de batismo é Iran das Chagas de Lima.

Meu pai é estivador e minha mãe doméstica.

Eu nasci na Moura Brasil, mas me criei no Mucuripe. A minha infância foi toda no Mucuripe. A minha infância não foi aquela infância boa, não. Foi meia regular, né? Cheia de traumas. É... problema de família, essas coisas, negócio de família.

Era, porque tinha umas desavenças em casa, essas coisas, e eu não gostava. E eu sempre fui aquela pessoa... e meu pai sempre rígido, muito metido a ignorante... e continua sendo ainda, mas...

Ainda moro no mesmo canto, ainda, na rua Boa Vista, 158, Mucuripe. Bem, chamam rua Boa Vista, mas é conhecida por Cidade Baixa. Tá abaixo do morro.

Lá, eu curtia muita praia. Agora, não tô curtindo mais praia, não. De brincar a gente brincava de todo jeito, de esconde-esconde, pular de corda e muitas coisas.

Estudei até o científico. Estudei lá na Piedade.

Trabalhar, nunca trabalhei. Meu trabalho é trabalho autônomo mesmo, é por catálogo, negócio de revista, onde vende roupas e Avon. Desde adolescente, eu vendo essas coisas.

Na infância, o que eu gostava de fazer era mais esses negócio de bordado. Bordava coisa assim, mais pra negócio de carnaval. Tinha a escola de samba Mocidade que acabou. Ouvi dizer que volta agora para o ano... Minha mãe era costureira. Eu ajudava, eu sempre ajudei a ela.



Fig.50 Índio Clementino, Maracatu Az de Ouro, 1982

Minha mãe, negócio de escola ela nunca entrou, não. Costurava mesmo pra casa, assim pra fora, mas negócio de carnaval, não.

A primeira vez foi em 70, que eu decidi sair no Az de Ouro. Aí eu assisti um pouco e vi um pouco e gostei. Aí quando foi no ano de 1970 mesmo, ainda que teve os ensaios, aí voltei a brincar a vir pro ensaio do Az de Ouro, me engajei e, até hoje, tô.

Eu conheci o pessoal que brincava o Leão Coroado, e foi o Joãozinho, João Flores, o Eudes, o Peto, o Chaves, Renato Pará e Primavera, que já morreu. Brincaram o Az de Ouro. Era assim, onde tinha lugar, eles saíam. A Maravilha saiu no Az de Ouro, depois no Leão, e vice-versa. Mas só que só teve o Az de Ouro que eu gostei foi a que realmente até hoje eu estou aqui.

Toda vida, saí de índio. Porque eu sempre gostei de sair de índio. Minha fantasia era uma calça, calça longa, calça assim como índio americano. Aí foi modificando, modificando.

No primeiro ano, saí assim meio cafoninha, mas deu pra mim sair. Foi na época que deu uma chuvarada, foi até na universidade e, mesmo assim, desfilei e, mesmo assim, fui um dos que tirei o primeiro lugar.

Foi... à volta do Az de Ouro foi 70.

O cordão dos índios a maioria era de calça, era estopa, era de pena, era de tucum.

Naquela época, tinha muitos índios, a maioria, 50 ou mais.

Naquela época, tinha o menino Pascoal, que era o chefe dos índios, e que ele é que comandava os índios, que fazia meia-lua, aquele negócio no meio da avenida. Era tipo assim uma... não tem aquela vira volta que dão? Dá aquela meia-lua primeiro e dá aquela volta no meio da avenida, voltava de novo e voltava todo mundo pro mesmo lugar. Era muito bonito! Aprendi com ele. O passo eu danço do jeito que dançavam.

Meu passo foi totalmente do meu jeito, no ritmo do maracatu. Eu mesmo criei meu passo.

A emoção, a primeira vez que eu saí... Vixe! Eu adorei! Aí quando terminou o carnaval, pra mim tinha acabado tudo. Depois, eu queria que chegasse logo, viesse outro ano de novo pra continuar de novo. Tinha 25 anos.

Tudo era muito bonito. Eu era bem aplaudido, bem recebido, batiam muitas fotos e outras coisas mais, que a gente tinha do maracatu que acabou, acabou, não é mais aquele maracatu de antigamente.

Porque modificou muita coisa dentro do maracatu. Primeiro, não tinha brilho dentro do maracatu. Era a originalidade! E hoje em dia, tudo tem brilho! Primeiro quem botou brilho foi o Az de Ouro. Aí depois do Az de Ouro, os outros imitaram e até hoje estão imitando. O que botar no Az de Ouro os outros lá vão e inventam também.

Que eu notei que mudou foi o ritmo, que o ritmo não é mais aquele ritmo de antigamente, que aqui acolá tem umas falhazinha, que aumenta, acelera, diminui, quer dizer, que tá uma coisa totalmente fora do comum. O Rei de Paus que está acelerando agora o ritmo, e tão voltando, ensaiando o ritmo é meio acelerado.

O maracatu mudou minha vida, mudou... que eu conheci muitas pessoas, pessoas da sociedade que eu não conhecia. Viajei muito, conheci outras pessoas também e são pessoas que valorizam o maracatu. O segundo ano que eu brinquei foi melhor ainda e continua sendo, cada vez mais.

Sempre tem minha fantasia, eu sempre criei ela dentro da minha imaginação. Eu gosto de sair sempre brilhando, gosto de brilho. Não gosto de nada apagado em cima de mim.

Meu apelido de Clementino foi o seguinte. Foi na época do barracão. Tinha aquelas reuniões, aquelas turma do Jardim América. Cada um tinha um apelido, só que eu não tinha, aí todo mundo queria que eu dissesse, que eu botasse meu nome de guerra. Aí eu me lembrei da finada Clementina. Eu me chamei de Clementina e Clementina ficou. Clementina de Jesus e índio Clementino.

Desde 70, eu brinco no Az de Ouro. No ano que o Az de Ouro deixou de desfilar, o finado Zequinha fundou o Rei dos Palmares. Brinquei uns tempos no Rei dos Palmares. Brincou eu, o Zequinha, o Chaves, Neguim e o João Baiano. E, depois, o finado Zequinha morreu, aí o Az de Ouro começou a existir de novo. Aí eu saí do Rei dos Palmares e fui pro Rei de Paus. Aí no Rei de Paus, brinquei parece que 3 anos. Aí teve lá um problema entre eu e o dono do maracatu e eu saí de lá e voltei novamente pro Az de Ouro e que até hoje continuo nele e vou ficar com ele até o final.



Fig.51 Índio Clementino, carnaval de rua de Fortaleza

O maracatu representa muita coisa pra mim: a alegria, aquele entusiasmo na avenida, o público aplaudindo, vibra! Isso pra mim é uma grande satisfação ou uma emoção e, por isso, eu adoro o maracatu.

Eu sou mais o maracatu, porque pra mim foi uma coisa que eu me encaixei bem e até hoje estou dentro dele e vou deixar ele quando eu morrer. O que eu puder fazer dentro do maracatu pra melhorar, eu farei. Se eu puder fazer, eu farei.

O carnaval hoje, tô achando mei assim, mei mole, porque antigamente era... tinha aquela multidão... Hoje não tem mais porque a maioria dos pessoal viajam e outros ficam e, já esse ano 2005, melhorou um pouco, tinha mais gente que no ano passado. Então, espero que, no próximo ano, tenha mais gente que esse ano.

O que eu vejo que o futuro do Az de Ouro: primeiro, união; segundo, todo mundo se reunir fazer, uma comitiva, né? Tipo assim,

um... como é que se diz?... um coletivo de pessoas pra trabalhar e todos ter a mesma opinião, não ter opinião diferente e levar o barco pra frente e outra coisa é trazer ele, o maracatu, não descer, crescer.

Naquela época, os meninos, né? Não é como os meninos de hoje em dia... Tudo são adiantado, né? Os meninos lá era tudo menino simples, a maioria inocente e, hoje em dia, nessa época, não tem mais ninguém inocente. Todo mundo sabe de tudo e, hoje em dia, eles são casados, são avó e cada qual vive nas suas casas.

As coisas eram mais escondidas. Hoje em dia, o pessoal se declara e acabou-se. Aqui no Az de... Na época, meu pai descobriu que eu era gay. É... decepção.

Foi uma pessoa que foi lá em casa atrás de mim, aí eu não estava e ele veio com negócio de deboche. Aí meu pai me chamou atenção, aí eu peguei e contei a verdade pra ele. Eu descobri que a minha simpatia era pra homem

Quando descobriram, eu tinha 15 anos, tinha 15 anos de idade, aí meu pai foi... quis botar eu pra fora de casa.

Ai, não deixou mais eu sair de casa, aí com o passar do tempo, foi indo, foi indo, foi indo, aí esqueceram e pronto. Eu nunca saí da casa de meus pais. Continuo com eles. A minha mãe foi contra mas, depois, ela foi vendo que não podia fazer nada, que ninguém nasce com uma estrela na testa dizendo o que vai ser, o que não vai ser, aceitou e até hoje ela aceita, mas realmente eu tenho um sobrinho que ele é, ele não é que nem eu – que eu nunca andei pintado que nem mulher – e ele anda que nem mulher, mas lá em casa também foram contra a ele também, mas se acostumaram com ele também.

No carnaval, tem todo tipo de pessoas. Minha relação é ótima. Não tem mais preconceito como antigamente tinha aquele preconceito. Hoje em dia é que eu vivo mais liberto. Naquela época, eu já era assumido. Dentro do carnaval, eu já era assumido, dentro e fora.

Não tinha dificuldade. Então, você fica lá na sua. Hoje em dia, as coisas estão muito diferente. Naquela época, as coisas eram mais escondidas. Hoje em dia, o pessoal se declara e acabou-se.

Aqui no Az de Ouro, a única coisa... dificuldade que eu tive na época é que eu tava fazendo as minhas coisas e, de repente, faltou material, aí eu pensei de não brincar mas, repentinamente, eu dei um jeito e consegui e fiz a minha fantasia.

Foi no ano de 1980. Faltou e eu procurei por aqui. Não tinha, aí foi que eu conheci um colega meu que era de outro maracatu. Aí foi e me cedeu o que eu estava precisando.

Chorar, eu não chorei, não. Chorei quando terminava o carnaval... Aí eu chorava. Com saudade, queria que voltasse de novo. Agora não choro, não. Me acostumei. Agora, nos primeiros, no começo, eu sentia uma falta muito grande.

Os amigos, a maioria saíram, né? Ficou só eu, aqui acolá, o Eudes, só eu que não deixo.

(Memórias montadas a partir de entrevistas concedidas para Pingo de Fortaleza no segundo semestre de 2005. Os parênteses indicam comentários do autor)

2.6. Malu - A calunga do Maracatu Az de Ouro.



Fig.52 Malu,

Sou Maria Lucena, chamada Malu, uma brincante do maracatu Az de Ouro.

Eu participo aqui, ajudo a arrumar as coisas, as fantasias dos brincantes. Eu danço de nêga, eu levo a calunga junto com as outras nêgas também.

Faz no máximo uns 15 anos que eu lido com maracatu. Eu cheguei aqui foi através de quando eu vi os ensaios aqui. Aí eu achei bonito, gostei, aí eu vi fazer, aí disseram que estava havendo inscrição, aí eu vim fazer a minha ficha, aí nisso eu fiquei. Minha mãe mora aqui perto. Eu também moro aqui perto.

Eu vi um ensaio e eu gostei e foi bonito, me deu gás, uma coisa, um impulso, aí eu fui e entrei também, aí fui, achei bonito e fiquei.

O primeiro ano, eu não me lembro não. Foi no ensaio, foi. Aqui no Jardim América. Aí eu gostei demais, me escrevi e até hoje estou.

O primeiro ano, eu saí de índia. Foi bom. Aprendi os passos. Eu aprendi aqui com o Clementino.

Era de tecido tipo africano (a fantasia). Me pintei e tudo.

Aquela: “Ecoa a loa do maracatu ecoa, ecoa a loa do maracatu” (loa de 2000). Foi quando eu saí de nega.

Eu brinquei, eu acho que foi uns dois ou três anos que eu saí de índia, mas depois passei de nêga e até hoje estou de nêga. Brincar de nêga foi bom. Também eu já dancei de princesa na corte. O segundo foi na corte e o terceiro foi de nega, foi.

O que eu sei é que o maracatu me mudou, bem muito. Pra mim, é como se fosse assim uma terapia, a gente se esquece de tudo.

Logo depois de brincar, a mente fica totalmente diferente.

É muito bom receber aplausos dos outros, receber elogios dos outros, as amizades, porque somos todos irmãos. Todos anos, estamos todos unidos. Eu adorei, eu estou adorando este maracatu.

Eu nasci aqui em Fortaleza. Foi em 61, dia 9 de fevereiro de 1961. Logo a gente morava aqui perto, aí depois que meu pai morreu, aí minha avó morreu, aí minha mãe vendeu a parte lá e veio morar aqui na frente e aqui nós ficamos. Agora eu moro na André Chaves, perto da sede do maracatu.

A minha infância foi ótima, brincadeira mesmo. Brincava, estudava, aí depois, apesar de uns 13, 14, 16 anos, comecei a trabalhar. Meu primeiro trabalho, eu me lembro, foi num colégio, colégio Piamarta. Eu trabalhava de faxineira. Eu comecei com 14 anos lá. E trabalhei até os 18 anos.

Lá eu fazia tudo. Depois, eu saí e fiquei em casa mesmo, aí depois eu comecei e inventei lavagem de roupa, doméstica, trabalho doméstico.

Aí com 22 anos eu casei, aí fiquei com o meu marido. Tive só um filho, que ele agora está com 15, e meu marido já faleceu. Quando entrei no maracatu, ele já tinha morrido.

Já levei a calunga do maracatu também. Dizem que ela é a filha de escravo, né? Que ela abre a corte junto com as negras e ela coroa a rainha e ela é importante.

Quando seguro a calunga, sinto, eu me sinto assim como se fosse uma transformação assim em mim. Quando eu levanto ela, sempre antes de começar, eu faço um pedido a ela e ela consegue. Não, eu mesmo, que a pessoa quando vai, a pessoa que leva a calunga sempre faz um pedido a ela e, na coroa, quando levanta a coroa também, faz um pedido, aí eu faço. É, eu antes de começar, faço um pedido à calunga pra ela ajudar os companheiros que estão todos dançando e trazer muita paz e pra mim acontecer muita coisa boa.

Lavo as fantasias. Eu arrumo quando tem apresentação. Eu venho pra cá e ajudo o Marcos a ajeitar as fantasias dos brincantes tudim e separo da bateria, da corte, das negras que vão comigo e a

minha. O meu trabalho é voluntário. Faço porque eu gosto, gosto de ajudar, gosto do maracatu.

Minha vida está bem melhor graças a Deus, tô trabalhando agora, arrumei um companheiro.

Conheci o Zé Rainha, o seu Juca. Conheci o Clementino.



Fig.53 Malu e Calunga do Maracatu, 2005

Maracatu pra mim é uma tradição muito importante. Quando você entra assim na avenida, quando anuncia, dá aquela sensação na gente. É bom o maracatu! Representa assim como se estivesse no auge, assim muito importante.

Eu só faço bordar aqui as fantasias, fazer os bordados, as aplicações da roupa da rainha, do rei. As aplicações, às vezes eu ajudo a dobrar as fazendas pras costureiras cortarem, mas eu trabalho mais é nas aplicações, aplicação da coroa do rei, da rainha, das roupas deles.

Meu trabalho é você montando com os paetês, continhas que já vêm o bordado desenhado e você recorta aí. Demora muito, por isso você tem que começar logo cedo, porque são muitas aplicações.

A coisa que foi mais forte assim foi a primeira vez que eu fiz a coroação. Me lembro, foi lá no Dragão do Mar, eu fiz a coroação da rainha. Foi um momento importante, que eu não esperava que iam me chamar pra fazer a coroação. Eu não tava preparada, mas deu tudo bem. Aqui no maracatu, um momento de tristeza foi quando eles quiseram derrotar a gente. Tiramos o terceiro lugar, só que eles disseram que a gente tinha tirado quarto, aí foi uma tristeza muito grande, aí choramos, choramos, batalhamos e conseguimos o terceiro. Foi esse ano. (Quando houve um erro na divulgação da apuração do carnaval de 2005). Eu chorei, todos nós choramos na apuração.

Chorei também com a doença do Mestre Juca, quando eu soube, que é uma figura muito importante, né, ele? Quando ele disse pra mim que, se Deus quisesse, ele ia brincar só esse ano (2006), eu disse: “Diga isso não, seu Juca. O senhor vai brincar lá para sempre. O senhor vai agüentar anos e anos de carnaval”.

Achei bonito, gostei de todos os enredos dos temas, todos foram bonitos, as apresentações ótimas, todas as apresentações eu gostei.

Eu queria que, daqui pra frente, ele estivesse melhor do que ele está agora.

As dificuldades da minha vida eram arrumar um emprego, mas eu arrumei, porque eu estava com uma dificuldade financeira muito grande mas, graças a Deus, já arrumei um emprego, já dá pra mim ajudar em casa, porque lá em casa é só o meu irmão, meu irmão trabalhando e a minha tia tem um filho e eu tenho que trabalhar para ajudar dentro de casa. Estava sendo muito difícil a minha vida sem emprego, estava pra mim desesperar. Eu passei dois anos desempregada. Graças a Deus arrumei um emprego e estou trabalhando ali no São Matheus, ali na rua São Matheus. Estou ajudando numa casa. Lá é bom! É o seguinte: eu chego lá 6:30h, aí chega lá, lavo as louças, arrumo a casa, serviços gerais, só não faço é cozinhar nem lavar roupas. Quem cozinha lá é a dona da casa, ela mesmo, e retorno de 6:15h. Chego aqui no maracatu 7:00 h.

Eu estou fazendo o supletivo. Comecei agora porque a professora, a mulher do colégio, foi atrás de pessoas que não tinham terminado os estudos, que tinham dificuldades, porque eu tinha muita dificuldade, ou estudava ou trabalhava, aí eu deixei de estudar e fui trabalhar. Era, aí eu fiz só até a 7ª série, pra mim trabalhar, aí agora a mulher foi atrás, aí eu dei o meu nome e estou estudando. Nuns termos, eu estou achando bom, que eu estava vendo umas coisas agora que eu não via, que eu parei de estudar e não estava mais sabendo, mas está muito bom.

O tempo pro Maracatu assim nem tanto, porque se tiver apresentação assim de manhã, eu não posso, mas se for à noitizinha, saindo daqui às 5:30h, dá tempo. Eu entro lá cedo e final de semana...

agora, pras viagens, é que não vai dar. Pro Carnaval, vai dar. De nêga, de novo. A fantasia não sei, acho que já estão fazendo.

Eu me chamo Maria Lucena Damasceno Barros. Da minha mãe: Maria Santina damasceno. Do meu pai: Severino Francisco Damasceno. A minha mãe é do Acre e o meu pai é da Paraíba. Faz muitos anos que eles vieram pra cá.

O maracatu era o Marcos presidente e depois apareceu você (Pingo de Fortaleza) e o Calé e depois a Luci e o Athayde e, daí em diante, vai melhorar, né?

A dança da nêga eu aprendi aqui vendo as meninas dançando, aí eu fui no ritmo delas também, aí eu aprendi. Via a mulher do Marcos, a Rosilda, dançando e a Gerlândia também dançando, a Rosa... e eu fui no ritmo delas também, aí aprendi a dançar, aprendi, pratiquei e, daí pra frente, até quando Deus quiser.

A minha função que eu faço dançando de nêga pra mim é importante. E levar a calunga pra mim é importante.

É bom, é bom as pessoas participar, ajudar as outras, pensar nos amigos. Como eu já disse, somos irmãos todos. É bom! (sobre o trabalho voluntário de lavagem de roupa no maracatu).

Sou reconhecida, sou reconhecida, sim, até um dia desses eu passei na televisão, aí o menino disse: “Você é a menina que passou na televisão, né? Você estava com uma boneca. Você passou na televisão, né?” “É, sou eu mesmo”. Foi um colega meu que viu. As colegas minhas viram. Os meninos do colégio viram. Falaram pra mim, aí eu cheguei e dei um autógrafo, assinei meu nome e dei “Malu calunga do maracatu”. Foi... eu assinei e dei, e os meninos disseram assim: “Ficou bonito, Malu! Eu vi tu dançando. Saiu na televisão”. Eu disse muito obrigada. Convidei até a professora pra ver a gente lá no Piamarta. Ela viu, ela foi, ela viu a gente dançando.

O meu filho, ele participou, logo no começo, ele participou, mas depois ele saiu. Ele não quer mais. A minha família acha bonito. A minha irmã é muito amiga sua, a Lucila, ela tava lá com a minha sobrinha. Todos acharam bonito.

Às vezes, alguém me perguntava: “Malu, isso não é coisa de macumba, não?” Eu digo: “É não. Isso não tem nada haver com macumba. Macumba é outra coisa”. Uma ex-patroa minha perguntou, aí eu disse: “Não, não tem nada haver com macumba, não”. Eu disse: “Não, não tem nada haver com macumba, não. Macumba lá é outra coisa, outra religião. Nós somos só o maracatu mesmo. É as tradições antiga que vêm da África. Aí ela: “Sim”.

Nunca sofri preconceito. Pretendo, pretendo continuar, pretendo trazer o meu novo companheiro aqui pro maracatu.

(Memórias montadas a partir de entrevistas concedidas para Pingo de Fortaleza no segundo semestre de 2005. Os parênteses indicam comentários do autor)a

2.7. Paulo Tadeu - “Assim brotou sua inspiração de criar uma grande nação de maracatu”.



Fig.54 Paulo Tadeu, 2005

Eu nasci em Palmácia, no dia 25 de Janeiro de 1946. Sou do signo de Aquários. Meus pais: Antônio Gomes de Oliveira, irmão do Frei Conrado, que foi quem construiu a Igreja do Coração de Jesus, quando ela caiu. Ele era frade e construiu a igreja; e a minha mãe Maria Dolores Perdigão Sampaio, irmã

do padre Pedro Perdigão Sampaio, que era, na década de 40, aqui em Fortaleza, o presidente da União dos Moços Católicos. Era um padre muito virtuoso, o padre Perdigão, tem até nome de rua dele, lá em Antônio Bezerra, ali perto da rodoviária.

Eu estou falando assim pra mostrar minha origem católica e apostólica romana e, como eu costumo dizer, comungador e pagador de dizimo. E eu estudei com minha mãe, lá em Palmácia, no curso primário, porque minha mãe era professora da zona rural, onde nós tínhamos o sítio.

Nasci no sítio, mas a cidade cresceu e encostou na zona rural, Sítio Cana Brava dos Fernandes. Então, minha mãe era professora. Fui criado dentro de uma escola, porque a escola era um compartimento da casa. Fui, filho de professora, como eu estou falando, muito educado dentro daquela rigidez católica. Tinha que fazer feira sexta-feira e não podia ser moleque de rua e nem menino de rua e nem sair pra não aprender nome feio. Então, é como se diz, no rabo da saia da mãe.

Os dramas daqui de Fortaleza, a Radio Dragão do Mar tinha muita atuação. Quando ela começou, fazia pelo interior todo, circuitos culturais, e Palmácia era um dos municípios focados e meu tio Perdigão Sampaio foi o primeiro prefeito de lá e ele levava esse

pessoal da Rádio Dragão do Mar e eu via aqueles shows. Foi aí onde eu fui ter contato com os grandes monstros do rádio-teatro e passar a me apaixonar pelas novelas de rádio.

E lá em Palmácia, também tive contato com o teatro pela primeira vez. Depois, eu vim a me tornar professor no curso de Artes Dramáticas da Universidade Federal do Ceará.

Foi o grupo de teatro J. Cabral. J. Cabral, que era o conjunto teatral cearense, ele circulava o Ceará inteiro levando os dramas, os dramas, ou seja, aquele teatro que chamava muita a atenção da gente. Não era aquela coisa de ópera nem também aquela coisa de humor, era um drama, era uma história que ele contava e, naquele tempo, o salão paroquial servia de palco. Eu sempre estava lá. Nunca fui coroinha, mas era muito ligado à igreja. Ainda hoje eu sou.

Eu era meio, digamos, agitador cultural. Eu fazia quadrilhas juninas. A primeira quadrilha junina que eu me lembre porque, antes de mim, eu não me lembro de nenhuma. Agora, pense numa quadrilha! A quadrilha cantada! Não era nem orquestra nem tinha acompanhamento, porque só tinha uma radiola naquele tempo. Quem tinha dinheiro pra ter uma radiola? Eu não tinha dinheiro pra ter uma radiola nem nada, era cantado mesmo, aquelas músicas de São João, e saía tudo muito bem. O povo gostava muito, todo mundo cantava.

Eu fiquei até o terceiro ano primário em Palmácia, quando cheguei no Jardim América.

Meus tios já moravam no Jardim América. Tinha o tio Raimundo, que ele tinha uma moedeira de café, “A Capital”, que ficava ali na Monsenhor Wayne, na Monsenhor Wayne, que hoje é Major Wayne e Henrique Jorge, que hoje é outro nome, mas a verdade é que era lá perto do canal. Tinha uma padaria chamada Soberana. O bairro era muito pobre em termo de estrutura. Eu conheci tudo no Jardim América com areia.

Vimos morar em Fortaleza porque em Palmácia não tinha o que hoje corresponde ao 2º grau. Nem 8ª série mesmo não tinha, tinha só o primário até o 4º ou 5º ano e pronto, não existia.

Vim com os 7 irmãos. Viemos estudar em Fortaleza. Os meus pais ficaram lá no sítio, lá na casa do sítio e nós viemos para cá, então. Foi um choque muito grande.

A mudança? Até o seu Juca do maracatu diz que o maracatu é uma mudança. Então, aquela coisa de levar os bancos em cima do caminhão...

Meu primeiro choque foi na chuva, porque o inverno acostumado lá em Palmácia, serra, a água escoava toda, e o Jardim América aqui era uma grande lagoa, que eles foram aterrando e foi ficando um bairro. A verdade é que o primeiro choque nosso, não foi só meu, dos meus irmãos também, foi que, um dia, a gente se acordou e tinha água dentro de casa, porque, porque não tinha saneamento nenhum. Em frente, tinha um campo de futebol. Depois, veio a ser o Leite Betânia, parece. Do outro lado, tinha uma fábrica de óleo muito grande, a Icaóleo. Então, nesse local, hoje ali, no Jardim América, é habitado, mas na época, era campo de futebol e tinha muitos campos de futebol e quando chovia, a água não tinha pra onde escoar e ia pros locais baldios e a gente tinha que sair de casa com sapatos por cima do muro. Isso ninguém sabia... e outra coisa: a questão de cozinhar em fogareiro, não existia isso lá em Palmácia. Lá, era fogão a lenha e quem podia tinha fogão a gás, mas cozinhar em fogareiro botando aquele negócio de brasa, vai comprar o carvão e tudo, era novidade pra mim.

Comprar pão, a pessoa vender um picolé na rua, tudo aquilo era sonho, tudo muito bonito pra mim, tudo era encantamento, inclusive o vendedor de chegadoinho, tudo isso no Jardim América. O pessoal passava vendendo alfinim, o puxe, “Olha o puxe!”, então, nesse encantamento.

Eu fui estudar no Grupo Municipal Duque de Caxias, lá perto do Mercado São Sebastião, na Clarindo de Queiroz. O Grupo Municipal Duque de Caxias era um grupo da prefeitura que preparava para o colégio municipal e era um curso de preparação.

Quando eu cheguei, eu achava assim que Fortaleza tivesse muito adiantada em relação a Palmácia. Achava que Palmácia era muito aquém de Fortaleza, em termo de ensino.

Então que, na verdade, é que não era nada disso! O ensino que minha mãe tinha me dado era muito basilar. Eu estava muito bem intelectualmente, mas eu pensava que não fosse assim, e fui repetir o 3º ano novamente. Foi uma besteira que eu fiz e depois eu descontei lá adiante, eu fiz só o 4º e não fiz o 5º, fiz um exame de admissão que era uma preparação para a outra etapa do ensino.

O carnaval de Fortaleza me encantou. Primeiro aqui no Jardim América, por causa da vizinhança. Eu via as batalhas de confetes, que não existe mais.

Não só o Az de Ouro, como a escola de samba Luis Assunção, que era do nosso bairro também. Eles passavam em frente lá em casa no caminhão. Eles iam para o carnaval de rua na Duque de Caxias num caminhão e eu ficava morrendo de inveja.

Foi na Praça do Jardim América que eu vi o seu Juca com o maracatu Az de Ouro. Então, ele saía da casa dele, ia descendo pela rua e fazia lá a volta e circulava, e aquilo me encantava. Deslumbramento, deslumbramento, como ainda hoje é pra mim.

Então eu tinha vontade de chegar perto, mas não sabia e nem nunca tinha tido oportunidade. E a mesma coisa era com a escola de samba Luís Assunção, mas me chamava mais atenção o maracatu, pela beleza plástica que ele tem.

Depois, eu fiz para vestibular comunicação social e fiquei jornalista no jornal “O Povo” e repórter político. Eu entrei lá em 61 e fiquei lá durante 15 anos. Então, nesse período aí, ainda no início da comunicação, eu vi que podia ajudar o seu Juca. Eu via a dificuldade do seu Juca e eu arranjava apresentação no interior e ele ia e lá, ele se entendia com o prefeito e fazia a festa.

Conheci o Raimundo Boca Aberta só fazendo entrevista. Eu não tive o afeto que eu tenho ao Az de Ouro. Aliás, o maracatu que eu tenho mais afeto é o Az de Ouro. Às vezes, até mais que algumas pessoas pensam.

Alguna coisa de jornal, alguna coisa não é muita coisa, não. Eu me aproximei assim, eu diria que eu fui uma ponte entre o intelectual e o popular, nessa questão do maracatu, porque o maracatu era visto

muito de longe e eu quebrava esse preconceito. Eu não queria nem saber se era repórter político, de paletó. Eu sempre fui repórter político. Me formei como repórter político, continuo ainda. Hoje eu trabalho na FM Tropical e no jornal O Estado. Então, era difícil entender como é que um repórter político da Assembléia Legislativa, ao mesmo tempo tinha tempo de dar assessoramento ao maracatu Az de Ouro. Só que a assessoria que eu dava era mais de empresário, sem receber cachê. Então, eu conseguia para o seu Juca apresentações. Quando podia, só gostava de ver.

Eu quis ajudar porque eu achava que, se não tivesse quem ajudasse, não chegaria aonde chegou hoje.

O Dia do Maracatu foi um pedido meu, como repórter político, ao então prefeito Lúcio Alcântara, lá no Paço Municipal, ali atrás da Catedral. Fui lá na prefeitura, não pedir uma coisa para ele, no tempo das “bocas”. Tudo isso existia naquela época, mas eu não fui atrás de coisa pra mim. Eu fui ao prefeito Lúcio Alcântara, hoje governador (2006), pedir que criasse o Dia do Maracatu, porque as escolas de samba estavam chegando e não queriam o maracatu na avenida. Só estavam implantando no Ceará o modelo carioca e, com isso, o maracatu, geralmente lento, diziam eles que o maracatu deveria ir para o mês do Folclore, que lá sim, tinha lugar para o maracatu, mas no carnaval, não, porque era lento demais.

Ora, nós sabemos que no Ceará não é assim. Que o maracatu sempre foi no Ceará – enquanto não matarem, como queriam matar naquele tempo – o carro chefe do carnaval.

Então, quando eu fui chegando, ele disse: “Paulinho” e tal – que ele me chama de Paulinho, também não me tem como repórter político e sim como uma pessoa amiga da cultura – e disse: “O que é que está havendo, Paulinho?” E eu disse. E ele disse: “Pois vá conversar com a Guaraciara”. Guaraciara Barros Leal era a figura de proa do órgão municipal da cultura daquele momento. Então ela, ao conversar comigo, chegamos à conclusão que a data mais parecida com o maracatu seria 25 de março ou 13 de maio. Mas esse trabalho foi inteligente, pra ver que tem anos que o carnaval cai em março. Ora, como era que ia dar dinheiro para uma apresentação se o maracatu, no carnaval, fazia 5, 6, 7 de março, aí quando chegava no dia 25

de março, só porque era decisão da Assembléia de novo... então, a questão de desembolso para a Prefeitura, a Secretaria de Finanças, era mais interessante em maio. E eu achei muito interessante o 13 de maio porque eu, com minha visão de marketing e repórter político, enfim, de jornalista, eu via que o 13 de maio é uma data que deveria ser muito mais comemorada no Ceará do que no resto do Brasil que, aliás, nem é comemorada no resto do Brasil. Foi aqui onde tudo começou. Foi aqui que começou libertação dos escravos. A redenção aqui tem palácio da militância, aqui tem Dragão do Mar, tem palácio da luz, tem tudo, por que não 13 de maio? Fica todo mundo de braços cruzados.

Então, o maracatu, no meu entender, faria uma grande festa no centro da cidade. Naquele momento, era tudo indicado pelas regionais. É até melhor que seja nas regionais. Então, eu faria uma grande festa em cada praça com cada um e havia um grande encontro dos maracatus. Na hora do comércio, não, à noite, para nós mesmos. Não adianta fazer como fazem hoje.

Eu não tenho assim essa vivência de dentro do maracatu, que eu não era de dentro. Eu via eles passarem em frente à minha casa. Agora, vizinho a mim, tinha uma vizinha chamada dona Oscarina, lá na Monsenhor Wayne, que tinha uma amiga chamada Mirtis e a Mirtis fazia a calunga, fazia a boneca. A Mirtis é quem fazia a calunga do Az de Ouro. Então, a Mirtis era loira, linda e, quando estava no carnaval, ela ficava preta, linda também, mas ela era outra pessoa. Sei que, através da Mirtis, eu fui chegando até o seu Juca e hoje a Mirtis ainda mora no edifício Jalci e é louca por maracatu. Não dança mais, mas é louca por maracatu. É apaixonada! Então, através da Mirtis, eu conheci o seu Juca e comecei, também. Não era com muita facilidade que eu conseguia as apresentações para o maracatu, era quando tinha oportunidade, era uma aqui, outra acolá. No ano 2000, outra, no ano 4000 e outra, no ano 5000! Era quando tinha oportunidade.

Então, certo dia, pra surpresa minha, em 1979, chega seu Juca lá no Jardim América, lá no Montese, na Gomes de Matos, 1495, onde eu morava. Foi quando eu saí da Monsenhor Wayne e fiquei por aqui. Fui para o Montese, lá na Gomes de Matos. E chega lá seu Juca com o professor Odacir. Então, o professor Odacir e o seu Juca foram

botar na minha cabeça que eu tinha que ser presidente do maracatu e tal, que o maracatu estava com dificuldades e era um ano importante pro maracatu. Antes disso, em 77, seu Juca viu meu interesse pelo maracatu e me concedeu o título de presidente de honra.

Voltando a 79, ele chegou impondo o maracatu mesmo pra mim tomar de conta, como se diz na linguagem popular, e eu disse: “Seu Juca, eu não sei de nada de maracatu. Eu amo, eu gosto, eu acho bonito, admiro, mas não sei de nada de maracatu”. E ele disse: “Não tem problema”. Ele por perto, junto da dona Lúcia e do seu Odacir, que era um casal que morava lá também no Jardim América. Me lembro bem desse momento, porque resgatamos a vinda de um pintor chamado Milton, e ele é um pintor que fez muitos estandartes lindos.

Eles impuseram pra eu ser o presidente do maracatu e eu disse para eles – eles eram o seu Juca e o professor Odacir Lima – e que eu não sabia o que era maracatu, eu não entendia de maracatu. Então, eles disseram que iam ficar por perto e ficaram. Ficou a dona Lúcia, o seu Juca e a mulher do professor Odacir e nós ficamos a ensaiar.

Já era perto do carnaval, naquele corre, corre com o maracatu na rua. Então, nós ensaiamos, ensaiamos, lá no Jardim América. Não é na sede atual aqui, era na sede tradicional, na casa do seu Odacir.

O enredo foi o seguinte. Foi em homenagem ao jangadeiro negro. O estandarte era um estandarte negro, porque era noite e tinha aquele negro fino ali na jangada e o estandarte preto, mas muito bem pintado com aquela tinta fosforescente – não sei se o nome é esse – e era uma jangada entrando debaixo. A lua lá em cima – era noite – e aquele jangadeiro negro em cima e Az de Ouro. O frontal era todo dourado e os anos também de dourado no estandarte. Era um estandarte de veludo pintado, não é bordado. Tudo isso em 1979, pra sair em 1980. Então, o nome dele era Milton, uma pessoa muito famosa como artista plástico, lá em Itapajé. Então, o Milton era conhecido por “mouco”. Era assim que o seu Juca chamava. Eu, como não tinha muita intimidade, chamava de Milton mesmo.

Bem, um detalhe desse ano aí foi o Fagner na avenida. Ele telefona pra mim – não ele, a produção dele – telefona pra mim perguntando se o maracatu ainda estava aceitando brincantes e tal, que o Fagner queria e, na época, eu disse assim: “Olha, o maracatu não é escola de samba. A escola de samba, ela tem um destaque e as pessoas aparecem mais, porque tem o destaque, vai em cima de carro alegórico e eu acho que o Fagner talvez fosse melhor numa escola de samba, que ele ia se destacar”. Aí o rapaz tomou isso até como ofensa. “Ele não está querendo aparecer. Ele está querendo dançar”. Aí eu disse: “Nós temos aqui vários”. E ele disse: “Ele está querendo a coisa mais simples”. “Pois, se for simples, tem o escravo”. Foi uma conversa quase ríspida porque eu não esperava e também achava que ele queria um destaque muito grande e ele foi logo dizendo que não queria aparecer. Aí eu disse: “Então, vai ser escravo”. E ele foi escravo. Foi escravo... aquela fantasia vermelho e preto do maracatu, a coisa mais linda!

Vinha para os ensaios, mas profissionalmente, como um brincante qualquer. Por mais que a gente arranjasse um violão pra ele dar uma canja, ele nunca quis dar. Lá onde eu falo, ali perto do Presidente Vargas, na rua Júlio César.

Pronto, aí apareceu na avenida todo já vestidinho e, então, eu botei... Cara pintada. Aí eu fazia maior marketing em cima dele né? Pro Az de Ouro.

Aí, enfim, ele não foi cantor. Ele foi um escravo. O que eu achei interessante foi isso, a simplicidade do Fagner como escravo e não cantando. Ele queria sentir o que era o maracatu. Agora, eu pensava que, a partir desse sentimento, fosse ter pelo menos uma música para terra – que ele está devendo ao Ceará uma música de maracatu, porque coisa que outros cantores fazem e ele não têm feito, e ele é tão popular e ele é tão querido pela juventude – seria tão bom! Eu esperava que viesse a música, mas nunca veio. Mas, se vir, é um presente para o Ceará. Aqui embaixo botar pra cima esse ritmo para a juventude. A juventude só se ver quando está no Dragão do Mar. Fora daí, ninguém sabe o que é maracatu, não.

Nesse ano, a música foi do professor Odacir Lima. O Raimundo, ele já estava afastado. Meu contato com ele foi só como

repórter mesmo, em outro momento. Não, ele não fazia parte dessa história no meu tempo, não.

Eu o conheci através do Leonardo, que era o que fazia as alegorias daqui. Ele era o carpinteiro das alegorias e, ao mesmo tempo, se fosse hoje, diriam um carnavalesco. Mas ele era um carpinteiro mesmo, que sabia fazer tudo das alegorias, inclusive um elefante que ele fez muito bonito de madeira e deu tudo certo.

O maracatu (Az de Ouro) ficou em 3º lugar. O Rei de Paus ganhou e o 2º lugar foi um maracatu novo estreante, Nação Africana.

Pelo que eu posso dizer do Az de Ouro, pelo que eu via naquele momento – e quem estava também dentro – o importante para o maracatu Az de Ouro era ir para a avenida, não era aquela história de ser campeão ou bicampeão ou tricampeão. Eu até fiquei com essa cultura também. Se você observar o maracatu Nação Iracema, que eu fundei recentemente, ele ainda está lá em baixo. Não tem esse negócio. A gente acha tão bom que a gente não fosse preso a Fortaleza, aquela coisa amarrada na federação, que o maracatu tem que desfilar na terça-feira de carnaval, pra quê? Se já desfilou no domingo.

Naquela época, já tinha os estandartes do povo. Naquela época, nós ganhamos vários estandartes do povo: melhor rainha, melhor comunicação com o público. Era tanta coisa! Era um julgamento paralelo que eu lamento que não tenha mais. Também, tá na hora do jornal “O Povo” retomar. Tinha a Avenida Iluminada... Nós levamos o maracatu Az de Ouro pra Avenida Iluminada junto com outro maracatu, que foi campeão também, sei lá. Então, a Avenida Iluminada era uma promoção que o Sistema Verdes Mares fazia, lá na Desembargador Moreira.

E, quando voltava, já era campeão, já tinha a lista de julgamento e pronto. Ninguém falava com ninguém. Uma coisa cronometrada. Isso não existe, isso é uma loucura, isso não pode ser! É por isso que o carnaval de rua de Fortaleza está acabando, por causa dessa militarização, uma coisa militaresca! Quer imitar o Rio, sem poder!

Depois, pronto, aí eu devolvi o maracatu para o seu Juca (em 1980).

Em 80 (20 de novembro) eu fundei o maracatu Vozes da África.

Foi... porque até o negócio que eu fiz com o seu Juca não era assim? Era só porque ele estava com dificuldade naquele momento e tal e tal e eu também não tinha como ficar. Se você observar, eu faço a minha parte, mas não tenho como me dedicar bastante, como repórter político.

Conversando com Isidoro Santos e outros carnavalescos locais, como Galbir Dalai, como Decarlos, que já faleceu também, e o próprio Ayrton, que já faleceu também – só que o Ayrton não queria nada com o maracatu, não! O negócio dele era uma escola de samba em Palmácia – e o Augusto Oliveira, que hoje está nas escolas de samba do Rio e São Paulo, que foi a 1ª rainha do Vozes da África, que foi campeão logo na estréia, empatado com o Az de Ouro (1981). Foi nesse ano que eu estava saindo do Az de Ouro e entrando no Vozes da África, meus dois maracatus do coração.

Eu me lembro que nós falamos que os maracatus desfilaram irmanados, porque nós abrimos a Avenida Iluminada. Agora eu me lembro: o Vozes da África de um lado e o Az de Ouro do outro.

Vozes da África é um livro do Castro Alves. O Vozes da África conta o tráfico dos escravos pra cá, e esse nome foi citado pelo Isidoro Santos e eu gostei muito, porque a minha intenção não era fundar um maracatu, era resgatar o Estrela Brilhante. Porém, era uma dificuldade tão grande.

A vida é um aprendizado, vamos dizer, uma experiência contínua. Eu ouvia muito dizer que maracatu era lento e tinha que sair do carnaval e até o Dia do Maracatu, que eu já falei, então se o problema era lentidão, vamos ficar mais animado. Infelizmente, foi assim! Aí ficou mais animado mesmo, o “Vozes da África”, comunicação com o público total e o negócio foi sério.

É interessante que não é o povo que faz essa exigência. É os intelectóides do local que ficam se metendo aonde não devem. Olhe,

eu, como folclorista, posso dizer que intelectual, quando se mistura, entra no fato folclórico, ele tende a alterá-lo. Ora, se o seu Juca gosta de fazer o balaio dele do jeito que está aí, naquele estilo, agora eu vou: “Não, não faça assim, não. Faça de outro jeito. É mais “light”!” Então, isso é bobagem, na hora que os intelectuais ficam se metendo com isso!

Por exemplo, no maracatu Rei de Paus, onde eu não tenho aproximação, mas respeito, tenho amizade aos diretores, mas eu não tenho aproximação, eu não vejo um cordão de negras mais bonito que o do Rei de Paus, não. Aí vem o Az de Ouro, a corte do Az de Ouro sempre foi muito pintada muito colorida, sem necessariamente aquela coisa, essa é a cor do maracatu, e o Az de Ouro sempre fez isso, tinha mais liberdade. Já se a gente for para o Vozes da África, aí é maracatu espetacular, é um show, é um maracatu coreografado!

A minha emoção é pior porque me leva para os hospitais. É contida! Minha mãe morreu, meu pai morreu, mas eu não sei porque eu não tenho essa facilidade de chorar, não. Queria ter, mas não tenho. Me emociono, sim, fico com as mãos geladas e meu coração...

Uma vez, disseram que a gente falou com os jurados, sem a gente ter falado, e disseram que a gente tinha influências com os jurados sem a gente ter. Ultimamente, eu tenho até procurado passar de costas... Triste um negócio desses! Isso não é carnaval, é uma polícia!

Eu fiquei muito tempo no Vozes da África. Ainda hoje eu sou presidente de honra do Vozes da África. A rigor, até 2000, eu era de dentro. 2002, 2003, 2004. Agora, como eu fundei esse outro maracatu, eles começaram a me ver como um concorrente. Aí pronto, vem a besteira! Mas, assim mesmo, eles me chamam presidente de honra. A galeria lá tem meu nome, a sala de fotografia, eu sou o fiador de lá, mas o único vínculo ainda formal, formal, formal é essa fiança.

A história do Nação Iracema é a seguinte: Eu conheci o seu William Augusto e a dona Lúcia Simão. É um casal que tem uma pastoral afro, lá no bairro do Jardim Iracema, pastoral afro da igreja católica. Ela lá forçando a barra ainda, isso é bom! E conheci esse casal no movimento nacional da consciência negra. Eu me acho

negro! Então, nessa história das palestras, eu conheci o seu William e a dona Lúcia e eles têm um grupo “Obogumbolo”, que esse grupo é um grupo afro que dança, que tem percussão e, quando era no carnaval, dona Lúcia saía em Rei de Paus, em Vozes da África, em Baobab. Aí, um dia, me encontrei com dona Lúcia – ela muito mal satisfeita com o carnaval passado, não vou dizer por uma questão de ética em qual grupo carnavalesco. Na hora, disse uma coisa, depois fez outra. Não foram buscar, o povo dela ficou no meio da rua... essas coisas de carnaval! E eu disse: “De fato, muito bem feito a senhora ter sido mal tratada!” “Por que Paulo?” “A senhora, invés de ficar fazendo um maracatu pra senhora, fica engordando maracatu dos outros, enchendo ala do maracatu dos outros”. “Mas Paulo...” “Mais Paulo nem menos Paulo! A senhora tem um grupo, a senhora tem instrumentos, a senhora tem gente. Vai agora engordar maracatu dos outros. Vamos fundar um maracatu?”.

Pronto, assim surgiu: “Vamos fundar um maracatu!” E eu dei o nome de Nação Iracema, até pela questão de auto-estima lá do bairro que é o Jardim Iracema e até a Iracema merece isso. E o que eu puder fazer eu faço, eu sou muito amigo nesse ponto. E, outra coisa, do lado de lá, do lado oeste de Fortaleza, Barra do Ceará, Antônio Bezerra e tal, não existe nada de carnaval. As dificuldades minhas lá no Jardim Iracema são exatamente essas, porque lá não existe uma tradição carnavalesca. As pessoas olham para o maracatu, pensam que é um bumba-meu-boi, pensam que é qualquer coisa, menos maracatu. E não existe ainda, infelizmente, está com quatro anos, mas não existe o engajamento da comunidade. A comunidade ainda não entendeu o que é a história. Fica todo mundo de braços cruzados. Paulo Tadeu tem que descer do carro com muita coisa, não tem quem ajude a descarregar. Paulo Tadeu precisa de uma máquina de costura, tem que alugar a vizinha, embora a máquina esteja parada. Então, são coisas que só quem faz sabe as dificuldades. Imaginem, num bairro que não tem a menor tradição! É como eu costumo dizer, eu queria ver a avenida coalhada de maracatu, de uma ponta a outra, só maracatu!

O maracatu, ele é muito importante porque até a minha academia foi influenciada por isso. A minha dissertação de mestrado

teve viés de maracatu porque meu mestrado foi sobre pequena e média empresa na Universidade Estadual do Ceará, em 1992. Foi uma dissertação de mestrado sobre pequena e média empresa, só com maracatu, para transformar em pequena e média empresa, por que não? Se o Olodum começou batendo numa lata e hoje em dia tem uma empresa para administrar os negócios do Olodum, as escolas do Rio de Janeiro todas são S/A, agora por que o Ceará não pode ter uma microempresa? Agora, o que eu sofri de preconceito dentro da minha Universidade Estadual do Ceará! Por isso, me diziam: “Tá vendo que o maracatu não é pequena e média empresa!”.

A todo momento, todo momento, mesmo como repórter político lá na Assembléia, há algum tempo, quando eu andava mais lá, tinha deputado que chegava perto de mim perguntando pelo maracatu, zombando ou com terceiras intenções. Eu dizia que tinha vaga para baiana, pra nunca mais vir me perguntar pelo maracatu dessa maneira preconceituosa.

O maracatu ocupou mais espaço, porém o preconceito continua. Eu digo porque sinto. Ainda hoje tem pessoas que brincam comigo nesse ponto.

O que está faltando é que o Ceará se valorize, tenha auto-estima, que respeite o que é dele, que coisa tem muita! Você chega na Bahia, ninguém manga dos blocos, do Olodum. Ninguém manga dos afoxés. Você chega no Maranhão, pelo contrário, tem todo tipo de bumba-meu-boi, inúmeros bumbas-meu-boi. Pernambuco: o frevo, a coisa mais linda, os maracatus do Pernambuco são vários e vários e vários estilos e todo mundo valoriza! Agora, aqui no Ceará, fazendo o que o seu Juca faz, o que eu faço, é remar contra a maré até chegar lá. Agora, é como eu digo, o Fagner, numa hora dessas, ajudava. Se o Fagner botasse um disco, um só, uma faixazinha, uma lá perdida, a juventude já teria acesso, porque às vezes, por mais esforço que a gente faça, não tem tanta abrangência como a música de quem já tem a dimensão que ele tem.

Para dizer que eu nunca me pintei, teve um ano que eu levei o maracatu Vozes da África para Guiana Francesa. O nosso rei era o Dilson Pinheiro e apareceu uma gravação para ele fazer lá na televisão que ele trabalhava e chegou a hora da apresentação e o avião dele

não chegava na Guiana Francesa. Então, o Ayrton, que era uma pessoa muito bacana, que era o presidente do maracatu, disse: “Paulo Tadeu, o jeito que tem é o seguinte: todo mundo já tem sua função, ninguém veio aqui passear, o rei vai ser você!” Eu ia como presidente de honra e, até então, como jornalista, mas como faltou o rei, agora que rei sou eu? Desse tamanho! (Risos). Mas foi o único momento, não foi nem no Brasil, foi pra tapar um buraco, foi pra ajudar o grupo que estava sem rei!

(Memórias montadas a partir de entrevistas concedidas para Pingo de Fortaleza no segundo semestre de 2005. Os Parênteses indicam comentários do autor)

Cronologia do Maracatu Az de Ouro, de 1936 a 2007.



3.1. Cronologia Maracatu Az de Ouro, outros maracatus e canavais de rua de Fortaleza – de 1936 a 2007.

1936 – No dia 26 de setembro, é fundado o Maracatu Az de Ouro, por Raimundo Alves Feitosa (Raimundo Boca Aberta).

1937 – Maracatu Az de Ouro desfila no Carnaval de rua de Fortaleza, sendo considerado campeão. As agremiações saíam do Passeio Público, desciam pela Rua Senador Pompeu, onde se situava a sede do Jornal “O Povo” e um palanque para julgamento, até a Duque de Caxias e retornavam pela Floriano Peixoto até a Praça do Ferreira, na Coluna da Hora.

1938 – Maracatu Az de Ouro é considerado campeão do Carnaval e ganha a disputadíssima taça “Rodo” (fabricante de lança-perfume), entregue a Raimundo Feitosa por Demócrito Rocha, na redação do jornal “O Povo”, disputando com grandes blocos, como “As Baianas”, “Marietas”, “Papai Noel”, “Comigo é na Virada”, entre outros veteranos do carnaval de rua de Fortaleza, na década de 30.

1939 – Maracatu Az de Ouro é considerado campeão do carnaval de rua de Fortaleza.

1940 - Maracatu Az de Ouro é considerado campeão do Carnaval de rua de Fortaleza e recebe a taça “Colombina”, entregue pelo jornal “O Povo”.

1941 - Maracatu Az de Ouro é considerado campeão do carnaval de rua de Fortaleza.

1942 - “O Maracatu surgiu mais aperfeiçoado no tocante à organização. Está bem numeroso, começou cedo o carnaval, melhorou a execução do seu batuque, assim como método de dança, conservando elogiavelmente a tradição que o consagrou como exaltador da música afro-indígena e partidário das danças do Brasil passado”. (Comentário publicado no jornal Correio do Ceará no dia 12 de fevereiro de 1942). Maracatu Az de Ouro desfila no carnaval de rua de Fortaleza ao lado dos seguintes blocos: “Escola de Samba Lauro Maia”, “Prova de Fogo”, “Bando da Lua”, “Zombando da Lua”, “Aldeia de Iracema”, “Comigo é na Virada” e “As Baianas”.

1943 - O carnaval de rua em Fortaleza, como em todo o Brasil, foi inexpressivo, em função do momento da Segunda Guerra Mundial. No sábado de carnaval, foram afundados dois navios brasileiros. Mesmo assim, em Fortaleza, alguns blocos saíram às ruas para participar do Carnaval de rua, entre eles, o Maracatu Az de Ouro. Luís Heitor Correia de Azevedo realiza gravações em áudio com Raimundo Alves Feitosa, que serão incluídas no CD “Music of Ceará and Minas Gerais”, lançado nos Estados Unidos, em 1997.

1944 - Maracatu Az de Ouro desfila no carnaval de rua de Fortaleza com 29 membros. Neste ano, considerado fraco pela imprensa, desfilaram no carnaval de rua de Fortaleza, além do Maracatu Az de Ouro, mais oito agremiações, com os seguintes membros: “Escola de Samba Lauro Maia”, 51; “Casamento de Iaiá”, 31; “As Baianas”, 20; “Marujos do Amor”, 25; “Com Pandeiro ou Sem Pandeiro”, 18; “Piratas da Folia”, 19; e “Boêmios da Cidade”, 22. O itinerário estabelecido para o desfile desse ano seguia o determinado roteiro: Rua Barão do Rio Branco, Travessa Guilherme Rocha, Rua Senador Pompeu e Travessa Duque de Caxias.

1945 – Maracatu Az de Ouro desfila no carnaval de rua de Fortaleza ao lado dos seguintes blocos: “Malandros da Folia”, “Bando do Amor”, “Não Quero Choro”, “Aldeia de Iracema”, “Marujos do Amor”, “Casamento de Yayá”, “Dragão do Mar”, “As Baianas” e

“Zombando da Lua”. Como no ano anterior, o carnaval de rua de Fortaleza foi considerado muito fraco, em favor do carnaval dos clubes elegantes, conforme manchete do jornal Correio do Ceará em 14/02/1945: “O povo de Fortaleza lavrou o atestado de óbito do Rei Momo – Virtualmente desaparecido o carnaval de rua – Só nos clubes elegantes houve alguma alegria carnavalesca”.

1946 – Ao lado de mais de 30 blocos, o Maracatu Az de Ouro desfila no carnaval de rua de Fortaleza desse ano, denominado “Carnaval da Vitória”, e que se constituiu em um dos mais animados dos últimos anos. S. M. Ponce de Leon, rei momo do carnaval de Fortaleza, distribui várias taças doadas por comerciantes aos melhores blocos. O curso dos blocos obedeceu o seguinte itinerário (havia também o curso dos carros): Avenida Duque de Caxias, Heráclito Graça e Dom Manuel, limitadas pelas ruas Senador Pompeu, do lado poente e Franklin Távora, dos lados leste e sul, respectivamente. No dia 20 de abril desse ano (noite de sábado de aleluia), o Maracatu Az de Ouro desfila com outros blocos no “MICAREME” do tríduo carnavalesco. Um cortejo nas ruas de Fortaleza após as comemorações religiosas da Semana Santa.

1947 – No dia 29 de Janeiro desse ano, o Maracatu Az de Ouro era um dos três blocos inscritos e regularizados na seção competente da Delegacia de Ordem Política e Social para participar do carnaval de rua de Fortaleza. Os “Diários Associados” (PRE-9, Correio do Ceará e Unitário) lançam, com apoio da prefeitura, um grande concurso de carnaval de rua composto de sete prêmios: melhor conjunto, melhor fantasia, melhor canção, melhor baliza, melhor estandarte, bloco mais original e campeão do carnaval. No dia 04 de fevereiro, o Maracatu Az de Ouro, juntamente com a escola de samba Luiz Assunção, se inscreve no concurso dos Diários Associados. No sábado magro (08/02), o Maracatu Az de Ouro desfila com outros blocos num ensaio coletivo no centro de Fortaleza. Competindo com mais de 17 blocos, o Maracatu Az de Ouro recebe o prêmio “Diários e Rádios Associados” de “Bloco mais Original” do carnaval de rua de 1947. Neste mesmo concurso, a escola de samba Luiz Assunção é declarada campeã.

1948 – Maracatu Az de Ouro participa, nos finais de semana de janeiro, de noites carnavalescas, na “Cidade da Criança”, promovidas pela Associação de Cronistas Carnavalescos. Após minuciosa e criteriosa avaliação, na segunda e no domingo de carnaval, O Maracatu Az de Ouro recebe, na terça-feira momina, mais uma vez, o prêmio de “Bloco Mais Original” dentro do concurso dos “Diários Associados”. É fundada, no dia 08 de dezembro desse ano, a Federação dos Blocos Carnavalescos do Ceará (FBCC).

1949 - Maracatu Az de Ouro participa do carnaval de rua de Fortaleza e, concorrendo com mais de 30 blocos, recebe o prêmio de “Melhor Estandarte” no concurso dos “Diários Associados”. Neste mesmo concurso, o cordão das “Coca-Colas” recebe o prêmio de “Bloco mais Original” e a escola de samba Luiz Assunção é tri-campeã.

1950 – Contando com 46 membros, o Maracatu Az de Ouro desfila no carnaval de rua de Fortaleza no primeiro grupo de blocos, ao lado de “Filhos de Iracema”, Maracatu Az de Espada (primeiro ano na avenida) e “Aldeia de Iracema”, logo atrás da campeã do ano anterior, escola de samba Luiz Assunção. Maracatu Az de Ouro recebe dos “Diários Associados” o prêmio de melhor conjunto (Prêmio Náutico Atlético Cearense). Nesse ano, o Maracatu Az de Ouro desfila com duas fantasias: uma para o sábado gordo e segunda-feira (chita) e outra para o domingo e terça-feira de carnaval (branca de saia rendada feita de morim) e seus instrumentos se constituem de dois bombos (bumbas), dois surdos, ganzás, cuícas e um regongué. Nesse ano, o Maracatu Az de Ouro ensaia todos os domingos na Rua Solon Pinheiro, 1090, em uma sede provisória. O Maracatu Az de Espada é considerado campeão do carnaval de rua de Fortaleza e na quase totalidade dos 14 anos seguintes, excetuando-se o ano de 1954, quando perde o título para o rival “Estrela Brilhante” e também no carnaval de 1963, quando as agremiações não desfilam, em forma de protesto. A concentração dos blocos esse ano é no passeio público.

1951 - Prejudicado pela saída de alguns dos seus principais integrantes para o Maracatu Estrela Brilhante, que desfila pela primeira vez no carnaval de rua de Fortaleza, o Maracatu Az de Ouro se ausenta do carnaval desse ano, retornando apenas em 1958. O maracatu Az de Espada é bi-campeão de carnaval.

1952 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de Fortaleza. Maracatu Az de Espada é tri-campeão do Carnaval de rua de Fortaleza. No concurso dos “Diários Associados”, o Maracatu Estrela Brilhante ganha o troféu de “Melhor Rancho”.

1953 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de Fortaleza. Maracatu Az de Espada é tetra-campeão do Carnaval de rua de Fortaleza.

1954 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Estrela Brilhante quebra uma seqüência de vitórias do Maracatu Az de Espada e se consagra campeão do Carnaval de rua de Fortaleza.

1955 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Az de Espada volta a ser campeão do Carnaval de rua de Fortaleza. Apenas 11 blocos participam desse carnaval.

1956 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Az de Espada é bi-campeão do Carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Rancho Alegre estréia no carnaval de rua.

1957 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval oficial de Fortaleza. Maracatu Az de Espada é campeão do Carnaval oficial de Fortaleza. No dia 17 de março, é fundado o Maracatu Leão

Coroado. Itinerário do desfile desse ano: Avenida Duque de Caxias, Rua Floriano Peixoto, Rua Guilherme Rocha, Rua General Sampaio, Rua São Paulo e Rua 24 de Maio.

1958 - Maracatu Az de Ouro participa do carnaval de rua de Fortaleza e da Batalha de Confetes. Maracatu Az de Espada é campeão do Carnaval oficial de Fortaleza. O Maracatu Leão Coroado estréia no Carnaval de Fortaleza. Nesse ano, pela primeira vez, quatro maracatus desfilam no carnaval de rua de Fortaleza e são destaques na imprensa, são eles: Maracatu Az de Ouro, Maracatu Az de espada, Maracatu Estrela Brilhante e Maracatu Leão Coroado.

1959 – Maracatu Az de Ouro volta a desfilar. Maracatu Az de Espada é pentacampeão do Carnaval oficial de Fortaleza. Maracatu Estrela Brilhante é extinto.

1960 – Maracatu Az de Ouro se ausenta do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Az de Espada é campeão do carnaval e Maracatu Leão Coroado é vice-campeão. Maracatu Ás de Paus é fundado em 20 de janeiro, mas não desfila, pois, chegando perto da Avenida, é proibido pelo Juizado de Menores porque trazia muitas crianças e não tinha documentos de autorização para os menores desfilarem. Pela primeira vez, a Prefeitura de Fortaleza se responsabiliza pela organização e premiação oficial do carnaval de rua de Fortaleza e o prefeito Cordeiro Neto entrega como premiação cheques e taças às agremiações declaradas vencedoras.

1961 – Maracatu Az de Ouro se ausenta novamente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Az de Espada é campeã do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Ás de Paus estréia na avenida.

1962 – Maracatu Az de Ouro ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Az de Espada é campeã do carnaval.

1963 – Não há desfile de blocos no Carnaval de rua de Fortaleza, em forma de protesto pela falta de verbas do poder público. Mesmo assim, o Maracatu Ás de Paus desfila e, em consequência, é punido pela Federação dos Blocos Carnavalescos do Ceará.

1964 – Maracatu Az de Ouro continua ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Nação Uirapuru é campeão (único ano em que desfila). Maracatu Ás de Paus muda de nome e desfila com o nome de “Rei de Paus”, em função da punição imposta pela Federação no ano anterior. É extinto o Maracatu Rancho de Iracema. As categorias de premiação esse ano são as seguintes: campeão e vice-campeão geral do carnaval, melhor escola de samba, melhor maracatu, melhor cordão, melhor frevo, melhor estandarte, melhor fantasia e melhor alegoria. Desfilam esse ano: Maracatu Leão Coroado, Maracatu Nação Uirapuru, Maracatu Az de Espada e Maracatu Rei de Paus. As escolas de samba: Prova de Fogo, Alencarinas, Mangueira, Turma do Camarão, Não Quero Choro, Luis Assunção e Turma Bamba. E os blocos: Coca-Colas, Meninas do Barulho, Meninas da Lua, Garotas do Sputnik, Frevos Bobos da Corte e Garotos do Frevo.

1965 – Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Rei de paus é declarado campeão. Último ano do Maracatu Az de Espada na avenida.

1966 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Rei de Paus é bi-campeão do Carnaval de rua de Fortaleza.

1967 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Rei de Paus é tri-campeão do Carnaval de rua de Fortaleza.

1968 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Maracatu Leão Coroado é campeão do Carnaval de rua de Fortaleza, recebendo ao todo 9 troféus.

1969 - Maracatu Az de Ouro fica ausente do carnaval oficial de Fortaleza.

1970 - Maracatu Az de Ouro retorna ao carnaval de rua de Fortaleza, é vice-campeão de maracatu e terceiro colocado geral do carnaval. Recebe, ainda, os títulos de melhor corte e melhor rainha, além de uma taça de reconhecimento da Rádio Iracema, credenciando-se, assim, para uma série de vitórias que virão nos anos seguintes. Maracatu Rei de Paus é campeão do carnaval de rua. Em função de um incidente com a escola de samba “Ispaia Braza”, vice-campeã desse carnaval, que devolve os oito troféus que ganha, os prêmios do carnaval deixam de ser entregues aos ganhadores, na terça-feira gorda de carnaval.

1971 – Disputando com 19 blocos na avenida, o Maracatu Az de Ouro é campeão de Maracatu e vice-campeão geral de carnaval, dando início a uma série de seis vitórias consecutivas na categoria maracatus.

1972 - Maracatu Az de Ouro é bi-campeão de Maracatu e vice-campeão geral de carnaval. Ganha ainda o prêmio de melhor balaieiro.

1973 - Maracatu Az de Ouro é tri-campeão de Maracatu, com o enredo “O Ceará ontem, uma pergunta – hoje, uma grande resposta”.

1974 - Maracatu Az de Ouro é tetra-campeão de Maracatu, além de receber os títulos de melhor fantasia, melhor estandarte, melhor corte e melhor rainha. O cantor e compositor cearense Ednardo lança o LP “O Romance do Pavão Misterioso”, contendo a canção “Pavão Misterioso”, composta com a célula rítmica mais tradicional do maracatu cearense, de andamento lento. O carnaval de rua de Fortaleza acontece na Avenida Aguanambi.

1975 - Maracatu Az de Ouro é penta-campeão de Maracatu. O Maracatu Leão Coroado é extinto. O desfile das agremiações ocorre novamente na Avenida Aguanambi.

1976 - Maracatu Az de Ouro é hexa-campeão de Maracatu, com o enredo “Visita ao rei negro de Moçambique” e vice-campeão geral de carnaval. O itinerário do carnaval retorna para a Avenida Duque de Caxias, no sentido nascente-poente, entre as ruas Padre Ibiapina e 25 de Março. A canção “Pavão Misterioso”, de Ednardo é tema de abertura da novela da TV Globo “Saramandaia”, de Dias Gomes, e torna o ritmo mais tradicional do maracatu cearense conhecido em todo Brasil (O grande público até hoje não teve informações suficientes para fazer a associação do ritmo da canção com a entidade do maracatu cearense).

1977 – Maracatu Az de Ouro é vice-campeão de Maracatu, com o enredo “Grande Noite de Iemanjá”. O campeão desse ano é o Maracatu Rei de Paus, quebrando uma sequência de seis vitórias do Maracatu Az de Ouro. Quesitos julgados esse ano nas categorias maracatus e ranchos: 1. Bateria, 2. Estandarte, 3. Fantasia, 4. Enredo, 5. balaieiro, 6. Alegorias e adereços, 7. Rainha, 8. Letra e música, 9. Originalidade, 10. Coroação de Rainha e 11. Evolução.

1978 – Maracatu Az de Ouro é o terceiro colocado no carnaval, com o enredo “Homenagem à Dona Santa, Rainha do Elefante”. A FBCC retira, para o carnaval de 1979, os títulos de campeão e vice-campeão geral do carnaval de Fortaleza, ficando apenas os campeões por categorias: “Maracatus”, “Escolas de Samba” e “Blocos e Cordões”. Maracatu Rei de Paus é campeão na categoria maracatus.

1979 - Maracatu Az de Ouro é terceiro colocado no Carnaval com o enredo “Quilombo de Palmares”. Maracatu Rei de Paus é campeão de maracatus. É instituído, por decreto, o Dia do Maracatu em Fortaleza (13/05), na gestão de Lúcio Alcântara. O presidente do Maracatu Az de Ouro, o Sr. Joaquim Pessoa (Mestre Juca), comunica, através de ofício, na sessão ordinária da FBCC, no dia 09/01, que o maracatu Az de Ouro muda suas cores das fantasias de “vermelho, preto e branco” para “vermelho, amarelo e branco”.

1980 – Maracatu Az de Ouro é segundo colocado no carnaval de rua na categoria maracatu. O cantor e compositor Raimundo Fagner participa do cortejo do maracatu Az de Ouro, fantasiado de escravo. Maracatu Rei de Paus é campeão. No dia 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra), o Maracatu Vozes da África é fundado pelo jornalista Paulo Tadeu.

1981 – Maracatu Az de Ouro é campeão do carnaval na categoria maracatus com o tema “Loa ao jangadeiro negro”, de autoria de Odacir Lima e divide o título com o Maracatu Vozes da África. Surge o Maracatu Rei de Espada. O quesito enredo deixa de ser julgado nos maracatus e, em seu lugar, entra a figura do Baliza. Foram conservados os demais quesitos: rainha, bateria, letra e música de macumba, estandarte, balaieiro e fantasia.

1982 – O Maracatu Az de Ouro é o terceiro colocado na classificação do carnaval na categoria maracatus com as referidas notas: Baliza (09), Estandarte (09), Rainha (10), Balaieiro (06), Adereços, Manuais (08), Bateria (09), Fantasias (06), Macumba - Letra e Música (09), Enredo (04) e Alegorias (03). É extinto o Maracatu “Nações Africanas”. A Federação dos Blocos Carnavalescos do Ceará (FBCC) passa a ser denominada de Federação das Agremiações Carnavalescas do Ceará (FACC).

1983 - Não houve carnaval oficial de rua em Fortaleza.

1984 – Maracatu Az de Ouro participa do carnaval de rua de Fortaleza sob a direção de Zequinha e Jales, e o cantor e compositor Dilson Pinheiro desfila fantasiado de Preto Velho. É criado, pela Senhora Lerrisse Porto, o Museu do Maracatu, instalado num anexo do Teatro São José.

1985 - Maracatu Az de Ouro fica em terceiro lugar com o enredo “Lavagem do Bonfim”.

1986 - Maracatu Az de Ouro sai na Avenida com o tema “Bodas de Ouro – Festa na Senzala”, em comemoração ao seu cinquentenário e se classifica em quarto lugar. Maracatu Vozes da África é campeão de maracatu.

1987 – Maracatu Az de Ouro participa do carnaval de rua de Fortaleza. Na apuração, brincantes dos maracatus Az de Ouro e Vozes da África entram em conflito. Maracatu Vozes da África é declarado bi-campeão do carnaval na categoria maracatu.

1988 – Maracatu Az de Ouro se ausenta do carnaval de rua de Fortaleza na Avenida Duque de Caxias.

1989 – Maracatu Az de Ouro continua ausente do Carnaval de rua de Fortaleza.

1990 – Maracatu Az de Ouro continua ausente do carnaval de rua de Fortaleza. O desfile das agremiações ocorre na Avenida Pessoa Anta e os maracatus que participam do carnaval são: Afoxé Filho do Sudão, Maracatu Leão Coroado, Maracatu Rei de Espadas, Maracatu Verdes Mares, Maracatu Nação Gengibre, Maracatu Rei de Palmares, Maracatu Rei de Paus e Maracatu Vozes da África. O maracatu campeão deste ano é o Maracatu Vozes da África

1991 – Maracatu Az de Ouro continua ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Último ano de desfile do Maracatu Leão Coroado. O carnaval das agremiações ocorre na Avenida Beira Mar e todas são julgadas em 10 quesitos: Baliza, Porta-Estandarte, Abre-Alas, Evolução, Adereços, Harmonia, Bateria, Letra e Música, Fantasia e Enredo. Os maracatus ainda recebem notas para Rainha e Balaieiro.

1992 – Maracatu Az de Ouro continua ausente do carnaval de rua de Fortaleza. Por determinação do presidente da FACC, os blocos, cordões e maracatus desfilam sem julgamento, num carnaval declarado não-oficial. Participam desse carnaval os seguintes maracatus: Maracatu Verdes Mares, Maracatu Rei de Palmares, Maracatu Vozes da África, Maracatu Rei de Paus e Maracatu Rei de Espada.

1993 – Maracatu Az de Ouro retorna ao carnaval de rua de Fortaleza, desfilando na Avenida Duque de Caxias com o enredo “Palácio dos Orixás na Terra da Luz”, de autoria de Marcos Gomes e Miguel Ângelo de Andrade (Nirez). Maracatu Rei de Paus é campeão do carnaval. Maracatu Leão Coroado é extinto.

1994 – Maracatu Az de Ouro desfila com o enredo “Quilombo dos Palmares”. Maracatu Vozes da África homenageia em seu enredo “Raimundo Boca Aberta” e se consagra campeão do carnaval deste ano.

1995 – Macaratu Az de Ouro desfila no carnaval com a loa “Zumbi dos Palmares”, de autoria de Mestre Juca do Balaio. Maracatu Nação Baobab ingressa no carnaval, sob o comando de Descartes Gadelha, que traz um novo e mais acelerado ritmo de maracatu para a avenida.

1996 – Maracatu Az de Ouro desfila no carnaval com o enredo “60 anos de Maracatu, contando sua História”, de Joaquim Pessoa de Araújo (Mestre Juca) e Marcos Gomes e com a loa intitulada “Comprovando sua Glória”, de autoria de Joaquim P. de Araújo (Mestre Juca do Balaio), em homenagem aos 60 anos de sua fundação. Nesses anos, os maracatus tinham enredos. Pobre e sem receber honrarias por seu mérito de ter criado o primeiro Maracatu eminentemente carnavalesco do Ceará, morre de trombose, aos 95 anos, no dia 25 de julho, Raimundo Alves Feitosa, o “Boca aberta”, fundador do Maracatu Az de Ouro.

1997 – Maracatu Az de Ouro desfila no carnaval com o tema-loa “Boneca Preta do Maracatu”, de autoria de Joaquim P. de Araújo (Mestre Juca do Balaio) e recebe a terceira colocação.

1998 – Não houve carnaval oficial de agremiações em Fortaleza. Apenas o Maracatu Nação Baobab desfila, como forma de protesto, na Avenida Domingos Olímpio. No dia 28 de agosto desse ano, o Maracatu Az de Ouro se institucionaliza legalmente com o nome de Associação Cultural Maracatu Az de Ouro e Marcos Gomes é eleito seu primeiro presidente.

1999 - Maracatu Az de Ouro desfila com o tema-loa “Uma Viagem Imperial à Terra Mãe”, de autoria de Joaquim Pessoa de Araújo (Mestre Juca). Calé Alencar assume a presidência da FACC (Federação das Agremiações Carnavalescas do Ceará). Os cantores e compositores Calé Alencar, Dilson Pinheiro e Pingo de Fortaleza lançam o CD “Dragão ao Vivo”, com a temática voltada para o maracatu cearense e seu universo. Em setembro desse ano, a convite do presidente do maracatu Az de Ouro, Marcos Gomes, Pingo de Fortaleza ingressa nesse maracatu.

2000 - Maracatu Az de Ouro desfila com o tema “Outros Quinhentos”, de Pingo de Fortaleza, que estréia no carnaval oficial de Fortaleza como compositor e “Tirador de Loas” desse maracatu. Por questões estruturais e de apoio ao carnaval de rua de Fortaleza, as agremiações desfilam esse ano sem caráter competitivo.

2001 – Maracatu Az de Ouro desfila com o tema “Maculelê – De Volta aos Quilombos”, de autoria de Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues e tira a terceira colocação. O Maracatu Vozes da África tem seu ritmo modificado e consagra-se campeão do carnaval oficial de Fortaleza na categoria dos maracatus. Maracatu Rei Zumbi estréia no carnaval oficial de Fortaleza. A Secretaria de Cultura do Estado do Ceará lança o CD “Maracatus e Batuques”, volume V, da Coleção Memória do Povo Cearense, uma realização da Cariri Discos e da Equatorial Produções, que apresenta 35 faixas referentes a essa temática, incluindo gravações de 1943, realizadas em Fortaleza por Luís Heitor Correia de Azevedo.

2002 – Maracatu Az de Ouro desfila com o tema “Maracatu Fortaleza”, de Pingo de Fortaleza e Rosenberg Cariry. O tema desenvolvido, de forte denúncia social, apresenta, entre suas alas, um cortejo estilizado de maracatu com fantasias feitas de sucata e lixo.

2003 – Maracatu Az de Ouro desfila com o tema “Mestre Juca do Balaio”, de Calé Alencar, também autor da Loa, tendo como tiradores: Pingo de Fortaleza, Eliezer Lima e Ana Célia. Maracatu Nação Iracema estréia no carnaval.

2004 – Az de Ouro sai na avenida Domingos Olímpio com o tema: “Ceará Terra da Luz, berço da liberdade”, de Calé Alencar, tendo como tiradores da Loa: Pingo de Fortaleza, Eliézio Lima e a cantora Késia. Maracatu Kizomba faz sua estréia no carnaval oficial de Fortaleza. É fundado, no dia 25 de março, por Calé Alencar, o maracatu Nação Fortaleza. Nesse ano, três maracatus empatam em primeiro lugar: Maracatu Vozes da África, Maracatu Nação Baobab, e Maracatu Rei de Paus. O maracatu Az de Ouro é declarado vice-Campeão.

2005 - Maracatu Az de Ouro é o terceiro colocado na categoria maracatus com o tema “Nossa Paz é de Oxalá”, de Pingo de Fortaleza e Mestre Juca, tendo como autores da Loa: Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues e tiradores da Loa: Pingo de Fortaleza, Eliézio Lima e Ana Célia. Estréia do Maracatu Nação. Maracatu Rei de Paus é campeão do carnaval na categoria dos maracatus.

2006 - Maracatu Az de Ouro é o terceiro colocado dos maracatus com o tema “Maracatu Az de Ouro - 70 anos de memórias, loas e batuques”, de Pingo de Fortaleza e Mestre Juca, tendo como autores da Loa intitulada “De Boca Aberta Para o Mundo”: Pingo de Fortaleza, Mestre Juca, Raimundo Boca Aberta, Afrânio Rangel e Alan Mendonça. E tiradores de Loa: Pingo de Fortaleza, Brenner Paixão e Eliézio Lima. Por motivo de saúde, se ausentam do cortejo do maracatu Az de Ouro Mestre Juca do Balaio e Mestre Zé Rainha. Maracatu Rei de Paus é campeão de maracatus. Mestre Juca é o grande homenageado do carnaval desse ano e morre, aos 83 anos, no dia 06 de abril. O Museu do Maracatu, criado em 1984, tem suas portas fechadas, pela ausência de uma política de apoio às suas atividades.

2007 - Pela primeira vez, 10 maracatus participam do desfile oficial do carnaval de Fortaleza na Avenida Domingos Olímpio, sendo estes: Maracatu Az de Ouro, Maracatu Rei de Paus, Maracatu Vozes da África, Maracatu Nação Baobab, Maracatu Rei Zumbi, Maracatu Quizumba, Maracatu Nação Iracema, Maracatu Nação Fortaleza e os maracatus estreantes, Maracatu Axé de Oxossi e Maracatu Solar, este último criado pela Associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR, sob inspiração do ritmo e do figurino (elemento surpreendente e inovador na estética dos maracatus atuais) do Maracatu Az de Ouro das décadas de 1940 e 1950. Nesse ano, Maracatu Rei de Paus se sagra novamente campeão, tendo o Maracatu Vozes da África como segundo colocado e Maracatu Az de Ouro em terceiro lugar, com o tema “Ônilé”, sugestão de Glória Freitas e Loas de Pingo de Fortaleza, Descartes Gadelha, Wilton Matos e Alan Mendonça.

4

Principais características do Maracatu Az de Ouro.



emóriasloasbatuquesmemóriasloasbatuqu

4.1. Dados de identidade do Maracatu Az de Ouro.

Nome da manifestação cultural: Maracatu Az de Ouro

Data de Fundação: 26 de Setembro de 1936

Nome da Instituição: Associação Cultural Maracatu Az de Ouro

Data de Fundação: 28 de agosto de 1998

Quantidade Aproximada de Brincantes: 250

Cores oficiais: Branca, Vermelha e Amarela

Símbolo oficial: Carta Az de Ouro do Baralho tradicional

Principais Títulos no carnaval de rua de Fortaleza: 1937, 1938, 1939 e 1940 (considerado campeão geral de carnaval) e 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1981 (campeão da categoria maracatu) e 1971 e 1972 (vice-campeão geral de carnaval).

Diretoria do Maracatu 2006

Presidentes de Honra: Mestre Juca do Balaio e Paulo Tadeu

Presidente: Antônio Marcos Gomes da Silva

Vice-Presidente: Maria Lucineide Magalhães

Primeiro Secretário: José Derlânio Temóteo Lima

Segundo Secretário: José Luciano Magalhães

Primeiro Tesoureiro: Nádia Patrícia Chagas Cavalcante

Segundo Tesoureiro: Liduína Maria Magalhães

Conselho Fiscal

Primeiro Membro: Eduardo Antônio de Medeiros e Silva

Segundo Membro: Francisco Regis Ferreira de Oliveira

Terceiro membro: Ângela Maria Marques de Sousa



Fig.55 Sede Maracatu Az de Ouro, 2005

Brincantes e Destaques:

Rainha: Maria Lucineide (Luci) e Zé Rainha

Rei: Rafael Pereira

Balaieiro: Brasil (Mestre Juca até 2005)

Baliza: Raimundinho

Negra da Calunga: Malu

Porta estandarte: Francisco Hélio

Tiradores de loas: Pingo de Fortaleza e Eliézio Lima

Casal de pretos velhos: Alexandre e Eliane

Destaque do cordão dos índios: Iran Chagas (Clementino)

Diretor do batuque: José Alberto (Beto)

Carnavalesco: Francisco Antônio (Baby)

Endereço: Rua Edite Braga, 395, Jardim América,
Cep.60425-100,

Fortaleza, Ceará, Brasil.

Telefones para contato: (085) 34943989 e 88422374

4.2. Célula rítmica do Maracatu Az de Ouro.

BATUQUE DO MARACATU AZ DE OURO

The image displays a musical score for a four-part rhythm cell. The staves are labeled on the left: Ferro, Chocalho, Caixa, and Bombo. Each staff begins with a double bar line and a common time signature (C). The Ferro staff has four quarter notes, with the first note being a half note. The Chocalho staff has four quarter notes. The Caixa staff has four quarter notes, with the first note being a half note. The Bombo staff has four quarter notes, with the first note being a half note. The notation is enclosed in a large rectangular frame.

Obs: Escrita musical de Tarcísio José de Lima e Tony Maranhão.

- Usa-se apenas 01 (um) chocalho para a marcação das unidades de tempo;
- Usa-se de 10 a 20 ferros. Nos tempos fortes, usa-se o ferro preso e nos tempos fracos, o ferro solto;
- Usa-se um número de caixas superior ao dos ferros. A caixa não tem esteira;
- Os bumbos são em quantidade maior que os outros instrumentos.

4.3. Planta baixa do Cortejo do Maracatu Az de Ouro

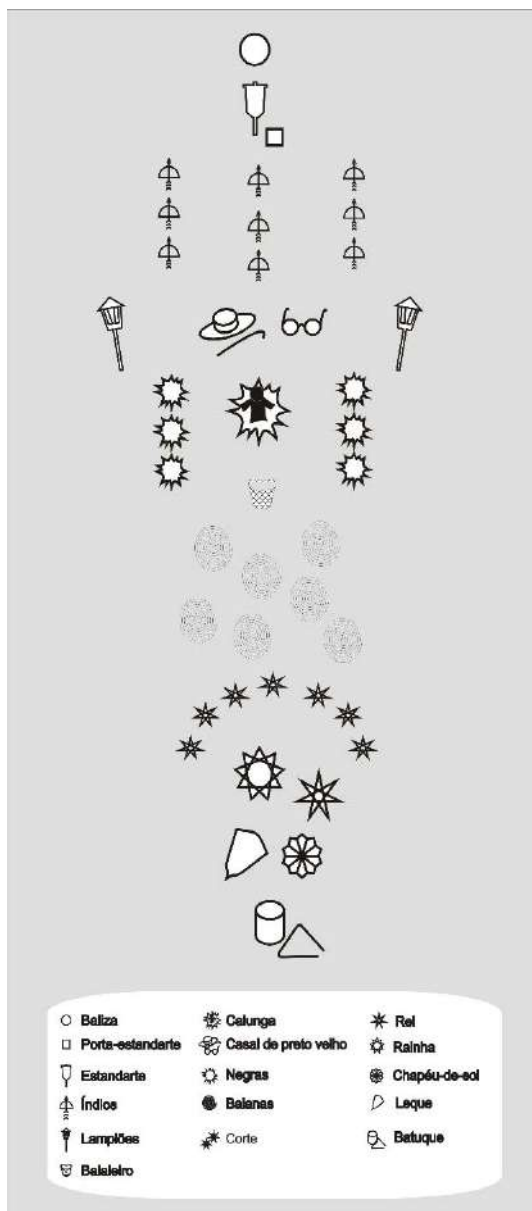


Fig.56 Planta baixa do cortejo do maracatu

4.4. Figuras do Maracatu Az de Ouro e seus significados.

O Maracatu Az de Ouro desfila em forma de cortejo, trazendo personagens individuais e grupos de personagens agregados em forma de alas. Algumas figuras e alas são permanentes, podendo ainda, de acordo com o seu tema oficial de carnaval, serem criadas outras personagens e também outras alas.

Figuras e alas permanentes:

Baliza: Abre o cortejo com uma baliza em mãos, fazendo evoluções e malabarismos em sua dança. De cara pintada, de uma mistura resultante de fuligem de lamparina e vaselina (como todos ou outros membros do maracatu), desfila de turbante com uma fantasia composta de meia calça com elástico nas pontas e camisa balão de mangas, além de sapatilhas e meias longas. Sua fantasia é de cetim brilhante e muito colorida.



Fig.57 Baliza



Fig.58 Lanterneiros

Lanterneiros: São duas figuras ladeando o cortejo, fantasiadas de escravos, só de calças de uma cor (a cor pode variar), carregando lanternas (lâmpioes) no alto de um mastro de aproximadamente 2 metros. Abrem com suas lanternas (lâmpioes) um caminho de luz para o cortejo que se inicia.

Porta-Estandarte: Com sua fantasia de luxo, comparável à dos príncipes do maracatu, faz lentas evoluções com o estandarte da agremiação, que normalmente tem dois metros de base por três de altura. O estandarte, luxuosamente trabalhado em cetim ou veludo, traz no centro a carta do baralho Az de Ouro, símbolo do maracatu e a data de sua fundação e, em cima, um frontispício trabalhado em madeira, além de franjas de diversos materiais em suas laterais.



Fig.59 Porta-estandarte



Fig.60 Índios

Ala dos Índios: É a primeira ala do maracatu Az de Ouro. É composta, na maioria, de crianças que desfilam em filas indianas. A pintura no rosto caracteriza os índios com suas fantasias de penas, estopas e outros materiais ligados à terra. No meio dessa ala, podem aparecer figuras de destaque com fantasias de índios confeccionadas com materiais diferenciados. Nos últimos anos, tem-se trabalhado com grandes esplendores (cangalhas) que trazem penas e estampas diversas. A coreografia do Az de Ouro é normalmente composta apenas de um passo, que é repassado desde muitos anos através de seus brincantes mais antigos. Podem também trazer adereços como arcos, flechas e lanças.



Fig.61 Negras

Ala das Negras: São homens ou mulheres fantasiados de saias longas e camisas rendadas, com uma blusa preta de mangas compridas por baixo e luvas também pretas, além do turbante e um lenço lateral com o símbolo do Az de Ouro estampado. Essa ala tem uma simbologia com as escravas e as filhas de santo. Desfilam em duas filas indianas nas laterais do cortejo e evoluem com uma coreografia de um só movimento de 180 graus, que as vai fazendo olhar para o centro e para lateral exterior do cortejo.

Negra da Calunga (Dama do Paço): É uma negra que desfila no centro da ala das negras com fantasia igual ao restante da ala e que carrega a Calunga do maracatu. A calunga é uma boneca preta fantasiada também de negra e que traduz o elemento religioso do grupo, simboliza a força e o poder. É um totem e a ela são ainda feitos pedidos pelos brincantes, antes do cortejo. No idioma africano quico, calunga quer dizer “mar” e aparece nessa acepção nos cantos de macumba e candomblés cariocas e baianos.



Fig.62 Negra da Calunga

Baianas: Desfilam após o cordão das negras. Suas fantasias podem ter vários motivos estéticos, contudo, a saia é sempre rodada com estrutura interna de arames, tendo aproximadamente dois



Fig.63 Baianas

metros de diâmetro. Trazem ornamentos na cabeça diferentes de simples turbantes e representam as negras mais velhas e experientes (mães de santo). Sua coreografia é livre com predominância nos giros que realizam em suas filas indianas.



Fig.64 Balaieiro



Fig.65 Casal de Pretos-Velhos

Balaieiro: com uma fantasia normalmente livre, indo de negra a outros motivos visuais (Mestre Juca), desfila no centro do cortejo fazendo medidas ao público com um grande balaio carregado de frutas sobre a cabeça. Representa a fertilidade, a festa da colheita e repartição dos frutos. Antigamente, os frutos eram de verdade. Agora, são enfeites artesanais e podem receber o acréscimo de outros elementos estéticos.

Mestre Juca do Balaio, balaieiro do Maracatu Az de Ouro durante muitos anos, não segurava o balaio com as mãos, mas equilibrava-o magistralmente enquanto desenvolvia sua coreografia.

Casal de Pretos-Velhos: um casal de pretos velhos desfila no centro do cortejo com roupas simples e cachimbos. Os corpos encurvados e os passos trêmulos representam os anos de experiência de vida e a sabedoria acumulada.

Carregadores de Leques: Fantasiados com roupas da corte, carregam grandes leques anunciando a chegada da ala dos nobres. Em geral, esses adereços são confeccionados de penas, mas também de outros materiais.



Fig.66 Carregadores de leques

A Ala da Corte: traz inúmeras figuras nobres no cortejo, príncipes e princesas, na grande maioria, todos com ricas fantasias inspiradas na nobreza européia medieval. A corte do Maracatu Az de Ouro se caracteriza pelo colorido das suas fantasias e pela liberdade de criação estética de seus componentes que, em geral, confeccionam suas próprias fantasias. O rosto de seus membros também é pintado de preto e a coreografia é livre, resumida em gestos lentos e medidas feitas ao público.



Fig.67 Corte

Defumador: Figura com fantasia livre, mais parecida com negras e/ou baianas, que carrega um incensário e pode caminhar por todas as alas do maracatu, perfumando e protegendo o caminho por onde o cortejo passa. Às vezes, se concentra na ala da corte.

Rainha e Rei: São as principais figuras do cortejo. Desfilam um ao lado do outro fazendo medidas ao público. Suas fantasias são as de maior destaque no cortejo, carregadas de detalhes e aplicações. Antigamente, as fantasias de rainha eram mais simples, sem os esplendores que hoje fazem parte obrigatória do seu visual. Os esplendores são peças colocadas através de armaduras de ferro nas costas da rainha e que se compõem de grandes penas e de outros elementos estéticos, chegando a ter três metros de diâmetro, inspirados nas fantasias de luxo do carnaval carioca.



Fig.68 Rei e Rainha



Fig.69 Escravo e Chapéu de sol

Escravo carregador da sombrinha (chapéu de sol ou pálio): Escravo que carrega a sombrinha, objeto de grande porte e circular que, sempre girando, protege a rainha. Pode ter no alto algum detalhe, como uma boneca. A sombrinha é um elemento de tradição nos maracatus e é confeccionada de materiais diversos, sendo que deve apresentar um bom visual estético.

Macumbeiro ou Tirador de Loas: É o responsável por cantar a loa (canção tema do maracatu). Pela tradição, se fantasia de negra.

Ala do Batuque: É a última ala do maracatu. É composta de seus batuqueiros divididos em quatro naipes: Mestre de batuque (toca o chocalho que dá andamento ao maracatu), Naipes dos Ferros, Naipes das Caixas e, por último, Naipes dos Bumbos. Normalmente, seus membros usam turbante e um lenço na lateral do corpo, calças compridas e camisas de mangas compridas, de variadas cores, com predominância das cores do maracatu.



Fig.70 Tirador de Loas

Alas Variáveis:



Fig.71 Capoeira

Ala da Capoeira: Composta por um grupo de capoeira, faz evoluções desse universo dentro do cortejo. Hoje é quase uma ala obrigatória.

Ala do Maculelê: Composta por membros da capoeira, desloca-se, desenvolvendo uma coreografia baseada nos bate-paus desse gênero.

Ala dos Orixás: composta por figuras fantasiadas de orixás das religiões de umbanda e do candomblé. Cada orixá desenvolve sua própria coreografia já existente em suas religiões.



Fig.72 Orixá

Ala dos Africanos: Representa a presença dos guerreiros africanos no cortejo.

Ala dos pais e filhos de santo: composta de membros das religiões afro-brasileiras.

Outras Alas: De acordo com seu tema escolhido para o carnaval de rua, o Maracatu Az de Ouro costuma criar novas alas elucidativas.

Imagens e reportagens do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 anos de Memórias, Loas e Batuques.



5.1. Imagens do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques

Sede e Preparação do Maracatu Az de Ouro



Fig.73 Prova de Fantasia, 2006



Fig.74 Confeção de adereços, 2006



Fig.75 Fantasia e Adereços, 2006



Fig.76 Adereços dos índios, 2006



Fig.77 Caixas, surdos e bumbos do batuques, 2006



Fig.78 Roupas ao sol e lampiões, 2006



Fig.79 Ensaio de rua: Eliézio Lima e Brenner Paixão, tiradores de loas, 2006



Fig.80 Ensaio de rua: batuque, 2006



Fig.81 Ensaio de rua: baliza (Raimundinho) e estandarte, 2006



Fig.82 Ensaio de rua: batuqueiros e nova geração, 2006.



Fig.83 Cortejo do Maracatu Az de Ouro, ala dos índios, Av. Dom. Olímpio, Carnaval, 2006



Fig.84 Cortejo do Maracatu Az de Ouro, ala das negas e calungeira Av. Dom. Olímpio, Carnaval, 2006



Fig.85 Batuque, Dispersão do cortejo do Maracatu Az de Ouro, Carnaval, 2006.



Fig.86 Ala das baianas, Maracatu Az de Ouro, Carnaval, 2006.

5.2. Reportagens do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques.



Fig.87 Jornal O Povo, Fevereiro, 1944



Fig.88 Jornal "Correio do Ceará", Janeiro, 1950



Fig.89 Jornal O Povo, Fevereiro, 1992



Fig.90 Jornal O Povo, Setembro, 2002



Fig.91 Jornal "La Vdx du Samedi", França, julho de 1997

6

Loas e Batuques do Maracatu Az de Ouro nos seus 70 anos de Memórias, Loas e Batuques.



emóriasloasbatuquesmemóriasloasbatuqu

6.1. Loas do CD Az de Ouro nos seus 70 Anos de Memórias Loas e Batuques.

Faixas do CD anexo “Maracatu Az de Ouro 70 Anos de Memórias, Loas e Batuques”

- 01 - Balê ô ó Mafunga** (Domínio público)
Raimundo Alves Feitosa
- 02 - Balaio é Balaio á** (Raimundo Alves Feitosa)
Raimundo Alves Feitosa
- 03 - Olha o Meu Emblema** (Raimundo Alves Feitosa)
Raimundo Alves Feitosa
- 04 - Ó Meu Bem Alaquixá** (Domínio Público)
Raimundo Alves Feitosa
- 05 - Boneca Preta do Maracatu** (Raimundo Alves Feitosa)
Raimundo Alves Feitosa
- 06 - Mestre Juca do Balaio fala sobre Raimundo Alves Feitosa**
- 07 - O Pião Entrou na Roda** (Domínio Público)/ Oi Curunga
Mestre Juca do Balaio
- 08 - Me Sinto Bem** (Dorival Caymmi)
Mestre Juca do Balaio
- 09 - Mestre Juca do Balaio fala sobre Raimundo Alves Feitosa**
- 10 - “V” da Vitória / Negra Sebastian – Mestre Juca do Balaio**
- 11 - Ô Ô Calunga**
Mestre Juca do Balaio
- 12 - Café/José de Alencar** (Mestre Juca do Balaio)
Mestre Juca do Balaio
- 13 - Coroação** (Domínio público)/**Beco estreito**(Raimundo Alves Feitosa)/**Minha Mãe Tem couve Couve Tem/ A Mulher do Palhaço** (Domínio Público)
Mestre Juca do Balaio
- 14 - Mestre Juca do Balaio Fala sobre sua saída do Az de Ouro**
- 15 - No Quilombo dos Palmares** (Mestre Juca do Balaio)
Mestre Juca do Balaio
- 16 - Viva a Sereia Rainha do Mar** (Raimundo Alves Feitosa)
Mestre Juca do Balaio
- 17 - Mestre Juca do Balaio fala sobre a Loa Caô**
- 18 - Caô** (Mestre Juca do Balaio)
Mestre Juca do Balaio

- 19 - O Galo Cantou** (Raimundo Alves Feitosa)
Mestre Juca Balaio
- 20 - Comprovando a Sua Glória** (Mestre Juca do Balaio)
Mestre Juca do Balaio
- 21 - São Benedito**
Afrânio Rangel
- 22 - Ogum** (Afrânio Rangel)
Afrânio Rangel
- 23 - Euá** (Afrânio Rangel)
Afrânio Rangel
- 24 - A Tua Saia Mandeí Fazer**
Afrânio Rangel
- 25 - Afrânio Rangel fala sobre Exposição comemorativa aos 65 anos do Maracatu Az de Ouro**
- 26 - Que Belo Estandarte** (Afrânio Rangel)
Afrânio Rangel
- 27 - Caçador que anda caçando** (Afrânio Rangel)
Afrânio Rangel
- 28 - Ô Maria (loa de início)**
Mestre Juca do Balaio
- 29 - Galo Cantou (loa Despedida)**
Mestre Juca do Balaio
- 30 - Vamos Brincar Carnaval (loa de início)**
Mestre Juca do Balaio
- 31 - Outros 500** (Pingo de Fortaleza)
Pingo de Fortaleza
- 32 - Maracatu Fortaleza** (Pingo de Fortaleza e Rosemberg Cariri)
Pingo de Fortaleza e Participação Mestre Juca do Balaio
- 33 - Maculelê** (Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues)
Pingo de Fortaleza e Cale Alencar
- 34 - Mestre Juca do Balaio** (Cale Alencar)
Calé Alencar
- 35 - Ceará, Terra da Luz, Berço da Liberdade** (Calé Alencar)
Calé Alencar
- 36 - Nossa Paz é de Oxalá** (Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues)
Pingo de Fortaleza
- 37 - De Boca Aberta para o Mundo** (Pingo de Fortaleza, Raimundo Alves Feitosa, Mestre Juca do Balaio, Afrânio Rangel e Alan Mendonça)
Pingo de Fortaleza

Observações:

Faixas de 01 a 05: Gravações realizadas em 1943 por Luís Heitor Correia de Azevedo (CD “Music of Ceará and Minas Gerais”).

Faixas de 06 a 30: Gravações realizadas por Pingo de Fortaleza, de junho a dezembro de 2005 (inéditas).

Faixa 31: Gravação realizada em 2000 por Pingo de Fortaleza (CD “Cancioneiro de Canudos”).

Faixa 32: Gravação realizada em 2002 Pingo de Fortaleza (CD “Solo Feminino”).

Faixa 33: Gravação realizada por Pingo de Fortaleza e Calé Alencar, ao vivo, em 1999, no Teatro do IBEU (CD “Dragão Vivo”).

Faixas 34 e 35: Gravação realizada em 2005 por Calé Alencar (Loas de Maracatu – Cantigas de Liberdade).

Faixa 36: Gravação realizada em 2005 por Pingo de Fortaleza (CD “Solo Feminino 2”).

Faixa 37: Gravação realizada em 2006 (04/10) por Pingo de Fortaleza (Inédita).

Glossário

Ádrio: pátio localizado em frente as igrejas.

Afoxé: Cortejo carnavalesco integrado por negros que cantam melodias do candomblé em nagô ou yorubá.

Auto: Forma teatral de enredo, acompanhada de bailados e cantos.

Babalorixá: É o pai-de-santo, zelador, pai-de-terreiro, o mestre, guia terreno, governador espiritual e administrador do candomblé.

Bonequeiro: No Ceará, o mesmo que mamulengueiro, artista que desenvolve trabalhos com teatro de bonecos.

Brincante: Participante de folguedo.

Cambinda ou Cambimba: Também sinônimo de Maracatu e Nação, atualmente cordão de negras existentes em cidades do Pernambuco e Paraíba.

Cariongos: Soldados do Rei Henrique Cariongo (Rei do Congo).

Carão: Expressão popular cearense que designa advertência.

De pronto: Expressão popular que designa momento de preparação

Fandangos: Folguedo dos marujos ou Marujada, e ainda Chegança dos Marujos ou Barca, e também Nau Catarineta.

Folguedos: Manifestações artísticas temáticas contendo teatro, música e dança.

Gongar: ato de tocar pequeno tambor denominado Gonguê.

Ifá: Colar feito de nozes da palmeira africana Okpê-lifá, mantendo estreita ligação com o orixá Ifá, através do qual torna-se possível consultar o futuro.

Loa: Expressão advinda da palavra louvação. Significa canção de Maracatu.

Maculelê: Jogo e dança com bastões muito comuns nos grupos de capoeira.

Macumba: Culto religioso afro-descendente. Sincrético a partir das matrizes africanas e das pajelanças indígenas. Antigamente usado também para designar Maracatu e suas canções.

Morim: Pano branco e fino de algodão.

N'ginga: Uma referência a rainha banto Ginga N'bandi.

Nação: O mesmo que maracatu.

Negrume: Característica dos maracatus cearenses ao pintarem os rostos de seus brincantes de negro.

Orixás: Divindades da religião iorubana presente nas religiões afro-brasileiras. Simbolizam as forças naturais.

Oxalá: É o maior dos orixás. Simboliza as energias produtivas da natureza.

Papangus: Figuras carnavalescas vestidas com lençóis, muito comuns nos carnavais antigos de Fortaleza.

Tirador de Loa: Figura no maracatu responsável por interpretar suas canções, antigamente chamado de Macumbeiro.

Índice de figuras

Figura 1 - Acervo Maracatu Az de Ouro, 2000	16
Figura 2 - Acervo Afrânio Rangel, 1958, digitalização Casa da Memória Equatorial	21
Figura 3 - José Fernando Souza	25
Figura 4 - Acervo Afrânio Rangel, 1958, digitalização Casa da Memória Equatorial	26
Figura 5 - Joselito Araújo, mapeamento cultural de Aquiraz, 2003	29
Figura 6 - Acervo Padre Hélio, 1960	30
Figura 7 - Joselito Araújo, mapeamento cultural de Aquiraz, 2003	31
Figura 8 - Joselito Araújo, mapeamento cultural de Aquiraz, 2003	31
Figura 9 - Calé Alencar	32
Figura 10 - Acervo Afrânio Rangel, 1958, digitalização Casa da Memória Equatorial	33
Figura 11 - Banco de dados jornal O Povo, 1940	34
Figura 12 - Banco de dados jornal O Povo, 1940	35
Figura 13 - Correio do Ceará, 1950	37
Figura 14 - Acervo Afrânio Rangel, 1958, digitalização Casa da Memória Equatorial	38
Figura 15 - Correio do Ceará, 1950	39
Figura 16 - Acervo Afrânio Rangel, 1958, digitalização Casa da Memória Equatorial	40
Figura 17 - Acervo Afrânio Rangel, 1958, digitalização Casa da Memória Equatorial	41
Figura 18 - Correio do Ceará, 1958	41
Figura 19 - Acervo Afrânio Rangel, 1965, digitalização Casa da Memória Equatorial	43
Figura 20 - Acervo Afrânio Rangel, 1966, digitalização Casa da Memória Equatorial	44
Figura 21 - Acervo Az de Ouro, 1976, digitalização Casa da Memória Equatorial	45
Figura 22 - Acervo Chico Batista, 1980, digitalização Casa da Memória Equatorial	46
Figura 23 - Acervo Az de Ouro, 1982, digitalização Casa da Memória Equatorial	47
Figura 24 - Mário Thé	49
Figura 25 - Acervo Maracatu Az de Ouro	50
Figura 26 - Pingo de Fortaleza, digitalização Marildo Maciel	51
Figura 27 - Pingo de Fortaleza, digitalização Marildo Maciel	51
Figura 28 - Amatércio	52
Figura 29 - Amatércio	55
Figura 30 - Carlos Cardoso	56
Figura 31 - Carlos Cardoso	57
Figura 32 - Panfleto	58
Figura 33 - Wilton Matos	61
Figura 34 - Wilton Matos	63
Figura 35 - Wilton Matos	64
Figura 36 - Wilton Matos	65
Figura 37 - Mário Thé	66
Figura 38 - Acervo Afrânio Rangel, 1967, digitalização Casa da Memória Equatorial	69
Figura 39 - Banco de dados do jornal “O Povo”	70
Figura 40 - Pingo de Fortaleza	73
Figura 41 - Calé Alencar	74
Figura 42 - Acervo Az de Ouro, digitalização Casa da Memória Equatorial	92
Figura 43 - Amatércio	94
Figura 44 - Acervo Afrânio Rangel, 1955, digitalização Casa da Memória Equatorial	96
Figura 45 - Pingo de Fortaleza	97
Figura 46 - Acervo Afrânio Rangel, 1954, digitalização Casa da Memória Equatorial	99
Figura 47 - Pingo de Fortaleza	109
Figura 48 - Wilton Matos	111
Figura 49 - Pingo de Fortaleza	116
Figura 50 - Acervo Iran, digitalização Casa da Memória Equatorial	117

Figura 51 - Acervo “Clementino”	119
Figura 52 - Pingo de Fortaleza	122
Figura 53 - Pingo de Fortaleza	124
Figura 54 - Pingo de Fortaleza	128
Figura 55 - Pingo de Fortaleza	164
Figura 56 - Marildo Maciel	166
Figura 57 - Mário Thé	167
Figura 58 - Mário Thé	167
Figura 59 - Mário Thé	167
Figura 60 - Mário Thé	168
Figura 61 - Mário Thé	168
Figura 62 - Mário Thé	168
Figura 63 - Mário Thé	169
Figura 64 - Mário Thé	169
Figura 65 - Mário Thé	169
Figura 66 - Mário Thé	169
Figura 67 - Mário Thé	170
Figura 68 - Mário Thé	170
Figura 69 - Mário Thé	170
Figura 70 - Mário Thé	170
Figura 71 - Mário Thé	171
Figura 72 - Mário Thé	171
Figura 73 - Mário Thé	174
Figura 74 - Mário Thé	174
Figura 75 - Mário Thé	174
Figura 76 - Mário Thé	175
Figura 77 - Mário Thé	175
Figura 78 - Mário Thé	175
Figura 79 - Mário Thé	176
Figura 80 - Mário Thé	176
Figura 81 - Mário Thé	177
Figura 82 - Mário Thé	177
Figura 83 - Mário Thé	178
Figura 84 - Mário Thé	178
Figura 85 - Mário Thé	179
Figura 86 - Mário Thé	179
Figura 87 - Banco de dados jornal O Povo, 1944	180
Figura 88 - Correio do Ceará, 1950	180
Figura 89 - Banco de dados jornal O Povo, 1992	180
Figura 90 - Banco de dados jornal O Povo, 2002	181
Figura 91 - Jornal francês	181

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Calé. **Origem e Evolução do Maracatu no Ceará**. BNB: Fortaleza – CE, 2007.

AMORIM, Maria Alice e BENJAMIM, Roberto. **Carnaval, Cortejos e Improvisações**. Fundação de Cultura da Cidade do Recife: Recife – PE, 2002.

ANDRADE, Mario. **Os Congos I, Diário de São Paulo**. São Paulo – SP, 1934.

_____. **A Calunga dos Maracatus**. : Porto Alegre – RS, 1950.

BAR, Gaspar, História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil. 1647.

BARROSO, Gustavo. **À Margem da História do Ceará**. Imprensa Universitária do Ceará: Fortaleza – CE, 1962.

_____. **Ao som da viola**. Departamento de Imprensa Nacional: Rio de Janeiro – RJ, 1950.

_____. **Através dos Folclores**. Companhia Melhoramentos de São Paulo: São Paulo – SP, 1927.

_____. **Coração de Menino. In. Memórias de Gustavo Barroso**. Governo do Estado do Ceará: Fortaleza – CE, 1989.

_____. **Idéias e Palavras**. Livraria Editora Leite Ribeiro e Maurílio: Rio de Janeiro – RJ, 1917.

BENJAMIM, Roberto. **A África Está em Nós**. 1º VOL, 2003.

CÂMARA, Cascudo. **A Rainha Ginga no Brasil. In Made in África**. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro – RJ, 1965.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Editora Itatiaia. Belo Horizonte – MG: 1943.

COSTA, Pereira – Folclore Pernambucano, 1908.

EMANUELA, Francisca, **Maracatus de Fortaleza – entre a modernidade e a tradição**. 2005. Inédito.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. Secretaria de Educação /Irmãos Vitale: Recife – PE. 1980.

MAIOR, Mário Souto. **Dicionário de Folcloristas Brasileiros**. 2ª ed. 2000.

NOGUEIRA, João. Revista Instituto do Ceará, Fortaleza, 1934.
_____. **Fortaleza Velha**. Imprensa Universitária da UFC: Fortaleza - CE, 1981.

PIRES, Sergio. **Ispaia Brasa, O Bloco que foi Escola**. Equatorial Produções: Fortaleza - CE, 2005.

RANGEL, Afrânio. **Macumbas que o maracatu de Fortaleza, Ceará, cantava nas décadas de 1940 a 1960**. Inédito, 2000.

SORIANO, Aderaldo Mozart. **O Canto Amarelo**. Instituto do Ceará: Fortaleza - CE, 1990.

TINHORÃO, José Ramos. **Os Sons dos Negros no Brasil**. Arte Editora: São Paulo - SP, 1988.

_____. **Os negros em Portugal - uma presença silenciosa**. Editorial Caminho: Lisboa - Portugal, 1988.

TUPINAMBÁ, José. **História de Sobral**. 2ª Edição, Editora Henriqueta Galeno: Fortaleza - CE, 1974.

JORNAIS E OUTROS DOCUMENTOS.

Correio do Ceará - Janeiro, fevereiro e março de 1937 a 1960.

Diário de Nordeste - Janeiro, fevereiro e março de 1980 a 10/06/2007.

Estatuto das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário de cidades cearenses - 1850 a 1900.

Livro de Atas do Maracatu AZ DE OURO - 1980 a 19/06/2007.

Mapeamento Cultural de Aquiraz. Secretaria de Cultura de Aquiraz. 2005. Inédito.

O Povo - Janeiro, fevereiro e março de 1940 a 2006.